

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

**Fazer-se uma entre muitas: trajetórias entre mulheres de uma
antropóloga guarani**

Dissertação de mestrado apresentado por Jacy Cariz Duarte Vera, sob orientação da Profa. Dra. Lauriene Seraguza Olegário e Souza, como requisito para obtenção do título de mestra em Antropologia na Universidade Federal da Grande Dourados.

DOURADOS

Novembro/2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Fazer-se uma entre muitas: trajetórias entre mulheres de uma antropóloga guarani

Banca de defesa

Professora Dra. Lauriene Seraguza Olegário e Souza (UFGD, orientadora, presidente)

Professor Dr. Diógenes Egídio Cariaga (UEMS, titular)

Professora Dra. Aline Castilho Crespe (UFGD, titular)

Professora Dra. Amanda Cristina Danaga (UEMS, titular)

Professora Dra. Rosa Sebastiana Colman (UFGD, suplente)

Professora Dra. Anna Carolina Horstmann Amorim (UEMS, Suplente)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

V474f Vera, Jacy Cariz Duarte

Fazer-se uma entre muitas: : trajetórias entre mulheres de uma antropóloga guarani [recurso eletrônico] / Jacy Cariz Duarte Vera. -- 2024.

Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Lauriene Seraguza Olegário e Souza.

Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2023.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Mulheres Kaiowa e Guarani,. 2. Mato Grosso do Sul,. 3. Antropologia Indígena. I. Souza, Lauriene Seraguza Olegário E. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à *Ñanderu* que me permitiu trilhar esses caminhos de buscar conhecimento e ao meu filho João Pablo Duarte Vera Mota pelos muitos momentos que não pude me dedicar a ele durante esse período, criança pequena, sem entender nada, estava ali perto de mim falando sempre, me fazendo companhia, o que me dava forças.

Aos meus familiares que estiveram sempre para ajudar, independente das situações, às mulheres da minha comunidade *tekoha Yvykuarusu/Takuaraty* pela luta diária, à *Ñandesy Celeste* que apesar da distância, nunca deixamos de nos falar.

À minha orientadora Lauriene e ao meu orientador Diógenes que estiveram comigo nesse período complicado de pandemia, e em situações pessoais complicadas passadas estavam ali, mesmo distante, estavam perto e por não desistirem de mim.

À Dona Juliana que com muito aperto no coração pediu que eu deixasse registrado no papel escrito esses ensinamentos para os próximos que procurarem.

E, para mim mesmo, por ser essa mulher que hoje sou, por passar por cada etapa, por conseguir chegar até aqui, por fazer a diferença na vida de algumas mulheres e conhecer um lado meu que eu não conhecia, o que me fez fazer e conhecer o eu que está em processo constante.

Resumo:

A pesquisa “Fazer-se uma entre muitas: trajetórias entre mulheres de uma antropóloga guarani” buscou conhecer um pouco sobre as mulheres de minha própria família e das comunidades Yvykuarusu/Takuaraty e Reserva Pirajuí, do município de Paranhos em Mato Grosso do Sul, com objetivo de conhecer mais e escrever sobre o que elas querem falar pois, muitas vezes ninguém as ouve, coisa que, ultimamente, vem dificultando ainda mais. As novas gerações vêm inovando em muitas situações, sem praticar o *ñandereko* - modo de viver guarani/kaiowá -, e isso vem dificultando a vida dos jovens e crianças. O diálogo com essas mulheres é para conhecer um pouco mais sobre o modo de vida delas, para ser uma mulher que tenha saúde, para que tenha vida longa e viver bem na sociedade. Também hoje sabemos que temos que batalhar por espaço na sociedade como mulher, como *ñandesy*, mostrar que temos valor, sim, sabemos que herdamos de nossos antepassados, os saberes que precisam ser mostrados. Hoje em dia aceitamos que fique no papel porque somos procuradas em diversas situações em busca de remédios, quando estão doentes, em especial as mulheres. Durante todo percurso da pesquisa, fui buscar entender porque para a mulher tudo parece ser mais complicado no seu modo de ser: ela menstrua, sangrando todos os meses, carrega filhos nove meses na barriga, sofre muito no parto para fazer nascer, depois de nascer vem a recuperação com a dieta de pós-parto, a amamentação, depois ainda tem que educar, independente do sexo da criança. E, ela carrega consigo que, se tiver uma filha mulher, ainda tem que passar para a filha tudo o que aconteceu com ela durante sua caminhada de vida de mulher e esta tradição tem que ser repetida. Quer que seu *ñemoñare* (filhas) sigam o mesmo caminho que uma mulher saudável, para ter uma longa vida em sua comunidade e que carregue esses seus saberes consigo mesma. Ela procura saber para repassar seus conhecimentos - *reko, rekorã* - o passo a passo do processo. Convivendo com elas, ouvindo-as e depois traduzindo para mim, além de eu mesma estar ali vivendo tudo que falaram foi uma sensação indescritível. A pesquisa feita foi com *ñe'êngatu, guata* e *ñomongueta* – caminhadas na roça, tomando chimarrão com as mulheres, conversas e conselhos que aconteceram entre as mulheres falando como foi a educação e os cuidados antigamente e como são hoje, bem como o que pode estar acontecendo com o passar do tempo com essas novas gerações que não praticam mais o *teko marangatu hekovepe*, que não tem mais uma vida saudável.

Palavras Chaves: Mulheres Kaiowa e Guarani, Mato Grosso do Sul, Antropologia Indígena

Tembiapoñe'emombe'upyrã:

Ko jeheka ajapo va'ekue há'e pe japo heta ndive kuñakuera reko ojeporekava teko maymava rehe guarani. Oheka oikuaave haguã kuña kuera che ypy kuera voi ha aveí pe tekoha guasupe gua avei herava yvykuarusu/Takuaraty ha avei tekoha Pitajuy opyta ko tekoha karaí kuera mba'eva Paranhospe Mato Grosso de Sul, pe ha'e ikatu haguãicha ojekuaauka há avei ojehecha aguãicha mba'epa pe kuña kuera omombe'use, heta ara ma ohasa há noñehendui gueteri chupe kuera, upe ou há noñepenai, hese kuera. Umi ipyahuva ou heta ombopyahu, há ndoiporuveima pe ñandereko-mba'eichapa jeiko rã guarani/kaiowá-,upe uguãhe ndoiporukatuveima há umi ipyahuva há umi mitã kuera avei. Pe ñomomgueta há'e kuña kuera reheve há'e upearehe mba'eichapa há'e teko há'e rupiete, mba'eichapa pe jeiko ikatu haguãicha oiko tesãi pe, oguereko haguãicha pe tekove puku há jeiko porã haguã opavave ndie. Upe apyytepe avei jaikuaa tekoteve jaikokuaa jahupyty haguaicha kuña aguaicha tendotarã ikatu haguãicha ñañehenduka avei, ñadesy haichaite ogehuka avei ñanemomba'e haguãicha avei, ñande ypykuera oheja va'ekue ikatu haguãicha jachuka avei pe jaikuaava ojechuka va'erã. Ko ará rupi ko ojehejama opyta haguãicha hañharehe ojehekagui opaicha, poha rekapa,hasyva, pe ohekaveva vai há'e kuña kuera. Pe guata ajapohape, aheka aikuaa haguã mba'egui kua kuerape opa mba'e ijety'yve pe heko rãpe: ha'e huguy heta jasye ha'e huguy, oguereko mitã hype orundy jasy, heta oiko asy oguereko hagua me mitã, uperire atu oñepohano há oñeñagareko va'era okuera haguã jey, upei omokambu va'era pe mitã ijehe, upei há'ejeunte oheko mbo'e va'era imemby kuña ha kuimba'erõ há'e voi ojapopava'era. Kuña há'e oguerokakuaa hendie imambyrõ kuña tekoteve hina, tekoteveha hina ombo'e chupe opa mba'e ojechuka va'ekue chupe hekorã pe hekorã oiko aja pukukue oiko aja. Upeicha pe iñemoñare kuera tekoteve ombohasa pe oipyhy va'ekue pe iñemoñare kueragui ikatu haguãicha opavave hesai há oikoparã haguaicha mamoo ohohape. Pe oikuaava oheka ombohasa haguãicha ambuepe pe ikaapy, reko, rekorã- pe hekohaichaite. Pe aiko jave hendie kuera ahendu chupe kuera upei ahai cheve kuarã, cheve voi he'i aikuaa hendie kuera aiko hendie kuera upepe há'e pe ñeñandu ndakuaai mba'eicha ahaita ape, avy'a upearehe. Ko jeheka ojehe pe ñe'engatu, guata, ñomongueta, guata kokue harupi, ka'ay harupi kuñakuera ndie, ñe'e porã avei teko porãrã rehe avei he'i yma ve mba'eichapa raka'e pe tekorã há pe teko mbo'e rã'ka'e upe ymave ra'ka'e, ko ara rupi umi ipyahyveva ndojapokatuveima hekoitepe opa mba'e pe teko marangatu hekovepe,há ndoguererekokatuveima pe heko porã hesãirã.

Ñe'ẽ mbarete: Kuña kuéra Kaiowa ha Guarani, Mato Grosso do Sul, Antropologia Indígena

Abstract:

The research project "Becoming one of many: a Guarani anthropologist's trajectories among women" sought to get to know a little about the women in my own family and in the Yvykuarusu/Takuaraty and Reserva Pirajuí communities in the municipality of Paranhos in Mato Grosso do Sul, with the aim of getting to know them better and writing about what they want to say, because often nobody listens to them, something that has become even more difficult lately. The new generations have been innovating in many situations, without practicing the ñandereko - the Guarani/Kaiowá way of life - and this has made life difficult for young people and children. The dialog with these women is to learn a little more about their way of life, to be a woman who is healthy, to have a long life and live well in society. Even today we know that we have to fight for space in society as women, as ñandesy, to show that we have value, yes, we know that we have inherited from our ancestors, the knowledge that needs to be shown. Nowadays we accept that it stays on paper because we are sought out in various situations in search of medication when they are ill, especially women. Throughout my research, I tried to understand why everything seems to be more complicated for women: they menstruate, bleed every month, carry their children for nine months in their bellies, suffer a lot in childbirth to give birth, then recover from the postpartum diet, breastfeed, and then have to raise them, regardless of the child's sex. And she carries with her that if she has a daughter who is a woman, she still has to pass on to her daughter everything that happened to her during her journey as a woman and this tradition has to be repeated. She wants her ñemoñare (daughters) to follow the same path as a healthy woman, to live a long life in her community and to carry this knowledge with them. She tries to learn how to pass on her knowledge - reko, rekorã - the step-by-step process. Living with them, listening to them and then translating for me, as well as living everything they said, was an indescribable feeling. The research was done with ñe'ëngatu, guata and ñomongueta - walks in the fields, drinking mate with the women, conversations and advice that took place between the women about how education and care was in the past and how it is today, as well as what may be happening over time with these new generations who no longer practice teko marangatu hekovepe, who no longer live a healthy life.

Key Words: Kaiowa and Guarani women, Mato Grosso do Sul, indigenous anthropology

Lista de Siglas e Abreviações

MS – Mato Grosso do Sul

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

AIS – Agente Indígena de Saúde

FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas

SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

PPGANT – Programa de Pós Graduação em Antropologia

Lista de Imagens

| | |
|---|----|
| Figura 1 Vista aérea da aldeia Yvykuarusu/Takuaty. Fonte:Projeto Forte Iguatemi, UFMS, 2022. | 21 |
| Figura 2 – Mapa da tekoha Yvykuarusu/Takuaraty (SERAGUZA, 2013) | 21 |
| Figura 3- Che Ypy kuéra – parte de minha família meu pai Otávio Vera, minha mãe Aquemi Duarte, minha avó Candida Morales, minha irmã Kelly, meu filho João e eu. 27 | |
| Figura 4 Tio Huto, Tia Analisa, minha mãe Aquemi e meu pai Otávio nos tempos de estudantes na Missão. Foto de meu arquivo pessoal. | 30 |
| Figura 5 Estudando junto com tia Analisa | 36 |
| Figura 6 Eu, professora Jacy, com meus alunos e alunas, na escola Pancho Romero, 2023. | 38 |
| Figura 7 guata che pehegue dyna vanessa há avei che iru kuera mbo'ehara julia, celia, ha temimbo'e Solange ndive. | 43 |
| Figura 8 - eu Jacy amamentando meu filho João. | 67 |
| Figura 9 manga ysy e um goma tirado de árvore para dores forte de cabeça..... | 71 |
| Figura 10 tekoha Pirajui buscando remédio com minha vó Cantalícia, minha mãe Aquemi e João meu filho..... | 75 |
| Figura 11 takuaraty ñande sy carmelita me mostrando a roça dela e ainda me deu melancia..... | 88 |
| Figura 12 minha mãe Aquemi e vó Cantalicia tirando remédio..... | 93 |
| Figura 13 minha vó paterno cândida Morales tirando remedio para meu pai tomar na chimarrão. | 93 |

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a *Ñanderuvusu* por tudo, pois sem a permissão dele, eu não teria força, saúde e sabedoria. Segundo, agradeço ao meu filho João Pablo Duarte Vera Mota, por estar comigo nesta missão. Muitas vezes, desde pequeno, eu sempre contei tudo a ele, que “a mamãe precisa estudar e trabalhar, mas isso é para mim e para você”. Mesmo que não compreendesse, eu lhe falava. Foi um tempo muito complicado para nós dois.

Agradeço aos meu pais, Otavio Vera e Aquemi Duarte, que, em muitas situações, gostariam da minha atenção, mas eu não podia, mas, de uma certa forma, compreenderam com o tempo. Às minhas irmãs, Abigail Vera a Dyna Vanessa Duarte Vera, Kelly Duarte Vera, Jaine Duarte Vera, Tarçon Vera, muitas vezes embarcaram comigo nas minhas loucuras da antropologia da vida. Durante minha pesquisa, me ajudaram a cuidar do João, e, quando precisei, me carregaram para alguns lugares às 4 horas da manhã de moto na estrada com muita lama.

Aos meus cunhados, Derlis Jara, Ricardo Machado, Cleberson Gonsalves, Silvio Colmam, em muitos momentos, sem saber, acabaram me ajudando nesse momento da minha caminhada - *guata*. À minha única cunhada, Josiane Fernandes, que, durante esse período, chegou na nossa família, e, em várias situações, me salvou também.

Ao meu sobrinho, Lucas Vera Figueredo, que me deu o título de tia e aos meus pais, a oportunidade de serem avós pela primeira vez. Às minhas sobrinhas, Chamilly Vera Jara, uma linda moça que chegou logo depois; Ayra Vera Gonsalves, que veio de passagem muito rápida em nossas vidas, mas foi embora morar no céu; Jady Vera Jara, a moça linda que, em muitas ocasiões, sempre chegava em casa quando eu estava correndo contra o tempo e não podia dar atenção a ela; Zoe Fernandes Vera, que chegou como uma surpresa linda para alegrar nossas famílias. Estas são as pessoas do meu convívio diário, que, muitas vezes, acompanharam minha luta diária, minhas revoltas, meus estresses, às quais agradeço por estar comigo nas minhas loucuras da vida.

Aos meus avós maternos, Feliciano Duarte, Cantalicia Benites, pessoas maravilhosas, com que posso estar até agora convivendo e compartilhando seus conhecimentos; aos meus avós paternos, Cândida Morales e Mario Vera (falecido), cuja saudade é diária de todos os familiares; independente de onde ele está, ele sempre torcia

para que seus filhos e netos estudassem, por isso, essa homenagem é para ele: Obrigada vô Mario, por cada lembrança que temos do senhor.

Quero agradecer à minha professora, Analiza Bull Vera, que foi minha professora alfabetizadora e me ensinou muitas coisas da língua portuguesa. Ao senhor liderança Miltinho Lopes, que me deu oportunidade em 2006, de dar aula na escola Municipal Indígena Pancho Romero, aí descobri meu caminho na educação escolar indígena e ele acreditou em mim e aqui eu estou. Ao líder atual, Ubaldo Fernandes que também acredita no meu trabalho e na minha pessoa, apesar de que, muitas vezes, no início, fui muito julgada por estar uma mulher como coordenadora da escola; à sua esposa, Odila Brites, que é uma mulher muito forte e guerreira e a todos os seus familiares.

Agradeço a todas por estar rodeada de mulheres maravilhosas, por compartilhar comigo suas histórias e narrativas, por confiarem em mim e poder viver cada história contada por elas, por gostarem de contar suas vidas e preocupações com as futuras gerações que, devido a tantos acontecimentos, podem não acreditar mais em nossa cultura. À dona Juliana Duarte, moradora antiga da Yvukuarusu, dona de grande sabedoria, que me acolheu na sua casa; dona Isabel, uma parteira que conheci desde bem pequena, muito conhecida, que arruma as crianças com “coalho virado” que os médicos *karaí* (não indígena) não conhecem. Dona Celeste, a *Ñandesy* que acompanhei quando morou na nossa aldeia, depois ela foi embora, mas depois de muito tempo nos reencontramos.

Quero também agradecer a *mbo'ehara* Rosa Colmam que me ajudou no início do meu projeto e me acolheu em sua casa. Ao meu primeiro orientador, Diógenes Cariaga, que, sem me conhecer direito, me aceitou muito bem, para me suportar e correr atrás de mim, com muitos desencontros, a atenção que eu e meu filho João recebíamos dele, sempre muito compreensivo, muito calmo, embora, às vezes, com muita paciência, foi preciso me dar uma chacoalhada para sair alguma coisa, ou mesmo para dar início em algo. Obrigada por tudo.

Agradeço imensamente a minha orientadora de última hora, mas que estava sempre no meu pé, Lauriene Seraguza, que é como uma irmã mais velha, que está ali, empurrando sempre para trabalhar, com uma certa pressão, mas positivamente. Ela é uma pessoa que conheci quando entrei no Teko Arandu e que, desde então, acompanhou minha caminhada (*guata*) em todos os sentidos da minha vida profissional e sentimental. É uma pessoa que minha família tem um respeito muito grande, tendo conquistado a família

toda. Nos distanciamos por certo período, por motivo de trabalho, sofremos muito, mas parece que ela tem espírito de guarani e kaiowá, cuja ligação muito forte que a pessoa tem com os povos originários nos aproxima muito. Essa orientadora foi um espelho para minha caminhada no período da faculdade, nunca me deixou desistir no período mais difícil, sempre acreditou na minha pessoa até hoje, no período de pós-graduação. Ela fez acordar o que estava adormecido em mim - os conhecimentos que eu já tinha - mas precisava de alguém como ela para me ajudar a achar isso dentro de mim, e também me ensinou a fazer pesquisa, depois eu fiz a minha própria.

Agradeço também à minha professora, Tatiana Rojas, da época de graduação, com a qual até hoje mantemos contato e convívio, me ajudando a manter o equilíbrio emocional, trocando experiências de conhecimento ocidental e tradicional e, principalmente, maternal. À pessoa que admiro muitíssimo, a *mbo'ehara* Veronice Rossato, uma mulher espetacular que está na luta com os Guarani e Kaiowá; eu só observo as atitudes dela; ela se manifesta de uma maneira que admiro demais, muitas vezes que acompanhei ela, percebi que ela tem sede de justiça a favor dos povos Guarani e Kaiowá, na fala dela sinto um desespero, ela quer que se resolva rápido. Vejo essa preocupação dela e isso me inspira mais e mais. E, finalmente, gratidão ao Frei Alido, que trabalhou com os indígenas na Yvykuarusu/Takuaraty, com quem aprendi muitas coisas e ajudou muito a população, de uma maneira que poucos fizeram.

Sumário

| | |
|--|-----|
| Considerações Iniciais | 14 |
| Encontrar e misturar a antropologia..... | 14 |
| A pesquisa..... | 15 |
| Tekoha Yvykuarusu /Takuaraty – Aldeia Paraguasu..... | 19 |
| Capítulo I..... | 24 |
| Nascer e crescer mulher entre os Kaiowa de Yvykuarusu | 24 |
| 1.1. A caminhada de meus pais – <i>che ypy kuéra</i> | 26 |
| 1.2. Aprender a lutar pela terra junto aos Kaiowa - A retomada de <i>Takuaraty</i> | 30 |
| 1.3. Andar por outros caminhos – <i>kuña kuéra oguata</i> | 35 |
| Capítulo II..... | 57 |
| Viver como uma mulher guarani e kaiowá entre outras | 57 |
| 2.1. Fazer-se mulher guarani e kaiowa | 60 |
| 2.2. Levantar entre mulheres guarani e kaiowa | 73 |
| 2.3. <i>Kuña reko</i> – o jeito de ser mulher | 81 |
| Capítulo III | 85 |
| Trajetórias entre mulheres de uma pesquisadora mulher Guarani e Kaiowa | 85 |
| 3.1. Memórias e história do fazer mulheres | 87 |
| 3.2. Fazer corpo – <i>kuña kuéra rete</i> | 90 |
| 3.3. Falar como mulher guarani e kaiowa..... | 101 |
| Considerações Finais | 104 |
| Bibliografia..... | 106 |

Considerações Iniciais

Encontrar e misturar a antropologia

Minhas memórias contam uma história sobre quem sou eu hoje, como conheci os antropólogos e antropólogas, como me encontrei com a antropologia, porque quis fazer uma pesquisa com a antropologia.

A mãe, mulher e professora-pesquisadora que sou hoje é um processo de muitas caminhadas (*oguata*), entre muitas convivências, diálogos e também de muitas discussões e preconceitos. No início houve muitos desencontros de conhecimentos, por que foi um processo muito rápido, tudo tinha que ser processado antes do tempo e, ao mesmo tempo, estudar, conhecer e escrever antropologia, a partir da minha vivência com e entre as mulheres, seus conhecimentos e suas regras, que, muitas vezes, ainda é um tabu para as próprias mulheres.

A antropologia me mostrou o caminho a percorrer, conhecer mais a vida das mulheres, suas histórias e conhecimentos que, muitas vezes, ainda estão guardadas com elas, por causa do medo de serem julgadas. Poucas pessoas procuram saber mais sobre certos conhecimentos para dar continuidade aos saberes tradicionais, como o das parteiras, que hoje são desvalorizadas por muitas instituições governamentais que exercem seu trabalho nas comunidades indígenas.

Fiquei seis anos parada, no sentido de não participar de eventos e encontros que costumava participar, realizando viagens para representar a educação escolar de minha aldeia, fiz esse intervalo para processar teorias e o percurso que poderia me levar a fazer o que eu gostaria nessa caminhada. Também carreguei comigo as convivências que tive com algumas antropólogas, como a Lauriene, a que mais me incentivou. Mesmo com muitas dificuldades, ela sempre acredita que “vai dar tudo certo”, me fazendo acreditar em mim mesmo como mulher guarani e kaiowá, durante esse *oguata* na minha vida.

Nas minhas lembranças de criança, minha convivência sempre foi com as mulheres, tanto com as indígenas, como com as não indígenas. Na minha infância já ouvia muito os antropólogos como o Levi Pereira e Antônio Brand, que também são referências para mim, por fazer muito pela retomada do Takuaraty, nos meados dos anos de 1990. Não tinham preconceito com os indígenas, sobre conquistar o nosso espaço. Na Yvykuarusu/Takuaraty, os mais antigos falavam muito deles, incluindo meu pai. Entre

eles, quem é bem conhecida entre as mulheres dessa mesma época é a Veronice Rossato, que também ficou na memória dos Kaiowá por aqui. Durante o meu processo de formação do nível superior, tive a oportunidade de ter como professor o Antonio Brand, Levi Pereira, Veronice e Lauriene.

Mas o que mais me motivou foi mesmo ser mãe do João, que me mostrou o caminho para fazer acontecer e escrever no papel (*kuatia*), porque via muitas coisas que poderia estar fazendo às outras pessoas para verem como é ser mulher guarani e kaiowá, mesmo que, hoje em dia, vivamos juntos e misturados, respeitando a história de cada um, pois sempre é importante ouvir o que têm para contar.

Eu já tinha vivido um processo dentro da cultura de meu povo, desde meu nascimento, mas depois de engravidar, tive outros processos, no parto outro, o processo de cuidados com a criança, a recuperação, a dieta da mãe e outros cuidados mais delicados ainda. Apesar de ser mãe solteira, o que não era ainda aceito na minha sociedade familiar, eu não vi isso como algo ruim, pois trabalhei como professora durante a gravidez até os 7 meses de gestação, depois fiquei em casa me cuidando, tomando remédio, fazendo massagens, tomando banho de remédios, cuidando da alimentação, frequentando a casa do rezador, tudo como manda a nossa tradição. Isso foi muito bom porque consegui processar tudo o que precisava para ter uma criança saudável.

Acredito que tudo isso me fez pensar em escrever antropologia e ela abriu a possibilidade de escrever de uma maneira que inclui todo o processo que vivenciei. Percebi, assim, que não tem limite para que a antropologia aconteça.

A pesquisa

Aprendi a fazer pesquisa entre 2011 e 2013, com a professora Lauriene, quando permaneceu na casa dos meus pais para fazer as pesquisas dela e eu a acompanhei, como companheira e tradutora – de língua e da vida guarani e kaiowa, andando pela aldeia, conversando com ela e com as mulheres de minha *tekoha*. Isso foi uma experiência para a vida toda e que levo comigo, hoje, na pesquisa que faço com as mulheres, nas comunidades por onde eu ando. A maior parte da pesquisa aqui apresentada foi feita com as mulheres do meu convívio, de minha parentela, como minha mãe, minhas irmãs e também pessoas que conheço desde muito pequena na comunidade em que vivo. Isso facilitou muito para iniciar a escrita da pesquisa no papel. Na comunidade onde eu moro,

as pessoas confiam muito em mim; quando chego, sou sempre muito bem recebida em suas casas, independentemente se são pais de alunos, pessoas mais velhas, rezadores/as ou parteiras. Eles conversam muito comigo, contam coisas de dor, muitas vezes suas revoltas e preocupações. Eu os ouço muito e dou atenção a estas pessoas, porque é o momento deles, já que, muitas vezes, os familiares não os visitam mais ou nem dão importância para o que falam ou deixam de falar; fico escutando-os, pois precisam de alguém apenas para ouvi-los e tirar o que têm de dor e preocupações.

Então, eu mandava um aviso por pessoas próximas, perguntando se tal dia poderia me receber. Aconteceu algumas vezes que voltava o recado porque naquele dia a pessoa não podia, pois iria à cidade receber sua aposentadoria, mas poderia no outro dia. Fui, então, nesse tal dia marcado, mas novamente não estava, pois foi outra vez para a cidade, que não tinha recebido no dia anterior, porque não tinha dinheiro no banco. Retornei no outro dia e a pessoa já estava lá e me recebeu pedindo desculpas pelo dia anterior, que não teve mais tempo de me avisar para que eu não perdesse a viagem. Falei que “não foi nada, isso acontece e serviu para eu fazer caminhada, isso faz bem”. E então, fui recebida por pessoas muito sorridentes e felizes. Quando se sentem à vontade e confiantes, elas já vão contando as coisas, não falta assunto, a conversa fica muito gostosa e produtiva. Começam a contar como a notícia de que eu iria visitá-las chegou para elas e como a receberam. Esperam ansiosas por esses momentos, pois são assuntos que gostam de falar. Logo vão perguntando pela Lauriene, que, quando veio para as suas pesquisas, passou por essas mulheres; quando têm boas lembranças das pessoas, elas ficam lembrando.

Eu não posso entrar direto no assunto, tenho que preparar o ambiente, esperar o momento certo para começar a conversa com a minha parente. Muitas vezes, deixando-a falar, ela chega no assunto sem que eu precise perguntar; isso é muito legal e faz a gente “viajar” na imaginação, só pela maneira como conta os fatos; é muito real! Fica um clima muito gostoso para ouvir, conviver e reviver essas narrativas reais com cada uma delas que passaram pela escrita comigo. Sempre levei muito a sério esses conhecimentos, desde que me conheço, pela educação que meus pais me deram: respeitar, saber ouvir e acreditar muito, porque sempre tem o que aprender deles, para o dia a dia.

Com essas conversas entre mulheres, quero dar oportunidade das pessoas conhecerem as mulheres e suas histórias de vida e de conhecimentos, que trazem de seus antepassados, de seus entes queridos, pois é uma história real, de conhecimentos que vivem todos os dias. Hoje, entretanto, elas têm receio de repassar para seus filhos, netos

e para os jovens, mas que as deixam tristes devido às mudanças e às crenças tradicionais que estão deixando de lado por muitas outras crenças que estão, atualmente, entrando na aldeia. Esta situação, deixa as xamãs - as *ñandesy*, com muita tristeza.

Muitas vezes, elas vêem crianças e jovens doentes, mas não podem fazer nada, porque os pais não procuram ajuda; para ser ajudada, a pessoa tem de procurar pelo bem-estar de sua família, procurar e pedir para ser ajudada. Elas nunca podem se oferecer, pois oferecer seu conhecimento não é permitido em nossa cultura. Quando alguém realmente está interessado em aprender, em dar continuidade ao trabalho que essas xamãs vêm desenvolvendo, passa por um processo de aprendizado muito rigoroso, depois, tem que usar com muita sabedoria o que aprendeu.

Nesta pesquisa foi colocado em foco o processo de vida de mulheres, seu processo de crescimento, os auto cuidados de ser menina, a rigidez de muitas restrições na alimentação, os cuidados na fala, no seu comportamento com todas as pessoas, como ser respeitada, como agir para ter uma vida adulta saudável, ser profissional de sucesso, ter uma boa família. Tudo isso depende de como a pessoa foi educada pelos pais, avós, rezadores, além dos tratamentos com remédios tradicionais que recebeu.

Iniciei uma nova caminhada em 2020, em busca de um desafio para mim, que foi entrar no programa de pós-graduação em antropologia. Pensei em estudar, mas com um filho de apenas três anos e sozinha (mesmo tendo meus pais e irmãs), sendo mãe solteira, foi difícil. Eu estava preparada para fazer aulas presenciais, muito animada, pensando no que pesquisar e muito empolgada com o pré-projeto. Então veio a pandemia de Corona Virus. O que eu menos queria aconteceu: ter as aulas virtuais. Sou uma pessoa que gosta de sentir, olhar e viver, então foi um processo muito difícil para mim, pois tudo que eu imaginava fazer não aconteceu, principalmente as aulas que sonhava, ver os colegas, conhecê-los, ouvi-los, bem como os professores, pois é um processo muito válido para mim. Achei que teria muitas dificuldades com meu filho, mas com as aulas virtuais, aprendi muito e elas me ajudaram a usar, obrigatoriamente, os recursos da internet, pois, no momento, era a única ferramenta disponível.

Por uma incrível coincidência, uns quatro meses antes de a pandemia chegar, eu coloquei a internet em casa, o que foi muito caro; não era cem por cento, mas ajudou. O que me preocupava muito era “como fazer minhas pesquisas”. Na minha mente, no nosso município não chegaria o Covid, mas, quando vi a gravidade do que aparecia nas notícias da televisão, fiquei muito assustada e com medo; então decidi não ver mais noticiário

pois, meu filho também estava vendo. Vi que acontecia só nas cidades grandes, mas, quando faleceu em minha aldeia uma mulher jovem de 35 anos e ninguém revelou o que aconteceu, o caixão veio lacrado, então começou a dar mais medo ainda.

Em minhas aulas virtuais, eu aprendia alguma coisa, mas, muitas vezes, ficava perdida. Entretanto, eu precisava sair para o campo da pesquisa, mas ficava com medo de sair, pensando no meu filho e nos meus pais, idosos. Não sabia por onde começar, como escrever e como fazer na pandemia, pois já não podia mais sair para visitar as pessoas, nem cumprimentar com aperto de mão, nem um abraço, que é um costume nosso. Isso dificultou tudo, o uso de máscara se tornou diário. No mês de julho de 2020 no início do recesso, eu contraí covid, fiquei muito mal por duas semanas, acamada, muito debilitada, com meus pais cuidando de mim, com muitos remédios caseiros; passa pela cabeça que é o seu fim, com a falta de ar. Eu tomava muitos remédios caseiros e chás, não queria ir ao hospital e consegui passar pela doença.

Meu primeiro objetivo da dissertação era escrever sobre as diversas mulheres das *tekoha* do município de Paranhos, andaria nessas comunidades para ouvi-las como mulheres, parteiras, rezadoras, as idosas das comunidades, escrever as histórias delas, como era a vida delas, como ser mulher com a sabedoria que carregam junto delas, como que se sentem na sociedade hoje em dia. Mas, não consegui alcançar meu objetivo devido aos muitos acontecimentos da época. A aproximação que tive e que facilitou a pesquisa, é que eu já sou da comunidade, são pessoas que conheço e tenho afinidade, já sabem da minha maneira de ser, como sou, como trato as pessoas - sou muito atenciosa com todos, diferente de quando acompanho pessoas de fora, como não indígena (*karai*), por exemplo. É muito diferente de quando estou junto com a pessoa, para preparar o ambiente, tentar ganhar sua confiança, sentir sua energia, tanto a positiva ou a negativa.

Isso facilitou para mim porque sou convivente, o que significa que a pesquisa foi feita no convívio diário e afetivo em minha *tekoha*, com a minha parentela e com as parentelas por onde circulei, guarani e kaiowa, trazendo os aprendizados de minhas avós e as memórias de meus avôs, dos ensinamentos e conselhos de meu pai e minha mãe, dos compartilhados com minhas irmãs, colegas de escola, de universidade, de movimento, de reunião. Algumas outras estratégias, para além das colocadas até aqui também contribuíram, como as que utilizei com as conversas realizadas com as *ñandesy* Celeste e a Dona Juliana, que foram realizadas separadas e em formato de entrevistas/conversas,

sendo que com a *ñandesy Celeste* foi *on line*, via *whatsapp* e com Dona Juliana foi presencial, em visita a casa dela.

As pesquisas foram feitas todas por mim, tive alguns contratemplos, mas, eu fui a campo e fiz minhas pesquisas com meus avós, minha mãe, minhas irmãs, caminhei na *tekoha* com as parteiras e rezadoras na roça. A escrita foi feita por mim, assim como as conversas em guarani e entrevistas na nossa língua, depois fui pensar a tradução do guarani para a língua portuguesa e a escrita na língua portuguesa ou em guarani mesmo. Foi um processo lento, mas, pude viver, ver, fazer, aprender com todos do meu povo que tive esse momento, foi uma experiência única viver isso, logo após a pandemia, mas foi um desafio que pude viver a cada dia. Aprendi muito porque para mim foi bom e tive que praticar o português, o que também não foi fácil, mas foi possível.

Tekoha Yvykuarusu /Takuaraty – Aldeia Paraguasu

A Terra Indígena Yvykuarusu/Takuaraty, conhecida como Paraguasu, foi homologada em 1993, cumprindo o prazo previsto pela Constituição Federal de 1988 para a demarcação das terras indígenas em 5 anos após a promulgação Federal e possui 2.689 hectares.

Conforme registrou Lauriene Seraguza (2013), antropóloga que esteve em pesquisa em minha aldeia entre os anos de 2011 e 2023, a *tekoha Yvykuarusu/Takuaraty* encontra-se na antiga sede da Praça dos Prazeres do Forte do Iguatemi, datado de 1777, cercado por trincheiras que datam do período do império português, do século XVIII e, por isso, ficou conhecida também entre os moradores da região como *Trincheira Kue*. *Yvykuarusu/Takuaraty* tem mais de mil conviventes, conforme o último Censo (IBGE, 2022), predominantemente Kaiowa, mas também de guarani, que é a parentela a que pertencem.

A história do Forte do Iguatemi é marcada pelas disputas territoriais entre Portugal e Espanha e por estratégias do império português para a manutenção e defesa das fronteiras e portos. O Forte do Iguatemi foi levantado no ano de 1767, logo após a criação, em 1766, do povoado do Iguatemi, o mais antigo de Mato Grosso do Sul e o marcador do início do “povoamento” da região. Em 1769, a Praça Nossa Senhora dos Prazeres teve um exército com 300 homens, o que fez com que, em 1771, fosse

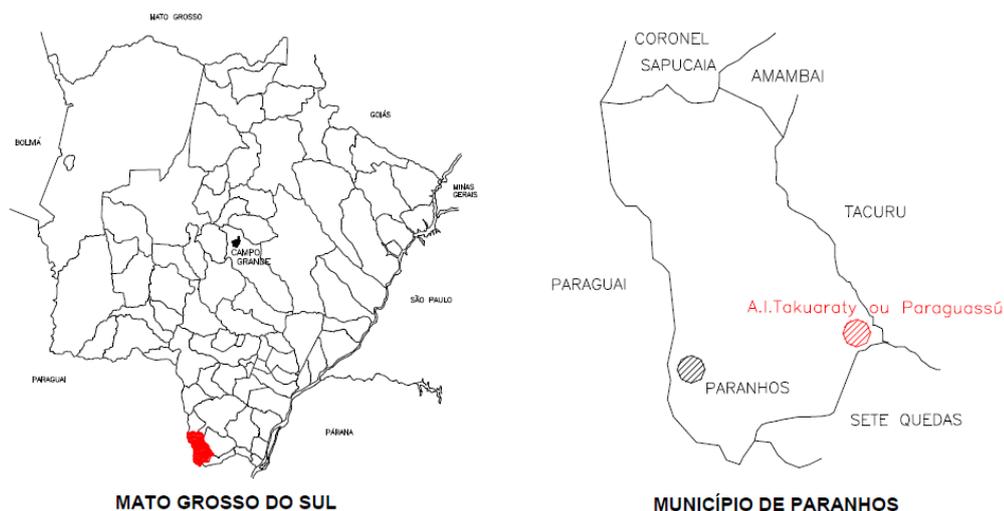
reconhecida a “condição de vila” ao povoado constituído (SERAGUZA, 2013, SANTOS, 2002, p.56; BRAND, 1997).

Segundo Seraguza (2013), as dificuldades de acesso ao Forte acabaram, no decorrer do tempo, com os objetivos de sua implantação. A falta de recursos e as doenças se acirraram com os ataques decorrentes das resistências dos indígenas da região, frente à presença dos colonizadores. A historiografia registra, na planície ao leste do rio Paraguai, a presença de indígenas “Guaicurus” (THOMAZ DE ALMEIDA, 1984, p. 5), assim como dos Kaiowa (ou ex-Itatim, cf. ALMEIDA, 1984, p.4-6), em referência ao “processo migratório” dos Kaiowa na América do Sul, sobre os quais os registros remontam a períodos anteriores ao século XVIII (SANTOS, 2002, p.69, 60, SERAGUZA, 2013).

Em 1777, o fim do Forte foi oficialmente decretado pelo Tratado de Santo Ildefonso. Com o exército destruído, três mil militares espanhóis atacaram os poucos sobreviventes no rio Iguatemi e toda a construção do Forte, dominando o local, mas sem a ocupação da área que foi então, retomada pelos indígenas (SANTOS, 2002, p.70-73). Com este tratado, são novamente redefinidos os limites territoriais brasileiros, e os Kaiowa voltam à esta região (BRAND, 1997), reocupando o território (SERAGUZA, 2013).



Figura 1 Vista aérea da aldeia Yvykuarusu/Takuaty. Fonte: Projeto Forte Iguatemi, UFMS, 2022.



Fonte: NEPPI/UCDB

Figura 2 – Mapa da tekoha Yvykuarusu/Takuaraty (SERAGUZA, 2013)

Na região vivem as etnias Guarani Ñandeva, Kaiowa Guarani, Guarani/Kaiowa (mestiço), Guarani Mbya, indígenas da fronteira e também os indígenas casados com não indígenas que já têm famílias nas aldeias do município de Paranhos, Mato Grosso do Sul, na fronteira entre o Brasil e o Paraguai.

A maior parte da população é beneficiária dos programas do governo federal, como o bolsa-família que paga, por família, atualmente, R\$700 reais, podendo chegar a R\$ 1500 reais a depender da quantidade de filhos que a família possui e de pessoas que moram em sua casa. Essa é a renda dos parentes de Yvykuarusu/Takuaraty. Também recebem a cesta de alimentos do Governo que vem uma vez por mês e pesa, aproximadamente, 30kg. Contém os seguintes alimentos: 2 pacotes de arroz, 3 pacotes de feijão, 1 kg de fubá, 1 charque, 3 latas de óleo, 2 pacotes de farinha de mandioca, 4 pacotes de macarrão. A cesta de alimentos é recebida mensalmente para as famílias cadastradas na SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena.

Os homens indígenas trabalham como diaristas nas fazendas próximas, outros vão para as colheitas da maçã em Santa Catarina ou Rio Grande do Sul. As mulheres permanecem nas casas cuidando das famílias e levantando pequenas roças. E, algumas famílias têm roça grande, onde plantam rama de mandioca, milho para o consumo e venda do excedente para fora da aldeia.

O nome da Terra Indígena é *Yvykuarusu*, em referência ao grande buraco feito como trincheira – *yvy* significa terra, *kua* significa buraco e *rusu* é grande, em língua Guarani - e *Takuaraty* é por conta da vastidão de *takuara*/bambu que havia no território – *takuara* significa bambu e *ty* significa um coletivo – bambusal. *Yvykuarusu/Takuaraty* é também chamada de Paraguasu, em referência ao nome da fazenda localizada na entrada da aldeia. Está localizada a 40 km da cidade de Paranhos. Paranhos possui 12.355 habitantes, dos quais 4.404 (35,6%) são indígenas de cinco aldeias: Pirajuí (nº 330), Sete Cerros (nº 398), Potrero Guaçu (nº 341), Arroio-Korá (nº 39) e a aldeia Paraguasu (*Takuaraty/Yvykuarusu*, nº 407) (SANTOS, 2014, p. 38), além da *Ypo’i, tekoha* retomada em 2009.

As pessoas da aldeia *Yvykuarusu/Takuaraty* passaram por muita discriminação e preconceito das pessoas da cidade e até mesmo das fazendas aos arredores. Parece que o indígena somente é útil quando está disponível para trabalhar nas fazendas, pois têm corpos saudáveis e fortes e são resistentes, não costumam reclamar por seus direitos – em sua maioria, por desconhecê-los. Os trabalhadores indígenas recebem apenas em diárias, nunca são contratados com carteira assinada, e, conforme dizem os “patrões”, é muita despesa e, por isso, assim é melhor.

As pessoas da aldeia são muito queridas e acolhedoras com quem conhecem e sentem segurança. A maior parte das famílias é composta por trabalhadores, têm suas roças tradicionais, mas, nos últimos anos, quem consegue produzir com excedente tem também comercializado a mandioca, milho, abóbora, batata, abacaxi, arroz, e estão comprando carro, melhorando a casa e os cuidados com seus parentes. Quando os trabalhadores saem para a colheita da maçã, no início do ano, que é a maior parte dos homens e algumas mulheres, vão para outros Estados como Santa Catarina e Rio Grande do Sul, lá permanecendo por 45 a 60 dias, longe de seus parentes.

Quando voltam, eles trazem muita maçã e um pouco de dinheiro para seus familiares. Neste período, os trabalhadores são muito bem tratados na cidade, pois os comerciantes sabem que eles têm dinheiro. Percebemos que só são tratados assim por

interesses financeiros. Acontece isso também com as mulheres que vão receber os benefícios na lotérica, única agência de banco, da Caixa Econômica Federal em nosso município, por onde recebemos os programas do governo federal. No dia do pagamento dos benefícios, a lotérica fica lotada e é uma situação muito triste: as pessoas ficam o dia inteiro na fila e muitos, ainda, saem sem receber o dinheiro, pois a agência alega que não tem dinheiro ou que acabou o dinheiro. Assim, os mesmos que permaneceram o dia todo fazem de volta o caminho para as suas aldeias e voltam no outro dia. Isto mostra o pouco respeito dos não indígenas pelo povo Guarani e Kaiowa em nosso município e, ainda assim, fazemos de tudo para tratá-los com respeito. Eu vejo que a população que vive na Yvykuarusu/Takuaraty são pessoas muito humildes, muito inocentes e de coração (*py'aporã*) bom com os *karai*. Relevamos muito, apesar de uma história de muita luta e sofrimentos.

Capítulo I

Nascer e crescer mulher entre os Kaiowa de Yvykuarusu

Neste primeiro capítulo do meu texto registro a minha vida junto com a minha família *che ypy kuera, ndive kuera*, vivendo crescendo e aprendendo com os moradores de Yvykuarusu, sendo guarani entre as crianças kaiowá. Até então eu não sabia diferenciar o que logo depois entenderia como uma certa diferença entre os kaiowá e guarani, para mim naquela época e até hoje não há grandes diferenças, ao meu ver, mas em conversa com minha avó, ela falou sobre isso, e também já presenciei algumas situações quando era mais nova. Não levei em consideração a fala da minha avó materna quando questionou a nossa vida em outra aldeia: “vão viver com os kaiowá mesmo?”. Deu de sentir que não era legal, mas meu pais passaram por esse desafio e estão hoje com 39 anos morando aqui na Yvykuarusu/Takuaraty, território kaiowa, nele criaram 6 filhos, entre eles 5 mulheres e um homem.

Para meus pais foi desafiador viver aqui entre e com os Kaiowá, para mim e conversando com as minhas irmãs é uma oportunidade e também da nossa família aceitar que isso foi muito bom, para mostrar que não é bem do jeito que pensaram, de quebrar as barreiras entre as etnias, todos nós 6 filhos somos Guarani e Kaiowá. Nos consideramos assim devido as pessoas que nos acolheram, nos respeitaram e ainda respeitam e a convivência até hoje, o carinho com a nossa família. E hoje, mostrar através dos conhecimentos dos direitos, levar as mulheres através das minhas atitudes uma visão de que as mulheres podem tudo o que querem ser, depende muito de si mesmo.

Trabalhar entre homens lideranças me faz entender a potência de minha atuação e me sentir útil para minha comunidade, meu agradecimento à eles e meu desejo de retribuir a eles e as pessoas mais antigas e antigos, de levar sabedoria do *kuatia* na oralidade e de passar o que aprendemos na nossa língua para eles, *ñe'erupi*.

Viver e crescer entre os Kaiowa foi e ainda é um aprendizado para a vida inteira. Durante esse processo do meu crescimento também houve a retomada do Takuaraty, onde as mulheres foram as protagonistas, as principais da retomada. Foi um período muito tenso porque a comunidade era muito pequena. Meu pai foi trazido de Pirajui para ajudar a comunidade se manifestar na língua portuguesa, ele era o único que sabia falar em

português, todos dependiam dele e também era muito arriscado isso, devido ao perigo que ele corria, mas tinham muitos *opuraheiva*, *ñanderu* – os rezadores e rezadoras que sabiam das rezas que ajudaram muito a retomada de nossa *tekoha*.

Isso eu vivi e eu sabia que, apesar de ser muito pequena, nesse período o casal de fazendeiros chegavam pelo mato na nossa casa. Meus pais pediam para nós entrarmos para dentro de casa para ninguém nos ver, sentíamos que era perigoso, mas *ñanderu guasu* não deixou nada acontecer com ninguém na época, mas ainda assim, aconteceram diversas vezes despejo da população para outras *tekoha*. Foram dias muito difíceis, meu pai ficou por um bom período durante esse processo fora de casa, ele morava na retomada bem na divisa da fazenda com as demais pessoas, eu lembro que minha mãe mandava marmitta de comida para ele por alguém ou que alguém vinha buscar para ele comer, muitas das vezes ele dividia a marmitta com seus companheiros porque era a única refeição que chegava até eles.

Às vezes minha irmã mais velha, Abigail, levava a marmitta com minha avó, quando ela vinha passar um período com nós, mas minha mãe em nenhum momento contou para mim que meu pai corria perigo nem o que se passava no momento, ela deixava nós despreocupadas, tranquilas, nunca comentou algo que pudesse nos deixar aflitas, sempre tomou muito cuidado e também não deixava as crianças escutar a conversa de adultos, quando chegava gente em casa ela pedia para nós buscarmos água na mina que ficava um pouco longe. Eu e minhas irmãs obedecíamos sempre.

Já adulta, eu consigo entender que as atitudes de minha mãe foram para nos proteger, para que crescêssemos com vida saudável. Passar por esses processos fez com que eu caminhasse entre muitos caminhos, como estudante, o primeiro caminho foi com meu pai mesmo, mais adiante com uma professora não indígena, o que fez que eu fosse alfabetizada na língua portuguesa. Foi um período em que obtive muito conhecimento, inclusive dos não indígenas, o que naquele momento eu achava normal, e eu fazia tudo de acordo porque eu queria aprender cada vez mais. Entendo, que foram processos que eu precisava passar porque lá na frente eu enfrentarias coisas mais difíceis.

Hoje consigo compreender isso com outro olhar, na época, a professora não indígena ensinava as meninas a como se cuidar como menina, mas do jeito não indígena (*karái*). Preparava os alunos de uma maneira, muitas das vezes, difícil, com a promessa de que isso serviria mais a diante. Agora eu sei diferenciar muitas coisas do que posso e

o que não posso, os ensinamento que tive sem muito conhecimento hoje me tornaram essa pessoa que sou, aprendi a língua do não indígena (*mbairy ñe'ẽ*) na marra, não de um jeito tranquilo, muito menos saudável, isso me serviu para conviver lá fora entre os *mba'iry kuéra*. Hoje uso a língua dos não indígenas para defender a minha comunidade, para traduzir as falas, ajudar a população da minha *tekoha*.

1.1. A caminhada de meus pais – *che ypy kuéra*

Che ypy kuéra é como o antropólogo Levi Marques Pereira (2004) se referiu ao nosso núcleo familiar, do povo Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul, que compõe uma parentela e resulta em nossa *tekoha* – nossa terra, nosso território ancestral, onde nasceram e morreram nossos antepassados. Significa, em Português, “aqueles que são nossas origens”. Chamou de fogo doméstico, em referência aos nossos fogos de chão, fogões a lenha, lugares onde nos aquecemos, comemos, conversamos, compartilhando a vida com nossos parentes. O fogo é nossa casa, nosso lar, gestado por nossas mães e avós, como também afirmou a antropóloga Lauriene Seraguza (2023), dizendo que o fogo é “lugar de transformação operado centralmente pelas mulheres – as donas do fogo, as *tata jára*.”

Assim, a expressão *che ypy kuéra* retém os dois sentidos do termo *ypy*, referindo-se aos ascendentes diretos, com os quais se compartilham os alimentos, a residência e os afazeres do dia a dia, e denota também proximidade, intimidade e fraternidade, ponto focal da descendência e da ascendência”. (PEREIRA, 2016, p.23-24).

Quando me refiro e falo do meu fogo, falo de minha família, falo dos meus conviventes, com quem tenho intimidade, com quem compartilho a comida e o afeto. Celuniel Valiente (2019), antropólogo kaiowa, também se refere assim: “Atualmente, na reserva, e com as diversas mudanças, as relações no *che ypyky kuéra* ou as afinidades constituídas entre mim, meus irmãos, minhas irmãs, minha mãe e meu pai, são mais conhecidas pelo termo família”. (VALIENTE, 2019, p. 93).

Milha referência são meus íntimos familiares como meus avós paternos e maternos com quem desde muito pequena tive essa convivência, meu irmão, minhas irmãs, meu pai e minha mãe são familiares, “*che ymboveguare*” antes de mim.

Em 1985, meu fogo, com meus pais Otávio Vera e Aquemi Duarte, com minha irmã mais velha de apenas um ano de idade, Abigail Duarte, chegaram na recém retomada aldeia de Yvykuarusu, a convite do líder, na época, Pancho Romero, que pediu ao casal que viesse para aldeia dele para trabalhar como professores, para ensinar as crianças que se encontravam na Yvykuarusu. Meus pais recém tinham saído da escola bíblica que foram estudar em Campo Grande/MS para serem missionários e foram selecionados pelos pastores da Missão Evangélica Unida que ficava na Aldeia Pirajuí, ambas no município de Paranhos, fronteira com o Paraguai, para atuarem como missionários indígenas. Era um casal jovem e, na época, o então líder precisava de alguém que fosse bilíngue para se comunicar com os não indígenas, os *karaí*, na língua deles, e ensinar o Português na escola.



Figura 3- Che Ypy kuéra – parte de minha família meu pai Otávio Vera, minha mãe Aquemi Duarte, minha avó Candida Morales, minha irmã Kelly, meu filho João e eu.

Pancho Romero foi o líder desta comunidade na época – que nasceu depois de oito expulsões organizadas pelo SPI – Serviço de Proteção ao Índio, atual FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas, pelos missionários e fazendeiros, e foi

recuperada com a liderança de Pancho. Ele era um homem muito bom, de coração enorme, gostava muito de crianças, muito simpático e gostava muito do seu povo, um senhor muito generoso, trabalhador sempre buscando o melhor para a aldeia. Pancho era Kaiowa, nascido e criado nesta aldeia. Quando meus pais chegaram, tiveram que se adaptar à realidade da aldeia, me refiro à espiritualidade indígena, o *teko marangatu*, porque na aldeia tinha rezador (*nhanderu/xamã*), *guachiré* (canto-reza-dança tradicional), tudo de acordo com a cultura (*teko*) do povo Kaiowa.

Meus pais se familiarizaram com a rotina, na retomada Yvykuarusu junto aos Kaiowa, deixando sua formação de missionários de lado para exercerem sua função de professores, motivo que os tinha levado para este lugar, mas também como aliados na luta pela terra. Quando começaram a trabalhar como professores, não tinha espaço físico para a escola, não tinha material para os alunos, nem apoio pedagógico, nem merenda. Tinha somente um lugar onde os fazendeiros criavam os porcos no tempo que ocupavam nossa terra, e era o único espaço com um mínimo de estrutura para dar aulas para as crianças, que eram muitas e que se tornaram adultos, avós e até hoje moram lá.

Meus pais formaram as primeiras gerações de Guarani e Kaiowa letrados na Yvykuarusu/Takuaraty. Destas famílias, se tornaram professoras Julia Fernandes, filha do Orides Fernandes e Angela Duarte, Janes Romero filhas da Marcia Romero e Martim Romero, e Agente de Saúde Indígena (AIS) Leonado Romero, sobrinho da grande Liderança Pancho Romero. Depois de algum tempo de funcionamento das aulas, os pais dos alunos se juntaram para fazer *apyka* (banco de madeira) para as crianças sentarem, porque nem isso havia. Na época, o município de Paranhos era distrito de Amambai, distante mais de 100 quilômetros da Aldeia Yvykuarusu.

Após dois anos da chegada de meus pais à Yvykuarusu, eu nasci, em nove de maio de 1988. Nasci em Amambai, cidade mais próxima onde tinha hospital, porque em Paranhos não existia na época. Eu tenho lembranças de quando era muito pequena, por volta de uns 5 anos, do líder Pancho Romero em minha casa; essa imagem ficou na minha memória até hoje e é a única que tenho dele. Meus pais nunca me contaram do que ele tinha falecido, nunca contaram para nós sobre as circunstâncias da sua morte, nem sobre as demais coisas desagradáveis e tristes que aconteciam na aldeia. Era uma maneira de nos proteger das dores e dificuldades que enfrentavam sozinhos para nos ver crescer com alegria e saúde. Mas, eu sei que a morte de Pancho foi uma grande perda em nossa aldeia, pois ele era um homem muito respeitado e querido pelo povo, que o considerava muito.

Comecei a ir para a escola muito cedo, antes da idade considerada pelos brasileiros como apropriada, porque meu pai era professor na época e eu ia junto. Foi um processo muito bom, que ainda está muito presente em minha memória. Brincávamos muito com outras crianças. Nessa época foi criado o município de Paranhos, desvinculando-se do município de Amambai, garantindo sua autonomia política e elegendando o primeiro prefeito da cidade, Donevil Alves, em cuja gestão construiu uma sala de aula de madeira e um espaço para cozinha, em nossa aldeia, no ano de 1995.

A prefeitura passou a fornecer leite em pó para a merenda dos estudantes, que o professor colocava numa folha de caderno para nós comermos o pó puro. Lembro que nós, alunos, procurávamos as folhas de caderno mais bonitas e perfeitas para comermos o leite que davam - era nossa alegria! Aos poucos foram chegando mais coisas para a merenda, como bolacha, arroz, charque, sardinha, almôndega, macarrão, e nós, alunos, ficávamos na expectativa das próximas merendas e perguntávamos para a cozinheira o que teria no dia seguinte, para que, assim, pudéssemos levar mandioca assada (*pirekai*) para comer com a merenda, até com leite comíamos mandioca, misturávamos a farinha de mandioca com açúcar. Lembro até hoje de pessoas que estudavam comigo: Joana da Silva, Cleuza da Silva (falecida), Nilza Gaona, Leonardo Romero, Carlito Romero, Argemiro Romero, Rozalina da Silva (falecida) e Tuta Gaona.

Não sabíamos, mas este foi o início da transformação alimentar em nossa aldeia, a chegada dos alimentos dos não indígenas e a facilidade que tínhamos em prepará-los e consumi-los, nos mostrou outro horizonte alimentar, com efeitos perversos nas nossas vidas, ainda nos dias de hoje. Há muitos casos de pessoas com diabetes, colesterol, pressão alta, ocasionados por estes alimentos que se tornaram abundantes frente à escassez de alimentos produzidos em nossos quintais e roças, alterados pela presença das plantações não indígenas que contaminavam as nossas sementes e, muitas vezes, nos impossibilitavam de colher nossos alimentos próprios e nos obrigavam, cada vez mais, ao consumo dos alimentos dos *karai*.



Figura 4 Tio Huto, Tia Analisa, minha mãe Aquemi e meu pai Otávio nos tempos de estudantes na Missão. Foto de meu arquivo pessoal.

Aos poucos, a Yvykuarusu foi crescendo e nascendo mais crianças. Na década de 1990, as lideranças eram Rafael Brites, Sebastião Romero e Orides Fernandes, Kaiowa da parentela do Pancho. Nossos líderes elaboraram um documento para a prefeitura solicitando que outro casal formado no Normal Médio viesse para nossa aldeia dar aulas. O casal trabalhava na cidade de Paranhos e eram concursados na rede estadual de educação e aceitaram o convite para vir para a aldeia: meu tio Huto Vera, Guarani, irmão de meu pai e casado com a não indígena Analisa Bull Vera, descendente de alemães, e com um filho adotivo Kesley Bull Vera (filho de guarani). O casal se formou quando estudavam no estado de Minas Gerais e deixaram seus concursos na cidade de Paranhos – região de origem da família de meus pais - para atender as demandas da aldeia recém-retomada.

1.2. Aprender a lutar pela terra junto aos Kaiowa - A retomada de *Takuaraty*

Minha família e eu sempre fomos participativos nas lutas da comunidade com nosso povo, e isso foi sempre muito “sagrado” para nós. Meu pai era liderança na aldeia, ficou por 14 anos nesta função, anos após a morte de Pancho Romero. Mas, isso provocava muitas ausências dele em casa, na nossa educação e no nosso crescimento, mas ele fez seu papel como liderança coletiva, trabalho bem-feito. Todos na aldeia ainda o

admiram por ter exercido esse cargo. Naquele tempo, ele viajava dias para Brasília, por um bom período ele também foi representante do Conselho de Saúde Indígena. Eu fui numa dessas viagens, com ele, para Campo Grande. Foi uma das minhas primeiras viagens para fora da aldeia, e ficava admirada como tinha poucas mulheres como representantes, mas isso também me inspirava a querer estar lá.

Por volta dos 10 anos, eu ia com meu pai para os encontros de lideranças da Aty Guasu, que é a reunião ampla de lideranças e famílias kaiowá e guarani (BENITES, 2014). Tive oportunidade de acompanhar meu pai em algumas reuniões, como em Yvy Katu, área de retomada no município de Japorã em 2003, ao lado da Aldeia Porto Lindo. Mas eu era muito criança e entendia poucas coisas, só lembro que recém tinham retomado o Yvy Katu, ficamos por alguns dias lá, de onde encaminharam documento para os políticos e o Governo. Nesse tempo, ele foi escolhido para ser representante, como liderança na nossa aldeia, pela sua fala boa em língua portuguesa e por saber dialogar com os *karai* e porque a população da aldeia tinha confiança nele.

Meu primo Kesley Bull Vera, filho dos meus tios, os professores Huto e Analisa, registrou, em seu Trabalho de Conclusão de Curso na Licenciatura Intercultural Indígena (2022), um pouco dessa história. Em entrevista com o meu pai, Otávio, e com o tio Huto, Kesley Vera afirmou que a liderança de Otavio Vera era continuação das lutas Pancho. Conta que, nesta ida de meu pai para o Yvy Katu, ele foi com seus vices e as demais lideranças para a cidade de Iguatemi, para entender qual era a real situação da aldeia Yvykuarusu/Takuaraty, junto aos agentes do governo brasileiro que também estavam lá. Então, foi informado de que poderiam permanecer no lugar, aguardando o resultado que caminhava para a demarcação da terra como território indígena de Guarani e Kaiowa.

Segundo a entrevista coletada por meu primo, meu pai, Otavio Vera, e as informações disponíveis na dissertação de Antônio Brand (1993), logo depois dessa visita, as lideranças de nossa aldeia receberam uma ordem de despejo, obrigando a retirada de todos os indígenas para levar de novo para a reserva Pirajui e Amambai, contradizendo as conclusões e levantamentos da FUNAI. Meu pai Otavio contou que achava que o fazendeiro comprou o juiz de Iguatemi, e dizia que o Pancho acreditava que houve combinação entre o chefe do posto da FUNAI e o fazendeiro, para mandar os indígenas embora da terra deles (VERA, K. 2022).

A partir daí, eles começaram a lutar e a fazer a resistência, ameaçando o governo para reconhecer a terra como território indígena ou matar todos ali, pois não iriam sair

mais da terra retomada. Kesley Vera conta que Otávio e Pancho Romero não eram como os outros, eles pensavam no povo. Cultivavam o sonho da conquista da terra para os netos. Eles não usavam a diferença étnica como prioridade, diziam que estavam numa fase de grande necessidade e tratavam a todos como irmãos, na época dele. Os que contribuíram na retomada, segundo Huto Vera, conforme registrado por Kesley, foram: Otávio Pires, Mário Vera, tio Marciano. E, no final, Anastácio Peralta também veio de Dourados contribuir com a luta (VERA, K. 2022, p. 13,14).

Segundo Huto Vera, no registro de Kesley Vera (2022), o processo de expulsão e retomadas iniciou no ano de 1976 e foi finalizado em maio de 2002. Os três primeiros despejos foram os mais violentos, envolvendo policiais: no primeiro foram para a reserva de Amambai, mas voltaram; no segundo despejo também foram para a Reserva de Amambai; e depois aconteceu o terceiro despejo, em que Pancho Romero conheceu Otavio Vera, na Pirajui, pois Otavio era professor, e dava aula para os filhos de Pancho, na região conhecida como 54, naquela reserva. Naquele tempo, o capitão da Pirajui era Mário Vera e Cisto Carlos Acosta. A parte conhecida como Yvykuarusu foi doado por um fazendeiro. Antes de entrar na fazenda definitivamente, fizeram *jeroky*, com 45 dias de preparo e 15 dias de duração, para a retomada de Takuaraty. Entraram a uma hora da madrugada com o rezador Nersio Romero na frente e eles atrás. No total entraram 65 pessoas, entre as quais três mulheres: Helena, Simona e Catalina (VERA, K. 2022, p.13, 14 e 15).

As retomadas têm sido uma maneira de as famílias voltarem a viver nos seus lugares de origem, na terra tradicional, de onde fomos expulsos, é uma estratégia política de garantir que o Estado identifique e demarque as terras que reivindicamos (CRESPE, 2013, CARIAGA, 2019, SERAGUZA, 2023). O trabalho de Lauriene Seraguza (2013), realizado em Yvykuarusu/Takuaraty, traz informações históricas e etnográficas importantes sobre a mobilidade e a retomada das famílias guarani e kaiowá na região da bacia do Rio Iguatemi, em particular em Paranhos.

Sobre a época da retomada, lembro que eram tempos bem tensos, mas tenho poucas lembranças desta época, porque eu era muito pequena. Nas minhas lembranças, ainda tenho a imagem de quando olhava para o “outro lado”, que é *Takuaraty*, hoje em dia; era cheio de mato, tinha muitas árvores e um rio, que faz divisa com *Yvykuarusu*, cheio de peixes que podíamos pescar a qualquer hora, e pegávamos pássaros de diversas

espécies no mato. A natureza era muito grande e também era boa a convivência entre as pessoas na comunidade.

De longe se via uma casa ou outra, porque as pessoas da aldeia ainda moravam distantes uma família da outra. Às vezes, as pessoas da fazenda iam trocar alguma coisa por mandioca, por exemplo. Quando aconteceu a retomada, o que me marcou muito foi quando veio o Exército e policiais, o que deixou todos em desespero. Foi bem triste, e não tinha ninguém para falar com eles, porque ninguém sabia falar Português. Meu pai, o único que falava bem, estava no fundo da aldeia e até alguém ir chamá-lo, demorou bastante. Foi desesperador para as famílias que estavam na retomada, então, quando ele chegou e conversou para encaminhar as coisas, tudo ficou bem.

Conversando com Dona Elena Romero, que traz uma narrativa um pouco diferente da registrada por Kesley Vera (2022), uma das mulheres que participou da retomada desde o primeiro dia, ela relata que os rezadores se prepararam 30 dias antes de entrar, com muita reza e muito diálogo, para nada ficar na dúvida (*peteĩ ñe'ẽme roime va'erã, peteĩ py'ape avei*). Nada de bebida alcoólica, só *chicha* na medida, que as mulheres faziam. Quando decidiram entrar, já era de madrugada e as mulheres foram na frente. Esta estratégia era porque imaginavam que, com as mulheres, os fazendeiros não teriam coragem de fazer violências.

Quando estava quase de manhã, Dona Elena contou que os homens chegaram trazendo outros grupos que eles chamaram para a luta. Assim fomos aumentando o número de gente; encontramos muitas pessoas pelo caminho e levamos conosco. A estratégia das mulheres era que quanto mais gente seria melhor, porque nosso grupo era muito pequeno. Alguns tinham os pés machucados, porque não tinham costume de andar de sapato. Na retomada não tínhamos comida e nem água, às vezes ficávamos fracos, pois não nos alimentávamos nada bem.

Para mim, algumas lembranças são impossíveis de esquecer, como numa vez que eu estava na casa dos meus pais e, de repente, chegou a fazendeira, Dona Terezinha, com o esposo. Eles tinham uma fazenda onde é a *Takuaraty*. Chegaram em casa querendo falar com meu pai, eu queria saber como que ninguém viu ela chegando, porque eles chegaram pelo mato. Não sei o que ela queria, pois meu pai e minha mãe nunca deixaram as filhas ouvirem as conversas de adulto. Quando chegava gente das fazendas, minha mãe nos mandava ir brincar, ir buscar água, lavar louça ou fazer outras coisas. Lembro que ficamos com medo, meio apreensivas pela visita inesperada daquela senhorinha, magrinha e

branca, e seu marido também era um senhor branco, mas até hoje não sei bem o que queriam.

Esta retomada foi um processo marcante que passei com a comunidade, incluindo outras crianças e, desde aquela época, percebi que a luta dos indígenas é sempre muito triste. Quando vejo as pessoas mais velhas da minha comunidade sorrindo e falando com alegria sobre como conquistaram a terra que hoje é Yvykuarusu/Takuaraty, sinto nelas que tudo valeu a pena, o que fizeram com sua sabedoria divina, a confiança que havia entre eles, a comunhão entre as famílias, dividindo tudo entre eles, em especial os alimentos que caçavam e plantavam. Acredito que, na época da retomada, usava-se mais o *teko joja*, *py'a peteĩ* e *py'a porã* entre si. Formaram uma aliança muito forte, se uniram para essa retomada.

O ano de 2002 marcou o fim dos despejos, e logo depois meu pai decidiu colocar o cargo de capitania à disposição de outras pessoas porque já estava cansado e nós, filhas dele, já estávamos crescendo, indo para a cidade estudar e ele não estava acompanhando a sua família. Senti que essa parte foi complicada, porque a decisão que ele tomou foi para estar com a família. Nós ficamos muito felizes, mas teve reclamação da comunidade. Eu já tinha a idade de 14 anos quando ele saiu de capitania.

Tudo isso eu aprendi e vou levar comigo para a vida toda. Na época não tinha mortes nas retomadas porque os *mba'e kuaaha*, *ojerokyva kuera oikogui*, *opurahei tee va'ekue* - pessoas que tinham suas crenças, rezadores - faziam rezas, que todos respeitavam, para que não acontecesse nada de ruim com o povo deles, rezavam para que os não indígenas não chegassem com maldade perto deles, para impedir que algo de grave acontecesse com seus próximos. Rezavam para terem suas famílias seguras e protegidas, e, para que continuasse o *ñande reko*, precisavam de um lugar seguro, para ter onde plantar e, mais para frente, colher para que todos pudesse ter uma expectativa de vida melhor para as crianças, em especial.

Aos poucos venho compreendendo cada detalhe de como foi importante estar em busca de conhecimento do *karaí*, porque vi que precisávamos muito de gente que buscasse algo para a comunidade, para sempre melhorar. Isso me incentivou a enfrentar todo tipo de preconceito - por ser indígena, por ser mulher entre os líderes indígenas, por ser mulher mãe solteira, primeira professora indígena formada da comunidade, primeira coordenadora na escola local e única mulher, atualmente, como coordenadora indígena. Na época só tinha uma pessoa que entendia o Português, que era meu pai, para estar

resolvendo e dialogando com os não indígenas (*karai*) e também com os indígenas, nas negociações da retomada. Quando entrei no Teko Arandu, Licenciatura Intercultural Indígena, UFGD, compreendi melhor muitas situações, como a luta dos povos indígenas e as viagens que meu pai fazia, como liderança, em encontros como Aty Guasu, que eu também frequentava com ele.

1.3. Andar por outros caminhos – *kuña kuéra uguata*

Estudei a 4ª e 5ª séries com a professora não indígena Analisa, totalmente em Português. A diferença do trabalho dela com o do outro professor, Huto, seu esposo e meu tio, era o fato de ele ser falante de nossa língua e a compreensão dos estudantes era muito melhor por isso. O casal também nos ensinava formas de cuidados e comportamentos, como ter responsabilidade, cuidar de todas as coisas, tanto no ambiente escolar, quanto zelar por tudo que havia – nos ensinavam do mesmo jeito que eles aprenderam, vivendo próximo aos *karai*.

Dessa forma, aprendemos como nos cuidar como menina, como mulher, também do jeito do *karai*, o que ajudou a nos preparar para como seria o mundo fora de nossas aldeias, quando precisássemos conviver com os não indígenas. Mas, também, nos afastou um pouco do jeito que tínhamos de viver entre os nossos parentes, por exemplo: falar nossa língua, comer nossa comida tradicional, usar nossos remédios nos momentos que necessitássemos.

A professora Analisa me orientou muito bem e minha mãe ajudou bastante na escola, para que um dia se tornasse uma escola indígena, pois, na época, não era indígena nem mesmo intercultural. Minha mãe ajudava as meninas que, muitas vezes, vinham para a escola com falta de orientação das famílias e, com a professora Analisa, trabalhavam muito para orientar as meninas para a vida que poderiam encontrar dentro e fora da aldeia. A professora veio com ideias novas e diferentes das que estávamos acostumadas: ensinava as meninas a usarem batom, apresentou como usar esmalte e a ter a autoestima mais para cima. Aquele momento para mim era muito desconfortável, depois acostumei um pouco, pois nos tornar mais vaidosas era meio que uma brincadeira entre as crianças, aquelas que tem pais que tinham condições de comprar mercadorias levavam para compartilhar com os outros que não tinham, emprestavamos um para o outro o que tínhamos.

Analisa Bull Vera, esposa de meu tio Huto, chegou como professora, depois do meu pai. Estudei com ela e aprendi muitas coisas para a vida mesmo. Para as mocinhas, Analisa ensinou como usar absorvente menstrual; até então as mulheres faziam os seus próprios absorventes com pano, isso com passar dos tempos, mas antes quando menstruavam ficavam em casa e não saiam até que parasse de descer o sangue.

Dos aprendizados de tia Analisa, o que serviu muito para mim foi a maneira em que fui ensinada na língua portuguesa, eram muito rígidos os ensinamentos dela, a responsabilidade e também saber administrar cada coisa ou objeto que tinha. Acredito que tudo serviu um pouco, mas, na época o ensino serviu para mim, mas a maneira de como eu fui educada eu não reproduzi com os meus estudantes, pois aprendi que hoje tem outros métodos de ensino para uma escola indígena. A professora também buscava ajuda com a Missão, por meio de seus conhecidos na Alemanha, para trazer coisas para a comunidade, como doação de roupas.



Figura 5 Estudando junto com tia Analisa e colegas professores

Lembro quando Analisa trouxe a primeira televisão para nossa aldeia. Ela morava num espaço próximo da escola, que tinha uma janelinha pequena de vidro e todos nós íamos lá para olhar a televisão, do lado de fora, pois era uma novidade. O casal trouxe com eles o filho pequeno, com uns 2 ou 3 anos, e, logo depois, ela me chamou para

trabalhar como babá, cuidando desta criança, e também para cuidar da casa deles. Foi meu primeiro emprego e eu estava com uns 8 ou 9 anos nessa época. Para nós, era uma novidade ela como não indígena na aldeia. Logo depois que chegaram, ela trouxe o costume de realizar festa junina e nos ensinava a dançar quadrilha e nos apresentar. No dia da primeira apresentação foi muito especial, um acontecimento histórico para a comunidade toda que se envolveu com o acontecido.

Mesmo que, na época, não era uma escola de educação escolar indígena, o casal de professores (Analisa e Huto) foram ótimos educadores, porque alfabetizavam na língua portuguesa. Isso foi bom porque, naquele tempo, a maior parte da comunidade tinha pouco conhecimento da língua dos *karaí*. Hoje vejo que, naquele momento, necessitávamos aprender a língua portuguesa para nos comunicar com os não indígenas. Foi muito aprendizado, mas também foi difícil, porque tínhamos que nos comportar, não podíamos responder, se falar, tentar fala muito corretamente, vir muito limpos na escola, falar a língua portuguesa, aprendermos a usar, como os *karaí*, objetos não indígenas, tais como algumas ferramentas de roças, materiais vindo da cidade, calçados de lançamento e outros. Os aprendizados com a minha tia não indígena, me possibilitava olhar para os colegas não indígenas da escola na cidade e suas facilidades, com os tratamentos diferenciados que recebiam, e nos faziam questionar a vida indígena que levávamos.

Nesse ponto, a educação da escola, dada pela professora, foi bem rígida. Essa rigidez dela veio da pressão dos pais porque eles queriam que os filhos aprendessem o português a todo custo. Assim eu achava normal a maneira dela ser, os alunos todos achavam normal, assim como eu, também sabíamos que nossos pais estavam nos mandando para estudar. Mas é devido a isso que hoje sou o que sou, porque sei que peguei um pouco do jeito dos *karaí* como saber administrar as coisas que são compradas, fortalecer meu *ñaña* que eu tenho em mim mesmo em questão de defesa de qualquer situação meu povo.

Entretanto, nunca deixei o nosso modo indígena de ser, como falante do guarani, praticar alguns conhecimentos que me foram confiados, procurar a prática e valorizar nossas *ñande sy*, as mulheres mais velhas, nossas rezadoras. Hoje sei diferenciar muitas coisas de quando e como eu fui alfabetizada e sei que nunca vou repetir isso com meus alunos, como, por exemplo, realizar muitas cópias, dar castigo, fazer as crianças arrancar *guachumba*, gritar muito – pois hoje também sou uma professora e reconheço o direito a uma educação escolar indígena, bilingue e diferenciada.



Figura 6 Eu, professora Jacy, com meus alunos e alunas, na escola Pancho Romero, 2023.

Na segunda gestão do município, depois que formou o município de Paranhos e quando elegeram a segundo prefeito da cidade, construíram uma nova escola de alvenaria com duas salas de aula, dois banheiros e uma cozinha, em nossa aldeia. Tinha, aproximadamente, uns 20 alunos que estudavam no ano de 1999. Quando foi inaugurada esta escola, eu cursava a 5º série, como chamávamos naquele tempo.

A entrada de outra religião começou em 1995, quando nossa aldeia passou a ser frequentada por missionárias alemãs, que moravam na Reserva Pirajuí, porque lá tinha a Missão Evangélica Unida, de onde veio a primeira dupla de missionárias, conhecida dos meus pais. Elas começaram a frequentar a aldeia, fazendo cultos, cantavam e falavam sobre a palavra de Deus. Elas diziam que nós, indígenas, precisávamos de “salvação para irmos para o Céu e salvar nossas almas, para encontrar a verdadeira felicidade” que a Bíblia trazia. A gente chamava essas missionárias de Dona Ruth e Dona Frida Garth. Eram senhoras solteiras e bem rígidas em tudo, falavam um pouco a língua Guarani que os indígenas de Pirajuí as ensinaram. Na Missão daquela reserva tinha uma escola onde as crianças indígenas estudavam, e foi onde as missionárias aprenderam a falar um pouco de nossa língua.

Comecei com nove anos a frequentar a igreja da Missão porque meus avós paternos eram desta igreja e eu ia por eles. Meus pais já não a frequentavam mais; desde que vieram da Pirajuí nunca mais entraram na igreja, então eu ia por minha conta, porque eles também não me proibiam e eu não achava nada demais. Eu ia com meus avós, mas eles também não me obrigavam.

Enquanto faziam cultos, as duas missionárias também vendiam remédios para os indígenas, como pomadas para feridas, para fazer massagem, remédios para dor de cabeça, febre, xarope, iodo e faziam pré-consulta médica. Na época só tínhamos elas para recorrer. Uma outra missionária vendia as roupas que trazia da Alemanha, como blusa, lençol, roupa de criança, de adulto, cobertores, meias, calçados, com diversos preços. Na época não havia muito dinheiro circulando em nossa aldeia, era geralmente o do trabalho dos homens nas *changas*, quando recebiam diárias pelo trabalho que faziam nos fundos das fazendas, pela venda de algum produto agrícola, ou das poucas vagas de trabalho oferecidas pelo município para nós indígenas.

Eu frequentava muito os encontros religiosos que elas faziam. Com 10 anos de idade comecei a participar de encontros de jovens que as missionárias e pastores organizavam. Vinham jovens de muitos lugares, principalmente do Paraguai, mas todos eram indígenas e somente alguns pastores eram paraguaios. Juntavam, pelo menos, uns 150 jovens nesses encontros, para pregar as palavras de Deus. Contavam testemunhos muitos tristes sobre a vida que convenciam a todos nós. Era assim que elas convertiam os jovens, que passavam a frequentar a igreja delas. Os encontros duravam cerca de 5 dias. Quando voltávamos para nossa aldeia, tínhamos que, todos os domingos, participar dos encontros que as missionárias faziam. Assim que voltávamos, caso não fôssemos à igreja, elas chegavam nas nossas casas para perguntar por que não estávamos indo para os cultos, pois precisávamos frequentar sempre.

Todo final de ano eu participava dos encontros de jovens, mas tínhamos que pagar uma taxa, que era de R\$ 20 a R\$ 30 por pessoa. Tinha alimentação e todos os dias a missionária fazia um planejamento para uma atividade diferente.

Até meus 18 anos frequentei essa denominação religiosa. Só parei quando entrei no curso de Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu, da Universidade Federal da Grande Dourados. Assim como meus pais nunca nos proibiram nada, como ir para a igreja, ou frequentar nossas festas tradicionais e religiosas, também não me impediram de ir para universidade.

O *teko joja* (solidariedade-reciprocidade), lembro de praticarmos quando eu tinha a idade de 4 a 5 anos, ainda na *Yvykuarusu*. Nós e os vizinhos morávamos muito próximos uns dos outros e a situação de todos era bem precária. Naquela época o *teko joja* funcionava entre nós, tínhamos *mborayhu*- consideração, amor, generosidade - com os outros que também passavam necessidades. O que um caçava dividia entre seus vizinhos, mesmo que fosse em pouca quantidade, mas repartia com muitas pessoas, porque era o alimento da família. Quando não tinha arroz, emprestávamos de alguém e dividíamos o que tínhamos, ainda que tivesse apenas meio pacote, pelo menos dois copos dava para emprestar.

O que mais se emprestava era óleo, arroz, açúcar. Minha mãe nos mandava no vizinho sempre com um copinho e as pessoas recebiam com muita alegria. Era muito boa essa época, tinha muito compartilhamento uns com os outros, havia companheirismo, as pessoas não eram como hoje, que não tem mais isso. Hoje todos são mais individualista, hoje tudo é vendido, a pesca, a caça. Não tem mais mato, rio como antigamente. A igreja ensina a ser individualista porque quem é da igreja não pode falar com quem não é, nem cumprimentar, nem a mulher e nem o homem.

Lembro que morávamos numa barraca de lona, no início. Mais adiante, meu pai construiu uma casa bem grande com parede de barro e o teto de sapé, que eram nossos quartos, só para dormir. Tinha outra casa de sapé, só como cozinha e mais uma casa de sapé só de sombra para tomar tereré e também para receber visita. Meus pais plantavam muitas árvores. Depois de um tempo, com o salário de professor, comprou lajotas de cimento e telhas de *eternit* para fazer uma casa com dois cômodos, que ele mesmo construiu. Depois de um ano estava pronta a construção e foi muito boa a sensação de termos uma casa de alvenaria. Depois disso, com o salário de cozinheira, minha mãe comprou a primeira geladeira usada, que funcionava com gás. Só depois de um tempo chegou a energia na escola.

A partir dos 5 anos mais ou menos, passei a ser fortemente influenciada pela escola - mais precisamente pela professora não indígena e depois pelas missionárias - a mudar meus hábitos, gostos e a adquirir coisas e modos de não indígena. Naquela época, eu gostava das novidades – e quem não gosta? - Entretanto, depois que entrei na licenciatura indígena e na pós graduação, tive acesso a análises críticas e históricas sobre os métodos de colonização, integração e assimilação, feitos pela sociedade nacional, que

usava a escola e a religião para convencer de que tínhamos que nos transformar em não indígenas.

Quando me dei conta disso, foi um momento muito revoltante na minha cabeça por ter passado por esse processo inocentemente, porque eu só tive acesso a essas informações durante a minha formação da graduação. Isso me fez refletir e mudar minhas atitudes e também as minhas convivências. Que hoje eu respeito todos com suas religiões, com suas maneiras de serem, mas que eu não faço parte mais. Mas, também hoje, tenho oportunidade de dialogar muito com todos independente das idades, na escola, na comunidade, na reza, na reunião com a liderança. Aprendi esse conhecimento de poder falar com as pessoas sobre intenções, já posso esclarecer como éramos antes e hoje porque estamos assim, trazer uma reflexão real para eles pensar e cada um tirar suas próprias conclusões.

Agora vou apresentar outro personagem que ajudou bastante em nossa comunidade, mas com objetivos diferentes das missionárias. Quando eu era muito pequena, chegou o Frei Álido que, por muitos anos, trabalhava ajudando os moradores da aldeia, principalmente as crianças e as mulheres. Ele ajudou meu pai a comprar os fios de energia para chegar em nossa casa e meu pai cavou os buracos para colocar os postes que ele mesmo tirou da aldeia.

Lembro muito bem, como se fosse hoje, quando chegou a energia, pela primeira vez, em casa; não queríamos dormir, só ficar acordado, pois era novidade para nós, e fomos a primeira casa a receber energia. Foi muita alegria! Depois, minha mãe foi comprando, aos poucos, alguns eletrodomésticos, como geladeira e a famosa televisão. Isso foi incrível em nossas vidas como crianças; na época gostávamos muito. O Frei Álido chegou por aqui quando eu tinha uns 3 anos de idade. Lembro que ele ajudou muito a comunidade de Yvykuarusu: trouxe cobertas, sacos de roupas usadas para adultos e crianças, calçados para os homens trabalharem, instrumento para trabalhar na roça, como machado, facão, enxada, foice, enxadão, lona para ajudar o pessoal que tinha colhido feijão e arroz, para cobrir na época de chuva, e sacos para colocar arroz, milho, feijão e amendoim. Portanto, ele trouxe estes recursos para Yvykuarusu. Às vezes ele trazia sementes de outras aldeias para o nosso pessoal. Todos gostavam muito dele.

Quando retomamos Takuaraty, ele ajudou com lona para barracas, além de alimentos, roupas e cobertas. O Frei Álido nunca chegou na aldeia com intenção de fazer os indígenas se tornarem católicos, nem catequizando, nem cobrando por tudo que trazia.

Ele fazia visitas, olhava as famílias que mais necessitavam e marcava os nomes delas para que, quando voltasse outra vez, trazer ajuda. Ele fazia sopa para as pessoas, por grupos, comprava mandioca dos que tinham e fazia comida para todos da aldeia, e chamava todas as pessoas para comer: crianças e adultos.

Minha mãe conta que em 2008, já tinha celular em casa, aconteceu que chegou uma informação para meu pai de que naquele dia os fazendeiros queriam pegar o Frei que estaria vindo para a aldeia, então, meu pai avisou minha mãe para ligar para o Frei para que não chegasse na aldeia. Ele tinha costume de marcar quando ia para lá, quinzenal ou mensalmente. Quando minha mãe ligou para a casa dele, ele já tinha saído, indo de Iguatemi para nossa aldeia Paraguasu. Então meu pai o esperou chegar.

Chegou sozinho em uma Toyota de carroceria de madeira, cheia de fardos de roupas enrolados de lona alaranjada, o que tornou o carro dele bem conhecido por todos. Até hoje não sei como meu pai ficou sabendo que os fazendeiros queriam matar o Frei. Naquele dia, meu pai ficou no desespero. Chegando em casa na aldeia, o Frei desceu com a tranquilidade dele e meu pai falou, na hora, que ele precisava sair da aldeia, ir embora naquele momento. Colocaram-no, então, debaixo dos sacos de roupas, na carreta da Toyota, e meu pai levou-o com mais alguém, até a rotatória de acesso a Tacuru. De lá veio um senhor que trabalhava com o Frei e trocaram de motorista que o levou escondido até Santa Catarina, onde ficou por um bom tempo na casa de seus parentes. Percebemos que nossos apoiadores também recebem muitas ameaças dos fazendeiros por trabalharem com nosso povo.

Frei Álido também trabalhava com grupos de mulheres: trazia máquina de costurar para minha mãe ensinar as mulheres da aldeia a fazer roupas para as crianças, com retalhos que trazia, linha, elásticos, tudo ele fornecia. Trazia mudas de eucalipto para as famílias plantarem, ajudou as famílias a ter acesso à água, por meio de roda de água, comprava caixas d'água para os mais necessitados. As roupas feitas ele levava e vendia e, com o dinheiro, ele comprava vacas para os grupos de mulheres e, depois de dar cria, dava para a próxima família, para ter leite, fazer queijo e doce, que ele ensinava fazer. Assim, ele trabalhou muito com as famílias na comunidade, em especial com as mulheres, porque seus maridos já trabalhavam na roça, portanto, elas aprendiam a fazer outras coisas também.

Acompanhei o trabalho dele desde muito pequena. Ele ainda tentou reflorestar a trincheira da guerra (*trincheirakuê*) com os grupos de mulheres da comunidade, com

árvores que levava – mudas de ypê amarelo e erva mate. Algumas que sobreviveram, hoje vejo-as florindo, mas muita erva-mate não sobreviveu. Em 2010, ele levou eucalipto para plantar, uma quantia mínima por família; na primeira vez, ele ensinava como se planta e orientava que deve ser longe de casa, dos rios e de minas de água. Algum tempo depois, pessoas da comunidade puderam comercializar toras muito grandes destes eucaliptos. E, nesta ocasião, lembraram muito do Frei Álido.

Em 2009 viajei com Frei Álido para Santa Catarina nas férias, participei de missa que ele fazia na igreja. Foi a primeira vez que o vi paramentado para este ritual e rezando. Foi bem diferente olhá-lo naquela ocasião, pois nunca o tínhamos visto assim na nossa comunidade. Ele só comentava que as doações que ele entregava na comunidade vinham das igrejas católicas.

Fiquei uns dias com ele, conheci algumas cidades do Estado, a famosa praia que até então eu não conhecia. Foi uma experiência muito boa conhecer um pouco de como ele conseguia alguns recursos para as comunidades indígenas. Naquele período da viagem, também conheci uma aldeia onde viviam os Guarani, falantes da sua língua indígena, que moravam atrás de uma montanha e vendiam seus artesanatos na beira do asfalto. Foi incrível esse contato com eles. Isso fez com que eu olhasse de maneira diferente para tudo o que eu estava aprendendo na universidade.



Figura 7 Guata che pehegue Dyna Vanessa ha avei che irũ kuera mbo'ehara julia, celia, ha temimbo'e Solange ndive.

O caminho que escolhi foi de muitas dificuldades, mas de muitos aprendizados. Para entrar na universidade, tive que concluir o Ensino Médio. Na época, a escola em minha aldeia só tinha até a 5ª série, dali em diante tive que viver também entre os brancos.

Em 2000 iniciei o caminho da escola na cidade, marcado por várias situações de preconceito o que ainda é bem constrangedor. Quando comecei a estudar foi um novo caminhar. Deparei-me com um novo jeito de conhecer o mundo não indígena, com os demais parentes indígenas na cidade. Fazíamos o trajeto de 15 km, que ligava nossa aldeia à cidade, todos os dias, a pé, para pegar o mesmo ônibus escolar que levava os alunos para a escola urbana, tanto os alunos que viviam nas fazendas e cinco alunos indígenas. Era bem complicado porque é um mundo diferente.

O jeito das crianças na cidade é diferente do nosso, eles eram muito mal educados, preconceituosos, vinham falar conosco só para ver se sabíamos falar a língua deles, que é o Português, ou só para “tirar sarro”, porque nós ficávamos muito quietos, no nosso canto. “O preconceito linguístico faz parte da estratégia integracionista e colonizadora”, explica a professora Veronice Rossato (comentário oral, 2023). Para mim era muito estranho, porque a generosidade devia vir da casa dos *karai* também, não ter preconceito, não discriminar, nem tirar sarro ou deixar a pessoa deprimida, ou ficar falando mal do aluno indígena. Era bem triste ver isso no ônibus escolar!

Faziam todo tipo de humilhação contra nós, mas na hora de jogar bola, todos queriam os estudantes indígenas porque éramos os mais habilidosos em jogar bola e éramos mais fortes; mas na hora de fazer grupos para atividades na sala de aula, ninguém nos convidava. Cada um escolhia os melhores entre os *karai* na sala, ninguém queria os indígenas nos grupos e não nos davam oportunidades, nem deixavam nos expressar. Era bem triste!

Os professores da cidade só davam atenção para os alunos mais populares, filhos de empresários da cidade, filhas de fazendeiros, do prefeito ou vereadores. Eles tinham prioridade, pois, com notas mais altas, recebiam atenção especial dos professores; eles podiam reclamar de notas quando tiravam notas baixas, mas, nós, alunos indígenas, ficávamos assistindo tudo e sentávamos na fileira de cadeiras, porque não tínhamos as roupas muito boas, nem calçados que estavam na moda ou materiais escolares do tipo que eles tinham. Tínhamos cadernos, caneta, lápis e borracha, o essencial para estudar, mas não tínhamos mochila, usávamos sacos de arroz no lugar, chinelas havaianas, só o básico do básico. Acompanhamos todo tipo de comportamento feio, aprontaram muito e nós

acompanhamos tudo muito de perto. Lembro que faltávamos muito nas aulas, pois alguns dias o ônibus escolar não nos buscava, ou estragava no caminho e chegávamos atrasados, todos sujos devido à poeira da estrada de chão.

No 6º ano tínhamos uma professora de inglês e eu gostava dela. Um dia o ônibus escolar não foi nos buscar, perdi o conteúdo e a tarefa para o outro dia. Quando chegamos no dia seguinte, ela levou os alunos indígenas diretamente para a secretaria para assinar advertência por não ter feito a tarefa, e não perguntou o porquê de nossa ausência e nem quis ouvir. Assinamos a advertência e isso me marcou muito, acabando minha admiração por ela.

A língua portuguesa foi bem mais difícil para nós porque a nossa língua materna é o Guarani. Isso é bem constrangedor quando nos deparamos com situações como essa. Fomos proibidos de falar a nossa língua na escola porque, segundo o pensamento dos *karai*, só assim iríamos nos esforçar para falar o Português corretamente. Lembro que eu e meus colegas preferíamos não falar nada, nem podíamos tentar, porque zombavam de nós, então preferíamos andar sem falar até voltarmos para nossa aldeia. A aldeia é nosso porto seguro, pois ali é nossa casa, lá não tem o *karai* com seus preconceitos, encurralando-nos com suas palavras que hoje chamamos de *bulling*. Na época era tudo liberado – éramos humilhados e nada acontecia aos nossos agressores.

Os professores também eram preconceituosos conosco; se tirássemos nota boa, tudo bem, se não, dava na mesma, era como se os alunos indígenas fossem invisíveis ou não tivessem futuro. Hoje, acredito que foi por falta de conhecimento, apesar de que ainda escutamos alunos reclamando de professores e de como são tratados nas escolas da cidade e isso é bem revoltante, porque o município é composto com mais da metade de população indígena.

Foi um período bem complicado! Lembro-me que foi assim todo ano e foi aumentando cada vez mais os alunos indígenas nas escolas da cidade. Uma vez, o diretor da escola falou para nós, alunos da aldeia, que tínhamos que nos cuidar mais porque nosso cheiro era muito forte, “chega a feder de longe”, e que não era nem para o professor nos deixar jogar bola, pois na sala não dava para ficar porque os colegas não aguentariam o nosso cheiro. Ele nos orientou para tomarmos banho, comprar roupas novas, mas eu não achava necessidade de falar tudo isso, porque eu via que os colegas que sempre iam conosco para a cidade não tinham cheiro ruim, mas os *karai* faziam questão de olhar os indígenas dos pés à cabeça, jamais ouvimos um elogio. Foi um período bem triste, o de

estudar na cidade. Foram 4 anos de estudo na escola municipal Mitsuro Saito, onde cursei o 6º, 7º, 8º e o 9º anos e repeti duas vezes o 6º ano, logo que cheguei da escola da aldeia. Quando terminei meu último ano do Ensino Fundamental, tive que mudar de escola para fazer os três anos de Ensino Médio na escola estadual Santiago Benites, na mesma cidade.

Novos desafios chegavam numa escola onde todos estudavam se quisessem e quem quisesse. Os professores antipáticos davam a sua aula e iam embora, nem conheciam seus alunos. Era um pouco pior que a outra escola, havia muitos seminários para apresentar em grupos, sempre. Deparamo-nos outra vez com a língua portuguesa. O mais complicado foi uma professora bem branca que falou que os indígenas tinham que se adaptar ao novo mundo do Português, pois iríamos, para sempre, precisar dele, para o resto de nossas vidas, e que, só assim, seríamos aceitos na sociedade nacional - “tem que falar direito e falar bem”. A professora exigia mais de nós indígenas e dos alunos paraguaios que estudavam com a gente, mas, pelo menos, já não era mais só de nós indígenas. E, entre os alunos não indígenas, que pronunciavam bem o Português, eram os que mal olhavam para baixo, muito arrogantes e mal-educados.

Nesse período também conheci uma professora entre todos esses professores que tive na cidade. Ela dava aulas de Biologia e era diferente; seu nome era Ana Paula Lubas. Diferente de todos e todas, ela se aproximava de nós, alunos indígenas, e perguntava as coisas, sobre como era nossa aldeia; ela tinha curiosidade, era muito educada e deixava bem claro que respeitava todas as etnias, religiões, línguas, que, para ela, na sala todos eram iguais que não tinha ninguém diferente na aula dela e incentivava para que todos se respeitassem. Lembro que os alunos reclamavam dela na direção da escola por estar dando atenção para nós, indígenas, mas, ainda assim, ela continuava e falava que não ia mudar, que todos os seres humanos são iguais, independentemente da cor, raça, religião, cultura ou filho de quem tivesse mais dinheiro; que isso não mudaria nada, pois a escola é pública e todos têm direitos iguais e a obrigação dos professores é de dar atenção igual para todos. Eu a admirava muito, ela foi um espelho para mim.

Eu estava no último ano do Ensino Médio em 2007. Lembro que, no mês de março desse ano, a secretaria de educação procurou o líder Milton Lopes para falar que estava precisando de pessoas para dar aulas na aldeia. O líder não tinha mais ninguém para indicar, então indicou meu nome porque eu estava terminando o Ensino Médio. Então, me chamaram na escola para conversar comigo. Não tive escolha, fui obrigada a aceitar. A coordenadora na época veio até mim e falou: “Jacy, chamamos você aqui porque a

partir de amanhã você começa a dar aula para essa turma”. Eu não tinha noção de nada, de como dar aula para uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, só imaginei o que eu iria fazer.

O líder fez uma reunião com a comunidade para falar à eles que eu começaria a dar aulas para seus filhos a partir daquele mesmo dia. Lembro que todos bateram palmas e falaram que estavam felizes porque era uma indígena que estaria ali como professora. Mostraram que isso era muito importante para a minha comunidade. Fiquei com uma responsabilidade maior ainda. A única coisa que eu tinha na minha mente era o que meus professores fizeram comigo e o que eu não iria repetir. Não queria que eles passassem o que vivi, eu queria trabalhar diferente, foi o meu pensamento. Eu não repetiria os castigos, as muitas cópias do caderno, a alfabetização na língua portuguesa em primeiro lugar. Eu precisava fazer diferente.

Minha rotina era, pela manhã, dar aula, de tarde ir para a escola na cidade. Recebia orientação da professora Analisa, que foi minha professora não indígena na aldeia e, então, a alfabetização era na língua portuguesa. Em 1999 começou o curso Ará Verá e o casal de professores Huto e Analisa participou da primeira turma até se formarem. Meu tio, professor Huto Vera, alfabetizava na língua materna (Guarani), mas, desde a 3ª série, já era totalmente em língua portuguesa. Assim foi, mesmo sem noção, eu trabalhava como fui orientada, mas eu gostava de ficar conversando com os estudantes na nossa língua mesmo e foi muito gratificante vê-los aprendendo, deixando-os tirarem as dúvidas, garantindo o direito de se expressar como se sentiam melhor e tratando todos iguais. Eu falava para mim mesmo que os meus alunos tinham os direitos iguais a todos, como havia aprendido que deveria ser.

Assim chegou dezembro, passei de ano e tive uma formatura com os *karáí* na escola da cidade. Nesta mesma época, o diretor da minha escola onde eu já trabalhava falou que estava saindo vestibular em Dourados e que ele iria fazer nossa inscrição para concorrer a uma vaga. Meu pensamento era que eu terminaria o Ensino Médio e ficaria pelo menos um ano em descanso. Mas, fui fazer vestibular para Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu, na UFGD.

A primeira turma tinha 70 vagas e fiquei em último lugar, mas passei. Minha grande dificuldade foi a redação em Guarani, porque caí de paraquedas nisso, e fiquei com grande tristeza por saber pouco escrever minha língua. O segundo momento foi a entrevista em Guarani, mas aí me saí bem, porque na oralidade eu sou boa. E, o terceiro

momento, foi que a primeira etapa do curso seria em janeiro, durante 20 dias fora da aldeia, em Dourados, a quase 250 km longe de casa. Que desafio! Pela primeira vez sozinha fora da aldeia e de casa, sem saber o que nos esperava, viemos para Dourados. Eu estava bem acompanhada de minha tia, irmã caçula do meu pai, Claudete Vera e de minha irmã mais velha, Abigail Vera; elas me cuidavam bem – também estavam cursando o Teko Arandu. As duas, minha tia e minha irmã, já haviam casado, mas tinham se separado de seus maridos. Minha tia fez parte da turma do Ará Vera, eu e minha irmã não. As dificuldades eram bem grandes: a FUNAI era responsável para levar os acadêmicos para Dourados, num ônibus feio e sujo; pegava os acadêmicos de Pirajuí, Potrero Guasu, Paraguasu, Amambai, Coronel Sapucaia e, às vezes, Jaguapiré.

Saíamos cedo e chegávamos no começo da noite em Dourados porque o ônibus passava em todas essas aldeias. Na primeira vez nos deparamos com pessoas - próprios *patricios* mesmo - que vinham da luta indígena. Eu ficava olhando aquelas mulheres que mais se destacavam no curso, falando com toda segurança e, ao mesmo, tempo revoltadas: Leia Aquino, Maria de Lourdes, Renata Castelão, Valdelice Veron. Eu tinha admiração por elas serem mulheres indígenas e, além de lindas, todos respeitavam suas opiniões nas reuniões.

Entretanto, elas não nos aceitavam muito, por sermos novas demais. Lembro-me da fala da professora Léia Aquino, numa reunião, falando para nós que ela não sabia o que nós, jovens, fazíamos lá, sem objetivo nenhum e sem conhecimento das lutas, como conseguimos ser aprovadas na licenciatura Teko Arandu e que era um absurdo a UFGD colocar qualquer “filhinho de papai, patricinha!”. Ela nos falou desta forma porque uma colega de nossa turma, uma mulher muito jovem foi dar a opinião dela sobre o que estava sendo discutido; mas a pessoa foi falar sem saber realmente o que se passava e, é claro, “sobrou” para nossa turma toda. No momento, Leia tinha razão porque não sabíamos mesmo nada da luta deles, desde o Ara Vera, para a construção de uma licenciatura específica para nós¹.

Ela tinha razão quando disse que nós não tínhamos objetivo, mas não aceitei quando ela falou que éramos “patricinhas e filhinhos de papai”; isso nós não éramos, pois somos todos Guarani e Kaiowa. Mas, com esse acontecimento, procurei me informar

¹ A Licenciatura Intercultural Indígena Guarani e Kaiowa é resultado da luta do movimento de professores e professoras guarani e kaiowa e foi recepcionada e implementada pela UFGD no ano de 2006. Eu integrei a segunda turma deste curso.

mais, tínhamos bastante colegas de vários municípios, pessoas boas e simpáticas disponíveis para conversar.

Na época eu tinha 19 anos, tinha alguns colegas da primeira turma do Teko Arandu que sempre explicavam para nós, mais jovens, os acontecimentos sobre as políticas que ocorriam, sobre o curso, ajudavam fazer as atividades e as pesquisas. Éramos bem unidos e sempre tinha outras pessoas que também se aproximavam de nós porque, acredito, percebiam como estávamos perdidos. Assim foram os primeiros dias de aula: o professor pediu para nos apresentarmos; achei isso incrível, pensei “estou no lugar certo”. Nos lugares que estudei, nunca aconteceu de o professor querer conhecer seus alunos e deixar os alunos falarem, debaterem as questões. Fiquei encantada e pensava: porque todos não são assim?

Nas aulas, fui aprendendo mais, principalmente sobre nossos direitos na Constituição Federal de 1988, eu ficava impressionada com várias aulas de professores não indígenas ali, todos participando, valorizavam a língua, a cultura que o mestre tradicional que estava com nós todos em momentos trazia, fazíamos *jehovasa* antes de entrar para a aula e na hora de sair, isso sim era aula para mim. Foi um processo muito rico. Eu ficava com uma dúvida enorme com as professoras não indígenas e pensava será que realmente gostam de indígenas? Falam tão bem, porque por onde eu passei não são assim, todos não gostam de indígenas, eu pensava, e a maioria eram mulheres, eram simpáticas conversavam com todos, sentavam junto com as pessoas.

Assim, fui só observando. Lembro da professora Marina Vinha, da Maria Aparecida, que chamavam de Cidinha, que era bem simpática, e de Veronice Rossato. Dela me lembro desde quando eu era bem criança, ela ia na minha aldeia com seu esposo, ficavam em casa às vezes. Eu já tinha um pouco de receio da Veronice porque ela era conhecedora de muitas coisas de mulher sábia. Meu medo era de ela perguntar algo e eu responder errado. Quando falava de alfabetização; eu nem olhava para ela porque sabia que eu estava dando aula errada, do jeito que não era para fazer. Eu pensava comigo, “como que ela sabe? Ela tá falando isso para mim!”. A professora Celia Foster, simpática também, tentava se aproximar, mas eu desconfiava de todos.

A professora Lauriene Seraguza foi uma vez nos atender na comunidade. Ela foi diferente e eu olhava meio desconfiada, ainda comentei com minha irmã, mas gostamos dela imediatamente. Outras foram a Tatiana Rojas, Nelly Maciel, Maria Aparecida, que chamavam de Lia, também eram simpáticas, frequentavam o alojamento conosco, durante

o curso, conversavam com todos. Aos poucos já foram me conquistando e me senti mais segura com elas e as professoras não indígenas já não estavam mais tão tensas, mas isso foi um processo longo. Eu nunca faltava às aulas, sempre entregava os trabalhos nas datas certas, me sentia com o dever cumprido e ciente de que, depois, precisava repassar isso para minha comunidade e liderança.

As mudanças e os novos conhecimentos aconteceram nesse período, na minha vida pessoal e profissional. No curso escolhi a área de Ciências da Natureza porque era o que eu já gostava desde muito pequena; minha mãe brigava comigo porque até capim eu plantava quando era criança, sempre gostei muito de natureza. Neste período de estudo, entre 2007 a 2012, também conheci pessoas maravilhosas, com quem mantenho a amizade até a atualidade; um deles fez e sempre fará parte de nossas vidas, pois é o pai do meu filho, uma pessoa incrível.

Durante o período de formação tivemos diversos atritos com a Secretaria de Educação do município, sobre escolas indígenas, língua materna, alfabetização. Estes técnicos não aceitavam o que fazíamos, sofremos até ameaça de sermos demitidos. Foi um período bem tenso. Com tanto aprendizado, nos formamos em 2012, numa cerimônia muito especial, apesar de sofrermos por ficar 30 dias longe de casa, de nossas comunidades; mas foi um dia de muita gratidão.

Depois disso, na minha comunidade fomos conquistando as séries finais na escola, onde fui dar aula já na minha área de formação - ciências da natureza. Trabalhei com os alunos sobre o meio ambiente, sobre a terra e os nossos direitos. Foi muito bom trabalhar com os jovens, que não precisam ir até a cidade e passar por tudo o que eu passei, enquanto estudante, nas mãos dos *karai*, então foi mais facilitador. Entretanto, não foi bem aceito pelos pais da comunidade o fato de os filhos estudarem na aldeia, porque os *karai* falavam que as crianças nunca aprenderiam falar a língua portuguesa na aldeia, com os professores indígenas. Mas eu percebo que a universidade apenas faz com que o estudante tenha um olhar voltado para melhorar seu ambiente, abre a mentalidade, prepara para que os acadêmicos tragam melhorias para suas comunidades, para sua localidade, que vão em busca de soluções, com os direitos que temos garantido.

Eu tenho um carinho muito grande pelas crianças desde muito pequena. Aos 15 anos, ainda não tinha noção de como nascia uma criança, sonhava em ser mãe, achava as grávidas muito lindas e as admirava. Eu acompanhava as grávidas (*kuña hye guasúva*) de minha comunidade até a criança nascer, depois ficava com a criança no colo, admirando-

a. Sempre tive respeito e carinho por elas (*mitã rayhu*). Mas eu soube já na universidade e depois dos 20 anos, como que era o processo de gestação da mulher, pois este assunto era muito restrito na comunidade.

Quando se tratava de relações sexuais, nem as escolas na minha época, nem quando estudava na cidade, eu nunca soube algo sobre isso; então, o que eu aprendi foi na universidade. Isso também me incentivou a escolher Ciências da Natureza, que eu já gostava por conta das aulas com aquela professora de biologia que tinha admiração pela cultura indígena e muito respeito por nós. Eu trazia isso também para minha sala de aula, com meus alunos que eram muito pequenos.

Quando iniciei o curso no Teko Arandu, no bloco comum apresentavam as áreas de conhecimento para possíveis escolhas, mas eu não tinha dúvidas quanto à minha escolha, porque já tinha professoras mulheres, que me inspiravam na docência, como a profa. Veronice. Lembro que, mais adiante, os colegas do Teko nos amedrontavam com ela nas aulas, mas quando participei da sua aula, senti que ela tinha sede de convencer os acadêmicos de como poderíamos enfrentar e correr atrás de justiça pelo nosso povo. Esta mensagem ficou muito forte em mim, como mulher indígena isso me marcou muito quando passava essas mensagens fortes para nós (*omohesakã tee voi oikuaava*). As aulas dela eram muito interessantes e ela fazia acontecer de maneira prática mesmo. Admirei e continuo admirando-a por ser essa professora (*mbo'ehara*) para os indígenas.

Entendi que meus colegas têm um pouco de receio de agir, mesmo já tendo noção de alguns conhecimentos, mas não querem pôr em prática ou não querem saber como começar uma nova caminhada após a academia. As professoras que nos atenderam no tempo comunidade foram a Celia, depois veio a Lauriene, a Tatiane Rojas e Maria Aparecida. Estas referências para mim eram suficientes para uma caminhada (*guata*) de conhecimentos com as mulheres. Algumas eram solteiras, outras casadas, todas com formação.

Minha inspiração veio delas; percebi que, não necessariamente, precisa casar ou ter filhos para ser aceito na sociedade e senti que precisava levar isso para a comunidade, porque eu estava me vendo ali e também dentro da minha comunidade. Isso eu nunca comentava com ninguém, mas observava de longe. Quando entrei na área específica de ciências da natureza, convivi mais com a professora Tatiane e, com a professora Lauriene e a energia dela, ficando uma grande amizade, bem profunda. Minha família até adotou Lauriene como membro da família.

Lembro que, quando ela ficou em minha casa para fazer as pesquisas dela, minha mãe a tratou como a uma de suas filhas, chamava atenção dela até na hora de tomar banho. Sua história de vida me encantou e me emocionou, pois, apesar disso, sempre tinha aquele sorriso e também muita força para correr atrás de seus objetivos, sempre muito focada e com muita disposição. Convivemos muito e isso me motivou para a caminhada (*guata*) da minha vida, como mulher guarani e kaiowá e também como mulher professora e mãe de um menino.

Mesmo com os desafios passados na minha comunidade, com os sacrifícios pessoais, me formei na graduação em 2012, e trago para minha vida com muito orgulho. Sempre estou repassando minha trajetória de vida para meus colegas de trabalho, alunos e para os que estão iniciando o estudo de nível superior. Hoje temos acesso a muitas informações, muito incentivo da comunidade para estudarmos e precisamos ocupar espaços no lugar dos não indígenas, pois, muitas vezes, os nossos parentes são mal atendidos em diversos lugares públicos, e nós indígenas precisamos assumir essas posições.

Em 2019 fiz a seleção para entrar no mestrado pelo PPGANT – Programa de Pós Graduação em Antropologia (UFGD); para minha felicidade eu passei, mas sabia que essa caminhada seria diferente, porque, quando eu estudava na licenciatura, eu era sozinha, as dificuldades eu dava conta. Mas naquele momento seria diferente, porque eu tinha uma criança de 3 anos e, até hoje, ele só tem a mim, sua mãe (*nde sy*), mas, nunca levei isso como dificuldade e, sim, como incentivo para eu buscar algo que quero muito e ele faz parte disso. Quero mostrar que uma mulher pode ir além, com ou sem filhos, que isso não a impede. Logo veio a pandemia e consegui fazer minhas aulas on-line com ajuda do meu pequeno João, dos familiares. Hoje, estou como coordenadora da escola, e a Lauriene sempre me motivou muito e eu a admiro por isso.

Também naquele ano de 2019, a comunidade se reuniu para que eu ficasse na coordenação da escola na comunidade. Mas aconteceu divergências entre a comunidade, a liderança, os funcionários e a Secretária de Educação, porque não queriam me aceitar, por eu ser mulher, mãe solteira e, principalmente, por eu ser indígena. Então, a comunidade se reuniu para pedir que eu ficasse na coordenação, mas eu entendia que isso ia gerar muita polêmica na Secretaria da cidade. Fizeram um documento, um abaixo-assinado, mas a Secretária não aceitou, eles acharam que eu quis isso por conta própria, falaram que o documento com as assinaturas da comunidade era falso. Lembro que veio

a Secretária, na época, fez reunião só com os funcionários e me ofereceu dois períodos para trabalhar, achando que eu queria o lugar dos outros coordenadores. Isso foi muito tenso e de energia muito forte. Argumentavam que o indígena não tinha responsabilidade de assumir e conduzir um cargo assim. Mas não deu certo para eles, eu não me deixei abater, pois os pais dos alunos me queriam e me convocaram para o cargo.

Aos poucos fui vendo que a comunidade tinha uma visão diferente dos não indígenas. Para os não indígenas, o indígena é visto como preguiçoso, que não gosta de trabalhar, é irresponsável e, diante de uma sociedade conservadora de cidade pequena, era mais negativo ser uma mulher indígena, mesmo que formada, e, mais ainda, por ser mãe solteira.

Com o passar do tempo a mentalidade da comunidade foi mudando, principalmente a liderança. O processo é vagaroso mesmo, e hoje, a mulher indígena Guarani e Kaiowa tem muito mais autonomia nas escolas. Antigamente, os cargos eram ocupados, quase que totalmente, pelos homens. Mas, atualmente, a escola é composta de 85% de mulheres. Nas reuniões de pais de alunos, as mães se manifestam dizendo que as mulheres são mais responsáveis e mais comprometidas com os trabalhos, por mais que tenham seus filhos e suas casas para cuidar. Vejo que não olham mais com o olhar de que a mulher padrão é aquela que casa, tem esposo e filhos. Hoje estão valorizando a pessoa em si como mulher, o caráter da mulher, e é muito gratificante, mesmo que tenha sido um processo muito doloroso no início, mas está tendo um resultado positivo nos dias de hoje.

Com esse mesmo resultado, temos um time de mulheres-mães na aldeia, que foi campeão em futsal de quadra no município, diversas vezes, e que também são professoras. Isso nos incentiva muito para as conquistas e para a carreira das mulheres indígenas. Numa reunião na escola com o líder Ubaldo Fernandes, falou-se sobre as mulheres que trabalham, sendo a maior parte de solteiras e sem maridos, porque estão pensando mais na sua carreira, no seu profissionalismo e estudando muito, são muito dedicadas. Elas estão preocupadas com os homens que não estão estudando e se preparando para o futuro. Precisamos de gente indígena para atuar em diversas áreas, para que nossa população seja bem atendida. Os professores têm a responsabilidade de passar esse conhecimento e abrir a mente dos jovens, adolescentes e também da comunidade, quando têm oportunidade, em sua casa, na roda de tereré ou na hora de chimarrão. Esta é a profissão que escolheram e o trabalho é em dobro. Por onde passamos temos que plantar algumas sementes, para fazer uma boa colheita, futuramente.

Em 2021, eu fiquei como substituta do coordenador, que se afastou devido a problemas de saúde e, assim, dei continuidade ao meu trabalho como coordenadora na escola. Quando eu fui convocada para assumir esta posição, tinha homens no ambiente de trabalho e também algumas mulheres, colegas de trabalho, que não queriam muito aceitar que uma mulher tivesse condições de levar a escola adiante. Este preconceito ainda vai continuar, pois, no princípio, a nossa sociedade foi submetida a isso através da relação com os não indígenas. Aos poucos, as pessoas foram vendo meu trabalho e também o diálogo que venho desenvolvendo junto aos nossos colegas e lideranças na educação escolar indígena na aldeia *Yvykuarussu/Takauraty*.

Atualmente, continuo o trabalho na coordenação da Escola Municipal Indígena Pancho Romero, fazendo meu trabalho de forma muito séria, pois o cargo exige muito. No ano de 2023 iniciamos uma luta de “gente grande” com o setor de educação do município, para que pudéssemos colocar só funcionários indígenas, todos com graduação, para atuar de 6º ao 9º anos. Foi uma situação muito humilhante, com meu tio, Huto Vera, que é também meu colega de trabalho, e com o líder Ubaldo Fernandes, mas conseguimos. Então, gosto de fazer as coisas certas, porque, a qualquer momento, podemos chegar ao nosso objetivo e também podemos cobrar ou exigir nossos direitos na Educação Escolar Indígena. Também dialogamos muito com nossos colegas indígenas, sobre tudo o que acontece na comunidade, incentivamos muito para que todos ajudem o líder no seu trabalho com a comunidade, para que conquistemos as coisas em conjunto. Estamos descobrindo que, assim, somos mais fortes ao fazer uma só fala, tanto professores, coordenadores, funcionários em geral, liderança e sua comissão. Somos muito jovens ainda, mas estamos caminhando e o nosso caminho é longo e já estamos vendo muitos resultados, mas precisamos de muitas conquistas ainda para nosso povo.

Neste capítulo eu trouxe a reflexão a partir da vinda de minha família de Pirajui para morar em *Yvykuarusu* no ano de 1993, para trabalhar e ajudar o líder Pancho Romero no processo de recuperação territorial de *Takuaraty*. Foi o próprio Pancho quem chamou meus pais para morar na *tekoha* e também trabalhar como professor na época que também

precisavam de falantes da língua portuguesa para que se comunicassem com os não indígenas quando precisassem, e foi assim que aconteceu.

E como nascer, viver, crescer e conviver com os Kaiowá na *tekoha* sendo uma mulher de família guarani? Existe uma certa diferença, entre essas etnias ainda na atualidade, mas amenizou muito hoje em dia. Meus pais tiveram que se adaptar com o modo de viver em *Yvykuarusu*, (*teko marangatu*) com rezas, *guachiré*, para eles foi um aprendizado porque eles vieram de uma escola bíblica, foi uma adaptação que conseguiram aprender. Contam que foi um aprendizado para a vida, convivemos muito bem e aceitaram nossa família, hoje eu falo que sou Guarani e Kaiowá e me sinto assim, vivendo e aprendendo a todo momento com esse povo.

Eu e minhas irmãs tivemos uma infância saudável tivemos tudo o que uma criança indígena tinha direito de aprender, brincar, viver. Minha mãe sempre cuidou de todos nós, por mais que tenha sofrido por ter cinco filhas mulheres, pois, em nossa sociedade nessa época era considerado mais interessante ter filhos homens, minha mãe nunca mostrou isso para nós e sempre amou e educou muito bem a todos nós. Os meus avós falavam que a vida de mulher é muito sofrida, pois as mulheres passam por processos muito rigorosos, de muitas restrições no processo de criação. Minha mãe tomou todos os cuidados possíveis para que pudéssemos crescer e viver cada processo no seu devido tempo, enquanto criança era um processo, enquanto jovem era outro e na vida adulta também e isso foi muito saudável para nós, que hoje conseguimos compreender a importância de todos esses processos aos quais fomos submetidos. Ela como uma pessoa mãe foi muito inteligente para criar seus filhos e assim a admiro e desejo conseguir fazer o mesmo com o meu filho.

O processo da retomada do *Takuaraty* eu vi e convivi, hoje tenho um olhar diferente e também atualmente com certos conhecimentos, com a ausência do meu pai na época justificada para que hoje as crianças tenham uma escola de qualidade, lugar para morar, plantar seus alimentos; ele fez isso pensando na população em geral e também nos seus netos que estão com ele na *Yvykuarusu/Takuaraty*.

A minha convivência com as mulheres se iniciou em casa junto com minha mãe e com minhas irmãs, mais adiante com minhas avós e na comunidade em que moro, observava muito alguns processos, algumas situações entre as mulheres, e, quando soube que as mulheres que foram e tomaram a frente da retomada do *Takuaraty*, eu fiquei muito impressionada. E com o processo da minha formação pude ver outras pessoas trilhando o

caminho das mulheres, isso vem acontecendo de modo ainda muito lento, por falta de alguns conhecimentos, porque lá no início passei por diversos tipo de preconceitos que por estar com certa idade, o que para sociedade local já era idade para estar casada, construindo uma família, filhos, e trabalhando como professora com os filhos deles.

Tive que ouvir e continuar a caminhar calada mesmo, meus pais não tinham condições financeiras para dar o melhor, mas minha mãe sempre dialogou muito com nós, principalmente para estudarmos, mesmo que tive esse contato e fui alfabetizada na língua portuguesa, aprendi a equilibrar muitas coisas, como ser de fora da comunidade, mas também de dentro, fora tenho que estar preparada para me defender e dentro da comunidade é o meu porto seguro, minha casa. Essa insegurança sempre vai existir. Afinal, como tentei demonstrar, o fogo é o nosso lugar, o lugar das mulheres, onde fazemos crescer a vida e levantamos os nossos parentes, como as “as donas do fogo, as *tata jára*.” (SERAGUZA, 2023).

Porque a sociedade exige isso de nós indígenas, mais ainda quando se trata de mulher indígena. Destaco também meu processo de aprendizagem entre a sociedade não indígena em que compartilhei grande parte da minha vida, mas que nesse caminhar mantive o que aprendi com meus *ypy kuera* – as minhas origens. O que mais ficou em mim e me preparou para estar na luta pela caminhada entre os e as não indígenas, foi meu pai com as lutas enfrentadas que me serviu muito das poucas vezes que o acompanhei nos encontros de lideranças (*aty guasu*), isso se soma para meu aprendizado como ser humano e também como mulher, mãe solteira e profissional que me tornei hoje.

Todos os caminhos trilhados até agora, me fizeram pensar e refletir, como resultados positivos, mas também como negativos, diante dos muitos colegas e professores que passaram e se foram e outros que permaneceram, que ainda mantemos contatos, que de alguma forma ajudaram diversas vezes, mas também questionaram muito, o que também serviu para aprender a olhar e saber diferenciar, com um olhar crítico, construtivo, alguns questionamento feitos com mulheres na sociedade em geral e também como indígena mulher.

Capítulo II

Viver como uma mulher guarani e kaiowá entre outras

Nesse capítulo destaco o desafio de ser mulher, como viemos nesse mundo gerado do ventre de uma mãe, quais os desafios a serem enfrentados. Como comentei no capítulo anterior, meus parentes de etnia não comemoram muito quando nasce uma criança mulher porque falam que é um ‘problema’, “dor de cabeça”, pois os cuidados são grandes e diários até uma certa idade. Era assim que as minhas avós falavam, quando era gravidez de menino era comemorado na família, porque existia uma ideia de que iria “trazer sustento para a família” e que traria “menos problemas”.

Aqui destaco qual é a importância de uma mulher em casa, independentemente de onde está, ela tem um papel fundamental dentro de uma casa, de uma família. Das mulheres veem a geração de pessoas, os cuidados dos filhos, da educação das crianças, e ela é tratada com muito carinho por todos. Até uma certa época a mulher é muito reservada, fica muito quieta no seu canto, como aquela pessoa que “não sabe de nada”, mas são tratadas com todos os cuidados. Algumas vezes podem ser provocadas por alguém para que se manifestem, o que pode acontecer de uma forma dura, indo em desconforto do que muitas vezes esperam das mulheres, ou ainda, a mulher pode falar algo que pode prejudicar a sua vida futura.

Falo pela experiência de minha mãe, que criou 5 mulheres, praticamente sozinha enquanto que meu pai estava na retomada. Em 2005 quando aconteceu uma eleição para a liderança de nossa *tekoha*, lembro que pedimos para ele, nós as filhas, que não queríamos mais ele nessa correria, que precisávamos dele em casa conosco, ele entendeu e foi muito bom esse período dele em casa conosco. Ele sofreu muito em nossa infância, a minha mãe contou para as filhas que algumas pessoas falavam sobre o fato deles terem só filhas mulheres, mas ele fala que tem orgulho das filhas que tem e do filho também. Minha mãe cuidou de todas nós quando aconteceu *kuñatai*, a primeira menstruação, fez todos os procedimentos que devem ser feitos nesse período, com os remédios, os resguardos, tudo de acordo com a nossa tradição. Quando precisava de algum remédio ela procurava com quem sabia, então durante esse tempo minha mãe foi bem rígida com todas nós.

Apresento aqui uma realidade enfrentada pelas mulheres em algumas famílias, que ainda é muito forte, mas a maior parte já conseguiu aceitar, o fato de que, quando acontece um casamento, as famílias já desejam que a mulher engravide e que o primogênito seja um filho homem. Antes mesmo que ela esteja gerando, vem a rejeição. A luta já começa aí, e muitas vezes da parte das próprias mulheres. Quando questionei minha avó por isso, ela respondeu que isso se dava porque a vida da mulher é muito difícil, ela passa por processos muito dolorosos e isso tem que ser repetido sempre (*oiko asy, ha avei ome'e akã rasy*) e também dá muita “dor de cabeça” para seus familiares, devido sua beleza, que encanta também outros homens, muitas vezes casados.

Minha mãe nos orientou através da educação e também dos processos rituais que fez todas as suas filhas passarem e que todas as meninas deveriam passar, o ritual do *kuñatãi*, na primeira menstruação. Durante nosso resguardo nesse período sensível, nossa alimentação foi gradativamente mudando, mas aconteceu de acordo com o esperado no ritual. Mesmo que meu pai viessem de escola bíblica, se adaptaram com *ñandereko*, nós as filhas também fomos batizadas pelos Kaiowá da região (*ñemongarai*). Conforme o conhecimento kaiowa, todas as crianças precisam de batismo para que consigam trilhar um caminho de muita sabedoria e para não acontecer (*imba'ejehu*) com essas crianças, por isso, eu e minhas irmãs todas fomos batizadas.

Quando fui batizada na nossa cultura, *ñemongarai*, recebi o nome de “*kuña marangatu*”, na época meu padrinho Atanásio disse que significa “mulher de sabedoria”. Hoje, já sei porque foi me dado esse nome, sou mulher, mãe solteira, professora, estudante, no momento única mulher indígena, coordenadora de escola no nosso município. O aprendizado como mulher me faz cada vez mais ir adiante, a admiração, as aprovações quando estou fazendo algo pela minha aldeia, a confiança que depositam em mim é uma responsabilidade depositada e sempre faço para retribuir da melhor maneira possível.

Nesse capítulo também conto como foi minha vida, que gostaria de ser mãe desde menina. Com meus 18 anos eu me tornei independente, comecei ajudar em casa através do trabalho como professora. Durante as práticas rituais em minha parentela, eu fui muito obediente porque tinha muito medo do *jepota* – o encantamento. Minha mãe conversava muito conosco, foi rígida na educação, na alimentação, na obediência, e até hoje, eu consigo repassar tudo que eu posso para meu filho do que aprendi com ela nessa fase da minha vida.

Eu ouvia muitas pessoas falarem que eu precisava muito casar para ter meus próprios filhos, que não podia ter só, sem um marido, pois a sociedade e comunidade em si não permitia isso e que se eu desobedecesse poderia no futuro não ser respeitada diante da nossa sociedade. Muitos me falavam isso, mas por mais que gostaria muito de ser mãe, eu demorei muito para engravidar, o que aconteceu em 2016 com 27 anos. Engravidei e tomei uma decisão muito séria na minha vida, de seguir só com minha gravidez. Devido ao meu trabalho, não gostaria de ser dependente de alguém e fui assim, preparada para enfrentar a sociedade. A comunidade recebeu de forma tranquila a notícia, porque antes passei por alguns questionamentos quando trabalhava com as crianças, sem ser mãe.

Respeitei alguns dos processos dos rituais, pratiquei e ainda pratico muito deles, alguns, na minha concepção, não pratiquei, mas estava preparada para enfrentar as críticas e consequências, porque na nossa sociedade tem que casar para ser respeitada como mulher e também dar filho para ambos da família, como já expliquei. Eu, particularmente, essa parte não pratiquei, não passei por esse processo, para mim, a independência financeira e ter liberdade de circular era o melhor caminho para ser trilhado. Ainda hoje não me vejo na sociedade casada, não consigo nem imaginar, sou mãe solteira, independente, acredito que isso não me faz ser diferente na sociedade. Por mais que a sociedade veja a mulher solteira ou mãe solteira como ameaça para os maridos, alguns eventos devem ser evitados para não ter muita conversa. Quando engravidei eu já estava muito consciente de tudo o que enfrentaria pela frente.

Enfim, eu estava gestante. Foi tranquilo, foi um processo que passei pelo ritual dos Kaiowá e Guarani, fazendo dieta, o que foi indicado pelos mais velhos, banho de remédios, massagens, remédios para beber, fazer as atividades de casa, não dormir até tarde, não dormir de dia, para que tudo ocorra bem na hora do parto. E sempre fui muito obediente quando tudo aconteceu, eu convivi muito com meus avós maternos e paternos que são pessoas que somaram muito para hoje estar onde eu estou, no caminho da luta por mim mesmo e pela minha comunidade, à disposição do meu povo.

Essa força de liderar vem de família mesmo. Meu avô, Mario Vera, também foi liderança por um bom tempo em Pirajui de onde meus pais vieram. Trago também neste capítulo uma conversa com a *Ñandesy Celeste*, uma xamã que me aproximei muito, pois viva em minha *tekoha*. Questionei ela sobre o *kuña reko*, o modo de ser e viver da mulher, e ela foi bastante objetiva, contando como tem que ser desde muito pequena até a menina se formar moça e depois, na vida adulta. Para Celeste, tudo começa com a educação em

casa juntos com seus pais, como, por exemplo, fazer e servir chimarrão logo pela manhã sem reclamar, pois já é uma preparação do que vai vir mais adiante para quando chegar o processo de *kuñatai*, quando o momento é de aprendizados mais rígidos, sempre *kuña rekora* começa por aí, passando por esse processo todo, pois sua vida futura vai depender de quem e como cuidou dela para que ela tenha um *kuña reko porã* – uma vida bonita de mulher.

2.1. Fazer-se mulher guarani e kaiowa

Ser mulher é um desafio diário, desde o seu nascimento até seus últimos dias. A criação e a educação de uma mulher depende de sua mãe, avós, rezadores; são pessoas que ensinam como é o processo de cada etapa de sua vida. O aprendizado familiar é muito importante para a mulher guarani e kaiowá, porque ela é a base da sua casa, responsável pelo bem-estar de sua família e isso é uma enorme responsabilidade para a mulher.

A mulher consegue manter a sua casa independente da quantidade de filhos, ela é fundamental dentro de uma casa familiar, ela é a responsável de manter o ambiente e a educação familiar e consegue fazer um papel múltiplo. Ao mesmo tempo, ouvi dizer que homem não tem casa, a casa sempre é da mulher, quem constrói é o homem, o homem tem que dar a casa para a mulher quando eles se casam. Quando não se casam, o pai e os irmãos se responsabilizam pela construção. Nos tempos passados as mulheres eram muito reservadas e caladas, pois sempre foram mais observadoras do que os homens. E são conhecidas por terem falas poderosas (*ojahei*), em palavrado português, podem ‘jogar praga, amaldiçoar’. Por isso que nos tempos passados existia muito *ojahei*, muitas das vezes deixavam as mulheres bravas e elas falavam algo que na hora da raiva, desejavam profundamente e acabava por acontecer: ela tem poder quando saem palavras da boca da mulher, ela tem o dom de fazer acontecer, realmente.

Desde muito tempo, a mulher é tratada com todo cuidado, pois ela é muito frágil – o que não quer dizer que não tenha a força nas suas palavras. Nas rodas de conversa, na serenidade e nas lutas, as mulheres se manifestam pouco, elas têm cuidado com a sua palavra. Até na caça elas vão na frente dos maridos, pais e outros homens, para não ter perigo de acontecer algo quando ficarem para trás, por cuidado nosso. Aos poucos, com o passar do tempo, as mulheres vêm ocupando os espaços fora de sua casa, na comunidade, na liderança, como estudantes e funcionárias.

Minha mãe, mesmo sozinha, cuidou de 5 mulheres educou, cuidou da alimentação, para sermos educadas, respeitar os próximos, seguir passo a passo como manda a nossa cultura; na infância e na criação em família nossa mãe sempre foi atenciosa, como esperam que sejam as mães. Os avós participam muito da criação dos netos, para ficarem longe do perigo; são protetores. No processo de aprendizagem da vida, eles ensinam a conhecer tudo, como, por exemplo, os parentes, a valorização das datas comemorativas, o respeito, a infância saudável, a pescar, caçar, tomar banho no rio, as plantações na roça, os comportamentos e convivência na sociedade, na família e a não ouvir a conversa dos adultos.

A família sempre foi cuidadosa em todos os sentidos. Minha mãe sempre conversa muito conosco, mas poucas coisas ela contava para nós quando tinha gente estranha, ela não nos deixava ouvir as conversas. Tivemos uma infância muito saudável, com toda educação que minha mãe deu a nós, embora meu pai pouco participou porque ele estava mais nas retomadas e viajando sempre, já que ele era liderança, na época.

A educação que recebi foi muito rígida, mas tive uma infância cheia de aprendizados. Quando ainda era pequena, teve a retomada de Takuaraty, mas minha mãe não contava quase nada para nós. Nas minhas lembranças, meu pai quase nunca estava em casa, de vez em quando chegava em casa e logo já ia embora. Foi um período muito difícil. Minha mãe seguiu com uma responsabilidade enorme de estar conosco em casa, enquanto todos estavam na retomada, mas ela não falhou no papel de mãe que fazia, educou muito bem, nos ensinou a amar o nosso próximo, a respeitar, a ouvir e ajudar sempre.

Foi uma época que compartilhamos muitas coisas na aldeia, produzíamos muito, vivíamos de pesca e caça e, quando o vizinho caçava, convidava, trocava, emprestava. Era muito bom viver na época, noites de danças de *guachire*, de reza, as crianças tomavam banho no rio. Muitas coisas eram boas nessa época, mas triste era quando alguém ficava doente e, quando não tinha cura, vinha a óbito. A casa do rezador - *oga pisy* - era o pronto-socorro, onde ficavam os debilitados para serem tratados, a farmácia era o mato para buscar remédios, em algumas casas também tinham outros remédios, como gordura de sucuri, gordura de anta, de tatu, de paca, de capivara, de ema e de muitos outros. O açougue era o rio ou o mato para caçar e a roça também para buscar alimentos, porque não tinha cidade por perto.

Consigno observar hoje como a nossa realidade vem se transformando, algumas coisas para melhorar e outras para destruir diversas coisas, como por exemplo, não se faz mais rituais com as meninas hoje em dia como se fazia antigamente, tudo mudou, a educação que vinha de casa não acontece mais, a alimentação mudou. Com a entrada de igrejas em comunidades, há parentelas que amanhecem nos cultos, deixam seus filhos em casa e não os educam mais como antigamente (*ndo heko mbo' eveima itayra, terã itajura, imemby kuera*).

A comunicação era feita com muito diálogo, visitava-se muito os vizinhos, tinha muita troca de alimentos, de sementes, emprestavam muitos instrumentos de roça, tais como enxada, facão, machado, foice e outros.

O cuidado significava aceitar os conselhos dos pais, dos mais velhos, dos rezadores, ser obediente, não ter preguiça e, quando os pais pedirem para fazer uma coisa tinha que ser rápido e bem feito. Cuidar da alimentação significa que não pode comer qualquer coisa de caça de qualquer jeito. Se não se cuidar, a menina pode sofrer as consequências mais tarde, como vir muita menstruação, desregular a menstruação, pode ter dores de cabeça, tontura, pode ter ataque/epilepsia (*sapituka*). As consequências de não seguir os rituais na primeira menstruação da menina podem ser muito complicadas para a saúde da mulher por um bom tempo. Tem tratamento com muita reza dos *ñanderu*, com remédios que eles arrumam no mato, mas é um processo que pode levar tempo, causando sofrimento para a moça mulher e para a família, porque é muito triste, ela não consegue conviver bem na comunidade porque sente dores, pode ter ataque a qualquer momento, por isso não pode andar sozinha em lugar nenhum; e bem triste de se ver, mas tem cura com muita reza, *ñembo'e* e remédios.

Nessa época tinha muita consideração e respeito um com o outro e tudo era compartilhado, o que pegava emprestado era devolvido, se tivesse algo, dividia. E todos cuidavam uns dos outros, não só nos rituais das mulheres de *kuñatai*, mas também outros como quando ocorria a transformação nos corpos dos meninos, a educação era diferente. A reza era frequente com rezadores, os rituais, os *guachire*, dias de festas de tomar chicha, *kagui* era para distração, não tinha desrespeitos com ninguém, brigas e não tinha bebida alcoólica como hoje tem.

Kelly Duarte Vera (2017), minha irmã e pesquisadora guarani, relata em seu Trabalho de Conclusão de Curso realizado também na Licenciatura Intercultural Indígena, que o ritual realizado na primeira menstruação é chamado, entre os Guarani, de

ikuna tã, *imba'ejehu*, e entre os Kaiowá, como *ikoty ñemondy'a* ou *huguy guejy* e faz parte de um processo de transformação corporal, necessário para proteger física e espiritualmente as mulheres. As mulheres que foram submetidas aos processos rituais relacionados à “fabricação do corpo” (SEEGER, DA MATTA, VIVEIROS DE CASTRO, 1979), tendem a se diferenciar, no decorrer da vida, das mulheres que não passam por este procedimento. Para Viveiros de Castro, Seeger e Da Matta:

[...] a fabricação, decoração, transformação e destruição dos corpos são temas em torno dos quais giram as mitologias, a vida cerimonial e a organização social. Uma fisiologia dos fluidos corporais - sangue, sêmen - e dos processos de comunicação do corpo com o mundo (alimentação, sexualidade, fala e demais sentidos) parece subjazer as variações consideráveis que existem entre as sociedades sul americanas, sob outros aspectos (VIVEIROS de CASTRO, SEEGER e Da MATTA, p. 11. 1979)

Passei por esse processo que segui rigidamente porque tinha medo de muitas coisas que minha mãe falava: do *jepota* dos bichos e animais que podem se apresentar para a moça em processo de *kuñatai* como um rapaz muito atraente. No texto da Lauriene Seraguza ela enfatiza sobre isso:

[...] ela me respondeu que só quando acontecia o *ojepota*, aí possibilitava aos animais a humanidade imediata, através da fala, reconhecida só por uma pessoa. O *ojepota* ou *jepota*, parte do pressuposto do encantamento sexual executado pelos animais sobre os seres humanos, que faz com que as pessoas “virem bichos”. Esta transformação está intimamente ligada com os momentos de vulnerabilidade da pessoa e de tentativa do controle da alteridade absoluta, o *tekoaku*. (SERAGUZA, 2013, p. 116)

O *jepota* pode acontecer de muitas formas. As histórias que contam são que a moça é atraída para lugares no mato, onde podem sumir por algum tempo, depois voltam; podem sumir por dias fora de casa e isso também acontece, mas só os olhos da moça veem o suposto rapaz, enquanto as outras pessoas próximas enxergam como animais, bichos. Kelly Duarte afirma a importância que têm os rituais, para não acontecer o *jepota*:

É importante saber que o ritual é necessário para as mulheres kaiowá e guarani para a fabricação de seus corpos e para que elas fiquem protegidas dos maus espíritos (*mbae'tiro*) e não tenha os seus corpos e sua “alma” atacadas por eles. É preocupante, pois mulheres, que não passam por esse ritual, têm muitas complicações na saúde espiritual (*anga*), corpos (*rete*) e na convivência social (*oiko porã*). (VERA, 2017, p. 4).

Uma *ñandesy* me contou que isso já aconteceu: um *jaguetê* (onça) se apresentou como um rapaz forte e de camisa listrada, bem bonito, e atraiu a moça, que ficou andando atrás do animal achando que era gente. Todos ficaram assustados ao ver essa cena e foram atrás para matá-lo. Quando mataram a onça, a moça chorou muito. A *ñandesy* disse que quem faz coisas mal feitas pode ser uma vítima futura e está sujeita a se casar com velhinhos cegos (*tuja hesakuápe vare*), e que, se não cuidar bem dos irmãos mais novos, será uma péssima mãe futuramente. Então tudo isso me marcou muito.

Dando continuidade ao texto de Kelly Duarte, ela diz que

Jepota é um tipo de encantamento que faz com que a mulher ao ver um bicho, não o veja como um bicho, o veja como um homem. As meninas que não passam pelos procedimentos rituais na primeira menstruação, que não se cuidam ou as mães não as cuidam com os remédios do mato ou que andam por todos os lados sem orientação estão sujeitas ao *jepota*, pois tanto os animais quanto os espíritos sentem o cheiro (*pyti 'u*) do sangue, e por isso todas devem passar pelo ritual para que possam estar protegidas. (VERA, 2017, p. 6).

Seraguza (2013) explica este fenômeno:

As metamorfoses indígenas são problematizadas no âmbito do *ojepota*, o encantamento sexual a que estão submetidos os Kaiowa e Guarani, homens e mulheres, em virtude dos seus resíduos de alteridade radical e das condições para a vida social, que, se não observadas, podem levar os seres humanos a “virar bicho”. (SERAGUZA, L., 2013, p. 89).

Esse ensinamento foi e é muito sagrado para mim até hoje. Todos ficavam sabendo que a menina virou moça, porque é um lugar pequeno, todos moravam muito perto um do outro e os cabelos das moças eram cortados bem curto, perto da nuca, então todos sabiam, por onde ela passava, que ela estava se tornando mulher.

Entretanto, na época em que eu fiquei moça, nunca ouvi ninguém falando alguma coisa para constranger as moças, era algo bem natural. Minha mãe não cortou muito curto o meu cabelo. Lembro que, quando ela trazia remédios com cheiro bem forte, desagradável, eu fazia cara feia e minha mãe dizia que era coisa ruim que estava em mim, por isso eu não aceitava os cheiros do remédio. Esses remédios eram justamente para espantar as coisas ruins que estavam na pessoa. Se deixasse o preparo do remédio repousar por mais dias, o remédio ficava muito concentrado, com o cheiro ainda mais forte, então, era melhor lavar o rosto, a cabeça e ainda tomar banho. Kelly Duarte Vera, em seu texto, conta a mesma coisa e confirma os rituais:

O cheiro era muito ruim para mim, a mãe falava que se tivesse sentindo o mau cheiro do remédio eram os maus espíritos que estava de olho em mim, pois não gostava desse cheiro e com esses remédios ficaram afastados de mim e então eu ficaria segura. Eu ficava bastante tempo assim, baixada de frente para bacia de água inalando o remédio até suar muito. (VERA, 2017, p. 12).

Todo cuidado era pouco, inclusive com as coisas que podíamos comer, porque vários alimentos podem trazer consequências mais para frente, como já dito. Na roça ou no mato, às vezes as frutas podem dar fora da época, então, nem as moças, nem os meninos em fase de crescimento ou que ainda não se casaram podem colhê-las ou consumi-las, pois, futuramente, quando se casarem, podem ter filhos prematuros, fora do tempo. Isso pode acontecer tanto para mulheres como para homens. No momento podem fazer, comer de tudo, ser desobedientes aos pais, fazer suas próprias vontades, mas, futuramente, as consequências vêm de maneira bem sofrida para a família toda. Isto é explicado por Kelly Duarte Vera:

Os maus espíritos se aproximam, pois a onça não se guardou e não fez os procedimentos que deveria ser feito na primeira menstruação e com isso fica desprotegida e o corpo não suporta a vulnerabilidade, pois não está pronto sem estes procedimentos rituais. Muitas vezes as meninas que não se cuidam do que vão comer e não passam por rituais, tem ataques epiléticos e imitam animais como porcos e vacas. (VERA, 2017, p. 6).

Com 23 anos fui descobrindo tudo sobre sexo, relacionamentos, vida de casado, aos poucos, não com minha mãe, mas, com quem que sabia muito mais que eu e me deu orientações e cuidados. Meus pais sempre nos orientaram que, ao ver uma criança ou adulto especial, com deficiência, não podemos ficar reparando ou zombando, pois, quando tiverem um filho ou filha futura, eles podem nascer assim. Então, isso é muito sério na cultura do nosso povo.

Quando a mulher está menstruada não pode frequentar diversos lugares, como Kelly Vera diz no seu texto:

As meninas, quando estão menstruadas, não podem passar pelo meio das plantações, não podem andar pela mata, perto de rios e nem tomar banho nos rios, pois o *kaja'a pire kuera jara* também sente cheiro do sangue no caso das meninas e se mostraria a elas como homem, por conta do encantamento que provoca nas mulheres neste estado, o *jepota*. Os animais podem sentir o cheiro do sangue, qualquer animal, se fosse um *jaguerete* apareceria como um homem bonito, encantador, de camisa bem estampada, se fosse *yso* (coró) apareceria com uma camisa verde bonita, e também como cobra seria um homem alto, de

acordo com o que os mais velhos contam. Isso quando a menina não passava pelo ritual *ñeñongatu*. (VERA, 2017, p. 9).

Em dezembro de 2015 descobri minha gravidez de uns 15 dias. Foi um sonho que eu estava vivendo. Minha decisão foi de criar meu filho sozinha, por muitas coisas que tinha na aldeia: uma escola, a confiança e a responsabilidade que a comunidade colocava em minha pessoa, mas sabia que, apesar de minha independência, ficaria complicado para mim, pessoalmente. Começaram os cuidados de meu pais, principalmente de minha mãe, apesar de eles não aceitarem muito a minha decisão, porque isso não é costume na comunidade indígena: as pessoas têm que casar. A família ficou com “um pé atrás”; minhas duas irmãs já tinham casado e já tinham filhos, mas eu mantive firme minha decisão e não teve problemas na comunidade, o que mostra as mudanças que ocorrem na sociedade guarani e kaiowá, geradas pelo contato com a sociedade nacional. Seraguza explica estes novos arranjos:

Novos arranjos na organização social kaiowa e guarani são apontados como fruto do contato e de demandas oriundas deste, relacionados ao contexto sócio-histórico vivenciado pelos Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul. Não é possível pensar os Guarani e Kaiowa na contemporaneidade sem levar em consideração suas relações com as sociedades envolventes, principalmente, as não indígenas. Os registros da etnologia em MS mostram as transformações nas relações de gênero como processos culturais relacionados a essa historicidade. Os rearranjos referem-se, principalmente, às categorias de mulheres casadas e solteiras e suas implicações atuais nos coletivos étnicos em questão. (SERAGUZA, 2013, p.41)

Sempre me respeitaram e as pessoas ajudavam trazendo remédios para gestação, para tomar banho, cuidavam muito bem de mim. Continuei trabalhando na época. O professor Daniel Vargas era coordenador e foi super atencioso comigo. Assim, trabalhei até os 7 meses de gestação, aí me deram atestado. Não tive problema nenhum na gestação, foi bem tranquila, tive acompanhamento de um enfermeiro *karai*, Sidnei, desde o começo da gravidez até o parto. Tive esse tempo para me dedicar mais e cuidar da minha gestação. Eu tomava remédios do mato e fazia massagens da minha mãe, com *sukuri kyra*, para fortalecer meu corpo e também para o bebê ser forte. Sandra Benites explica essa relação psicológica entre mãe e filho:

Para os Guarani, a saúde das crianças também depende do bem estar de sua mãe. Se as mães estiverem com problemas de saúde, psicológicos - estressadas, tristes, vivendo na correria, pressionadas por alguma razão - elas certamente ficarão *poxy*, ou seja, revoltadas, com raiva,

impacientes e, na maioria das vezes, as mães acabam transferindo para os filhos esses sentimentos, em casos abandonam os filhos com os pais, avós ou começam a se embriagar. (BENITES, 2018, p. 10).



Figura 8 - eu Jacy amamentando meu filho João.

Além da minha mãe me cuidar, eu tinha outro especialista rezador, que me benzeu, o meu padrinho Atanásio Teixeira – famoso *ñanderu* em todo cone sul do Estado. Ele também cuidou de mim e do meu filho na barriga. Perguntei para ele uma vez, se ele achava correto o que eu fiz, as minhas decisões sobre meu filho, e ele falou que não é o correto, mas se tem um objetivo sério, era para seguir e aconselhou: “Mas não esquece que essa criança tem pai e os dois têm direito”. Isso me fez pensar muito.

Quando Atanásio me benzeu também falou que era um menino, no meu coração, eu já sabia que meu filho era homem. Minha avó, mãe da minha mãe, quando soube da gravidez, também já falou que seria um menino. Meu pai também sonhou com uma *jateí*. Quando sonha com uma abelha *jateí* é menino, porque a casa da *jateí* representa o órgão genital masculino de menino e quando sonha com papagaio, é menina, porque ela fala muito e tem muita beleza. Mas, a *Ñandesy* Usebia, rezadora em minha tekoha, me explicou durante uma conversa nossa que o papagaio representa as crianças, independente do sexo, e eu tive um sonho com quatro papagaios, um deles ia ser meu; naquela vez nasceram três meninos na família do pai do meu filho.

Meu desejo sempre foi o de ter filho homem, não sei se ficou aquela fala em minha cabeça, de ouvir muito meus avós maternos falar da importância de ter menino. Quando descobri que eu estava grávida eu pensei que isso não importava, independentemente do que viesse, vindo com saúde eu aceitava, pensava. Mas, eu senti e sonhava que era um menino, isso foi confirmado no ultrassom que fiz quando estava com 5 meses de gestação. Depois, pensei comigo, como vou criar meu filho se eu tive cinco irmãs? Era um desafio, pois, se fosse menina, eu já sabia o que fazer por conta do modo como fomos educadas e os cuidados que recebemos, daria para repetir.

A partir do ultrassom eu comecei a perguntar para as parteiras de minha aldeia sobre a criação de filhos meninos. Fui bastante orientada em como cuidar do menino antes mesmo dele nascer. Também tem processos para seguir que não são tão diferentes dos que precisam ser feito com as meninas. Quando os meninos passam por um processo de mudança de voz, este é o período onde tem que cuidar mais, seguindo as práticas rituais de nosso povo. É um desafio diário ser mãe de menino. É muito diferente ser mãe de um menino, porque eu fui criada apenas pela minha mãe, eu e minhas 4 irmãs, não foi diferente com meu único irmão que a minha mãe também criou sozinha durante o tempo que meu pai estava fora de casa, a trabalho.

As pessoas mais antiga da minha comunidade diziam que muitas das vezes “pagamos nossa língua”, que os filhos vêm para pagarmos por aquilo que um dia falamos, por exemplo quando digo “nunca quero filho homem”, pode ser que no meu íntimo pensamento eu diga isso, mas fui desafiada por nosso Tupã para que eu fosse mãe de menino para que me tornasse mais forte ainda. Também me fez procurar saber sobre como criar um menino sozinha, sem a presença e a figura do pai em casa, ao contrário do que os pais sonham para suas filhas, como orienta a nossa cultura. Eu me desafiei e estou aprendendo ainda a ser a mãe de menino a todos os momentos, mesmo assim entre cinco irmãs e um irmão ainda lideram mulheres na família, porque a minha mãe tem três netas e dois netos. Somos a maioria.

Uma mãe precisa conhecer tudo e ensinar as coisas boas do processo de aprendizagem para a vida aos seus filhos. Como, por exemplo, o respeito com todos, independente de quem seja, ter uma infância saudável, agradável e - pescar, caçar, tomar banho no rio, ir para as plantações na roça, além de ter um comportamento adequado para a convivência na nossa sociedade e, na família. Minha mãe Aquemi fala que os pais que ficam falando na frente de seus filhos sobre diversos assuntos, como acontecidos triste,

outros assustadores, a criança vai ficar com isso na cabeça e não vai ser uma criança feliz, vai tirar o espírito de criança, a crianças tem que brincar, aproveitar o momento de criança, por exemplo as crianças não podem brincar muito com os adultos que muitas vezes falam palavrões, isso a criança ouvindo, repete, então quando é assim a criança vai desrespeitando sua mãe e outras pessoas na comunidade.

Eu nunca, desde muito pequena, não ouvi palavrões ou algo parecido em casa. Quando ouvia na escola ou outra pessoa falando, minha mãe já falava isso não pode falar, isso é feio, e assim nós respeitávamos apenas, nunca questionamos. O jovem precisa aprender onde deve e não deve ir, a fazer as coisas rápido; não demorar nos lugares quando for buscar água, não comer as frutas maiores ou fora da época.

Eu não tive oportunidade de ganhar o bebê com uma parteira indígena, porque os não indígenas que trabalham na SESAI cuidavam muito das grávidas, faziam visitas frequentes. Em setembro era o mês previsto para nascer; como eles sabem de tudo, calcularam a data entre dia 10 a 18 daquele mês, mas eu, nada de sentir dor, minha mãe perguntava a toda hora, se eu sentia algo, porque ela fala que o bebê vira no útero, se arruma para nascer e a mãe sente um pouco de desconforto, mas comigo nada. Dia 19 apareceu a SESAI e sua equipe para me levar para fazer ultrassom no hospital. Minha mãe foi comigo, cheguei lá, entrei, e o doutor me levou para sala de ultrassom, ele olhou e eu insistia perguntando se estava tudo bem. Ele falou que sim. Saímos da sala e ele disse para a enfermeira: “vamos internar e marcar amanhã às 14 horas para fazer a cesárea nela”.

Eu entrei em desespero, pois minha mãe teve todos os filhos por parto normal, minhas duas irmãs também, todos foram normais. Perguntei o porquê para o doutor. Ele respondeu que o bebê não desceu e não estava na posição para nascer com parto normal. Fiquei me questionando muito por isso, pois eu fiz tudo como manda o protocolo da nossa cultura. Não era o fato de ser cortada na cirurgia que me preocupava, mas eu ouvi muito as mulheres dizerem que não gostavam de ir para o hospital porque o bebê que nasce de cesariana não é saudável, porque ele não faz força para nascer, e eu tinha muito isso na minha cabeça. Mas, depois de tudo, tive meu filho por meio de cesária mesmo.

Fui obrigada a entender a situação e aceitá-la. Meu filho nasceu muito bem, saudável, o que me deixou muito feliz. A conclusão que tirei é que isso aconteceu porque não adiantava eu, mãe, fazer tudo certo e o pai não fazer nada e, por isso, não pude ter

meu filho com parto normal. Sandra Benites fala no texto dela que realmente acontece isso e não tem como fazer de acordo com as nossas regras, no hospital:

Meu medo era este, também, quando fui para o hospital. Geralmente, as parteiras guarani não querem que as mulheres vão para o hospital. Têm resguardo para a mãe e para o bebê. A mãe não pode comer comida com sal, comida com gorduras demais, doces e nem água gelada e não pode tomar remédios durante dois ou três meses. Carne vermelha nem pensar. Tudo isso vale para os parentes mais próximos, irmãos e pai antes de tudo, até o umbigo do bebê sarar. (BENITES, 2018, p. 67).

Estas regras ajudam muito na recuperação do parto, mas no hospital tem que comer o que eles dão e nem querem saber das regras que conhecemos milenarmente, sobre os cuidados com o nascimento de um bebê. Em casa não se toma água, tem que ser chá de ervas para descer o resto que ainda fica no corpo da mulher, para cicatrizar mais rápido os machucados internos e externos, recuperar as forças.

Há um protocolo de remédios tradicionais que temos que seguir e de banhos também. No meu caso foi bem mais rigoroso: tem remédios para cicatrizar os pontos da cesariana, para tirar a anestesia que foi colocada em mim, remédio para passar nos seios para descer mais leite para amamentar. Enquanto isso, tem que cuidar também do bebê, dar banho de diversos tipos de ervas, tais como *yvoty karai*, *maino ka'a*, junto com *ka'i akangue*.

Meus pais já trouxeram *opuraheiva* (rezador) para fazer uma reza no bebê e em mim também, porque eu não morava com o pai dele, e poderia acontecer do bebê sentir dor de cabeça e *oje'ohea*, dor de cabeça muito forte que pode abrir o crânio de bebê e vir a não resistir. Sandra Benites complementa estas regras:

Apenas quem pode ter acesso à mãe e à criança é o pai do bebê, a família mais próxima, como, por exemplo, a mãe da paciente, e a parteira que faz acompanhamento desde o início. Se não seguir as regras, o bebê pode *oje'ohea*, que pode levá-lo à morte; não sei traduzir em português, mas é um acontecimento próximo do que os juruá chamam de 'morte súbita' (de um bebê). (BENITES, S.,2018, p. 67).

A responsabilidade para meninas, moças, mulheres - *kuña'i*, *kuñataĩ*, *kuñakarai* - vem de casa, desde muito tempo: cuida do irmão e das irmãs menores, cuida da casa e aprende observando a mãe. Sua vida adulta é contornar os conflitos e saber viver a vida com ou sem casamento. A obediência aos seus pais e aos avós leva a ser uma pessoa de sucesso que supera todas as dificuldades e faz a pessoa ir além nos seus objetivos.

Lembro-me que, poucas vezes, era contado para que serviam os remédios. No início de tudo não contavam para mim, depois que me tornei mãe, a mãe e o pai mesmo já começaram a me contar, porque eu já tinha meu filho ali e eu tinha que muitas das vezes já preparar o próprio remédio para o meu filho. O conhecimento é para ser trocado e compartilhado de geração a geração.



Figura 9 manga ysy e um goma tirado de árvore para dores forte de cabeça.

O aprendizado das meninas, os cuidados com o corpo da mulher, na infância, na juventude e na vida adulta, seguem muitas regras. A infância da menina é cheia de restrições, na maneira de se comportar, de falar, de comer, como vai andar, como ser obediente, como fazer as coisas de casa. Se fizer as coisas mal-feitas, pode se tornar uma mulher relaxada futuramente, se varrer de qualquer jeito não arruma marido, cuidar bem dos irmãos mais novos é para que sejamos boas mães no futuro, servir bem as pessoas adultas quando pedirem alguma coisa, como fazer tereré, chimarrão; é neste momento da vida que acontecem as correções de comportamento: onde deve melhorar, e vai ajustando os detalhes para melhorar aos poucos. Vejo que tenho esse espírito de mulher forte por

isso, principalmente a obediência, respeito e educação que aprendi com os meus parentes.

De acordo com Kelly Duarte Vera, em sua conversa com as mulheres guarani e kaiowa da Retomada Kuumi Pepy, em Caarapó/MS, o preparo da menina exigia saber fazer uma série de atividades:

Em Caarapo pude conversar com algumas mulheres kaiowá, na retomada Kunumi Pepy, durante uma visita que fiz a eles. Elas contaram como as mães delas as preparavam, antes da primeira menstruação. Contam que tinham seus afazeres de casa, como socar milho no pilão, descascar arroz, socando de cabeça baixa, só cuidando do seu serviço, não podia ficar conversando com outras pessoas ao seu redor. (VERA, 2017).

A jovem, quanto mais vai crescendo, a responsabilidade também aumenta cada vez mais, por exemplo: buscar água tem que ir muito rápido e voltar ainda mais ligeiro quando está prestes a se tornar moça (*kuñatai*) e mesmo depois que menstruou pela primeira vez, se desobedecer pode acontecer algumas consequências, como *jepota*, ser atraído pelos bichos, independente o que seja.

Kelly, no seu texto, continua explicando as regras do processo de se tornar mulher. Acordar cedo é uma delas:

Acordavam cedo para preparar o chimarrão para os pais e avós. E quando alguém mandar fazer algo, tinha que fazer muito rápido e bem feito. Ralavam milho ou mandioca para fazer *hu'i* para comer, peixe cozido, pois só podiam ter esse tipo de alimentação durante esse processo. E também não consumia sal, pois o sal fazia com os que os dentes das moças enfraquecessem. (VERA, 2017, p. 13).

Esta autora também relata o que já vimos anteriormente. Segundo ela, a moça pode atrair muitos bichos e animais, pois nosso cheiro é forte, e pode acontecer *jepota*. Nesta idade também chega a preguiça e a vontade de desobedecer os pais. Quaisquer bichos ou animais podem se transformar - pelo 'olhar da moça, apenas' - em homens e rapazes muito atraentes e conquistadores para a moça. Isso ocorre quando as moças não seguem corretamente o período de resguardo e as orientações de nossa cultura. Sandra Benites, mais uma vez, explica as consequências de algumas regras:

Para as meninas, quando estão perto de menstruar, não é apropriado comer carne vermelha; se for caso de comer, tem que assar bem, deixar bem assado, e depois quando vai comer pela primeira vez tem que mastigar e coloca-la de volta no fogo. Assim não dá tontura depois. Durante o resguardo do parto, também não pode comer carne vermelha nem leite de vaca. As consequências de não respeitar as regras é dor de

cabeça, tontura e até mesmo perder a cabeça, um risco maior de ojeputa, se encantar por qualquer coisa. (BENITES, 2018, p.69).

Nesta fase, os pais têm que tomar bastante cuidado e levar a moça para os rezadores, que podem orientá-los sobre os cuidados com as meninas. É a fase de cuidados, com a alimentação, principalmente da que vem da caça. Alguns pássaros, como a *juruti* (uma espécie de pomba), que a menina, desde pequena não pode comer, porque quando menstruar, pode sangrar muito (*huguyguasu*), mas senhoras de idade podem comer, pois já não correm este risco. Também tem os animais que não morrem de uma vez quando são caçados; então, se comer, pode dar *atake*. Se tiver qualquer descuido, pode ocasionar sofrimento.

Acontece bastante quando um doente chega para o rezador e fala o que está sentindo; ele faz a reza e fala para a pessoa: você fez isso ou comeu aquilo quando era mais jovem, e as consequências chegam mais tarde; ou que seu filho ou filha está doente porque a mãe ou o pai fez isso ou comeu aquilo na gestação, ou não fez o que era para ser feito. Então, as restrições a ser seguidas são muitas (*po 'arasy 'a*).

Minha primeira menstruação, quando veio pela primeira vez, eu já estudava na cidade. Fiquei bem incomodada, não comigo mesma, mas devido ao que já passávamos no ambiente escolar de não indígena, onde eu estava estudando. Lembro que minha mãe me deixou uns quatro dias trancada no quarto, me dando comida sem sal, sem carne, e remédios para tomar banho, para colocar na cabeça, para beber. Recebi muitas orientações para aquele dia em diante, pois a minha vida de mulher será assim até entrar na menopausa, depois dos 45 anos, e que todo mês até lá, receberei essa “visita”.

2.2. Levantar entre mulheres guarani e kaiowa

Eu, Jacy, fui batizada (*ñemongarai*) com meu padrinho Atanasio, que morava na aldeia Limão Verde, hoje já falecido. Foi um processo que marcou muito a minha vida. Recebi o nome de *Kuña Marangatu* que, segundo os mais antigos, também significa *heko porãva* (humildade, que é um caminho de conhecimento para quem recebe essa benção). Quem passa por esse ritual de batismo não fica doente por qualquer coisa e é forte e *kuña marangatu* significa que é uma mulher com sabedoria que compartilha conhecimento com o seu próximo.

Desde bem pequena, eu ouvia as pessoas falarem de filhas mulheres, em discussão sobre os sexo dos bebês, em que a maior parte das mulheres diziam ter preferência por filhos homens. Depois de adulta fiquei sabendo que isso era também para agradar seu marido: o primeiro filho do casal tinha que ser homem, caso contrário, a mulher não prestava para dar filho homem e isso não era bem-visto na comunidade. Eu coloquei na minha cabeça que isso não é correto; minha mãe teve cinco mulheres meninas e depois de muito tempo, quando minha mãe não esperava mais, veio nosso irmão caçula, um homem.

Ao mesmo tempo, eu ouvia muito que quem casa tem que ter filhos, pois casal sem filhos também se torna piada na comunidade. Eu passei por esse processo: quando iniciei o trabalho na escola com as crianças, teve um período que fui bastante criticada por trabalhar com as crianças, as mães me julgavam, diziam que eu não saberia cuidar bem, educar as crianças, pois eu não tinha filhos. Isso me abalou bastante, porque, numa reunião de pais, fui questionada sobre isso, por pessoas que não me defenderam, mas alguns homens me defenderam da situação. Por mais que eu sonhasse, desde muito cedo, em ser mãe, sem nem saber como gerava uma criança, demorei muito para engravidar.

Muitas mulheres conviveram comigo para eu estar assim hoje. Tive a grande oportunidade de conhecer meus avós maternos e paternos e minha bisavó, da parte da mãe da minha mãe: mãe da minha mãe, Cantalicia Benites (viva), esposo dela, Feliciano Duarte (vivo), mãe da Cantalicia Benites Francisca (falecido), mãe do meu pai, Cândida Morales (viva) e seu esposo, Mario Vera (falecido). Convivi minha infância com eles, com quem aprendi muitas coisas boas, eles eram muito acolhedores e carinhosos.

Eu era uma pessoa muito ingênua, poucas coisas eu sabia, até meus 23 anos. Minha mãe é minha referência, começou a trabalhar na escola, cozinhando para as crianças estudantes, enquanto meu pai dava aula. Por um bom tempo, ela trabalhou voluntariamente e mais para frente lhe ofereceram algumas mercadorias (hoje podemos falar que era cesta básica). Com o tempo começaram a pagar-lhe, assim foi até 2001, quando saiu concurso no município, ela fez e passou, em 2002 ela assumiu o concurso e começou a trabalhar. Em 2020 ela se aposentou por idade e não por tempo de serviço. Eu via a garra, a força e a dedicação dela como mulher, esposa, mãe, liderança. Era ela que sustentava a casa toda, era a única que tinha renda mensal. Depois que meu pai saiu de liderança, ele começou a trabalhar na roça, para o sustento só da casa mesmo. Hoje minha mãe é aposentada e uma avó maravilhosa.



Figura 10 tekoha Pirajui buscando remédio com minha vó Cantalícia, minha mãe Aquemi e João meu filho.

Cada passo de todas as experiências que passei, desde o meu nascimento, só me fortaleceu mais e mais e me mostrou o caminho e as lutas pelas quais eu passaria durante a minha caminhada, que não são fáceis e nunca serão. No fundo eu já sabia o que realmente queria. As pessoas que convivem comigo, e os que encontrei durante essa caminhada só me fortaleceram para seguir o caminho que escolhi, me mostraram a real identidade que eu tenho, mas que estava adormecido, durante algum tempo. Nesse sentido, as palavras da antropóloga guarani Sandra Benites ajudam a compreender porque eu me sentia assim:

Acho que ainda hoje os indígenas são invisíveis, e a sociedade brasileira ainda sabe muito pouco, e quando sabem tem um pensamento distorcido ou romantizado, pensam que nós não existimos mais. Mas nós também estamos no meio da sociedade *juruá*, estudando, lutando, como artistas, como acadêmicos, como profissionais em várias áreas. Estamos circulando entre os *juruá*, então a gente também busca entender como nós podemos chegar e conversar. Essa é uma tarefa muito difícil, temos que fazer muito esforço, ao contrário dos *juruá*. Parece que nós indígenas temos que fazer um esforço dobrado para levar esse diálogo, para desconstruir essa visão do branco. (BENITES, S.,2018).

Na verdade, talvez eu diria que essas mulheres de quem falei - que quebram seus medos, que colocam isso como desafio, que vão estudar, falar e se posicionar - são mulheres com sentimento de coragem. Me refiro, muito inspirada em Sandra Benites (2018) a coragem em sentidos: coragem de sair do meu lugar de conforto para um desconhecido, sem saber como vai ser recebida nesses espaços. Seria, então, coragem e também espírito de força. Porque são mulheres que não só enfrentam o seu inimigo, mas também enfrentam o seu próprio desafio, a sua própria demanda, o seu próprio sentimento de deixar seus parentes para se impor e falar. Isso não é fácil. A gente tem que se reinventar nesse sentido, de enfrentar e de ocupar esses novos espaços.

Portanto, os homens precisam ouvir e compreendê-las, para colocar na consciência que as mulheres sempre fizeram parte deles, porém são corpos diferentes. Eles devem sempre procurar saber a complexidade do corpo de uma mulher porque respeitar uma mulher significa respeitar seus princípios, pois a mulher é a base do ser humano. (BENITES, 2018, p. 11).

Ser mulher guarani e kaiowá na sociedade é um desafio diário porque os preconceitos são ainda muito grandes e, mais ainda, quando a escolha de permanecer como mãe solteira, com sua profissão e morando numa aldeia. Ali alguns te admiram e outros te julgam, então o processo é muito longo; até conquistar seu espaço, as pessoas vão observando a sua caminhada e o diálogo é muito importante. Na sociedade dos *karai* também: sinto quando alguém fala comigo desprezando, desfazendo. Pode ser pela profissão que temos, por ser mãe solteira, pelo cargo, pela formação, as pessoas querem saber como conseguimos ingressar na universidade federal, como se fosse impossível para um indígena. Mesmo sabendo, eles nunca vão ter respeito e confiança pelos indígenas em geral. Falo isso pela convivência que tenho: os não indígenas ainda não aceitam que hoje podemos um pouco mais, principalmente cobrando nossos direitos, fazendo nossos deveres e defendendo o que é nosso. Lauriene reflete sobre a ocupação indígena nos espaços antes naturalizados apenas para não indígenas:

Entretanto, o contato historicamente forçado entre sociedades indígenas e não indígenas ocasionou uma série de outras demandas não indígenas, mas que, de certa forma, vem ao encontro da realidade a que estão inseridos e “tornam-se” indígenas. Um exemplo é a chegada das escolas e dos processos de escolarização que proporcionaram ambientes interculturais de trabalhos não indígenas nas áreas indígenas e o desejo de dominar conhecimentos para além das fronteiras das aldeias, inaugurando outros arranjos na organização social kaiowa e guarani

e, de certa maneira, por vezes, adiando a possibilidade do matrimônio. (SERAGUZA, 2013, p. 15).

Aprendi com minha mãe a ser uma mulher forte para suportar muitas coisas que a vida me ensinaria nessa minha caminhada, isso tem me servido em tudo, os cuidados para tomar com as pessoas e respeitar todos os tipos de pessoas, nunca humilhar e desmerecer as pessoas, independente de quem seja, e também a respeitar, ajudar e ser justa com as pessoas.

Hoje parece que cada um vive para si, como se não precisasse um do outro. Na época da minha juventude, tudo era muito difícil. Lembro-me do senhor Orides Fernandes, rezador de minha comunidade, quando ele voltava da cidade, trazia bala doce, que era muito raro, e distribuía para todas as crianças. Eles moravam perto de um campo de futebol, então acompanhávamos meu pai para jogar bola e ficávamos na casa deles para brincar com os nossos amiguinhos, seus filhos e era muito bom. Futebol é o que as pessoas tinham para fazer aos finais de semana, quando tinha bola, se não, eles faziam uma de pano velho e meia velha, e todos brincavam.

No tempo que eu estudava na escola, nós, os alunos, fazíamos de tudo na escola, toda sexta feira: fazíamos a faxina geral na nossa sala – a escola era só uma sala de aula de madeira e uma cozinha muito pequena e um mictório atrás da escola - limpávamos tudo, arrancávamos mato ao redor. Tinha um poço, do qual puxávamos água, com corda manual, que usávamos muito para cozinhar a merenda, para os alunos beberem e para fazer a limpeza da escola. Isso durou uns quatro anos, quando o prefeito, Heliomar Klambunde, inaugurou uma escola de alvenaria em 16 de novembro de 1999, na sua gestão de 1997 a 2000, com duas salas de aula, dois banheiros e uma cozinha com despensa, em uma área bem grande, com instalação de energia elétrica nas salas de aula, ventiladores e com cercado ao redor.

Isso foi quando terminei minha 5ª série. Na época tive que dar continuidade nos meus estudos na cidade de Paranhos. Com o passar do tempo, veio um projeto do governo federal para construção de escolas, com o mesmo modelo para todas as comunidades. Depois de terminarem a construção, ficou bastante tempo parada, porque não tinha autorização para usá-la, até que um novo prefeito, Julio Cezar, fez a inauguração em 17 de novembro de 2013 e começou a funcionar a escola nova, com espaço adequado para

os estudantes. Iniciei o trabalho como professora em 2007, nas series iniciais, 3º ano na época.

Assim, enquanto ainda cursava o último ano do Ensino Médio, fui aprovada no vestibular da FAIND, e iniciei o curso Teko Arandu em 2008. A partir de então, comecei a ter uma visão diferente, como mulher indígena, educadora e como pessoa para trabalhar na escola da comunidade, com a família, com os direitos e deveres da educação escolar indígena, conforme a Constituição Brasileira, de 1988, que garante os direitos dos povos indígenas, principalmente o direito à terra, suas culturas e línguas.

Quando estudamos e vamos adquirindo mais conhecimentos, voltam as lembranças que marcaram nossas vidas desde pequenas, de alguns momentos de injustiça passados em lugares ou com outras pessoas. Dá muita revolta e um aperto no coração (*py'arasy*) só de pensar que passamos por certas situações porque não conhecíamos nossos direitos como indígenas, garantidos pelas leis que nos amparam.

A partir daí, a visão da pessoa muda, me faz ver como são as pessoas. Enquanto estudava na graduação específica e diferenciada, incorporou em mim uma pessoa desconfiada das intenções de outras pessoas com os indígenas, especificamente *ñaña*, me refiro ao fato de que eu consigo diferenciar as intenções de pessoas que não são indígenas, por exemplo, quando da maldade deles os contra indígenas. Antes éramos mais inocentes, aceitávamos muitas coisas, pois, sem conhecimento do mundo não indígena, só olhávamos para o lado positivo. A partir de então, o olhar foi diferente, tanto positivo, como negativo, passamos a perceber o que pode nos beneficiar e também nos prejudicar.

No início, dá vontade de reagir e falar que não é assim, que isso está errado, mas, aos poucos, fui convivendo com outras pessoas, aprendendo como reagir quando falar, aprender a dialogar, colocar em prática os conhecimentos adquiridos. Aos poucos, com muita paciência, iniciamos um trabalho na escola junto com a liderança da comunidade. Isso levou alguns anos, dialogando muito perto da comunidade, aproveitando as reuniões para orientar os pais, os alunos, os jovens. Na sala de aula os ensinamentos já foram diferentes, já orientava os que iriam para a cidade estudar e, depois, continuamos orientando e ajudando com suas necessidades, principalmente nas dúvidas que tinham. E a escola, hoje, é essencial na comunidade, porque é o lugar em que é repassado para os alunos e pais sobre aos direitos e deveres que temos como indígena na sociedade, e levar isso à eles pode contribuir para que conheçam seus direitos desde muito pequenos e os pais também, que buscam na escola respostas sobre diversos temas e ajudamos porque

somos todos professores indígenas e falantes da língua materna e o português como segunda língua.

No passado, a população indígena em geral acreditava mais nas pessoas não indígenas, (*karaí*), como os evangélicos, a FUNAI, os políticos e alegavam que os próprios patrícios não acreditavam uns nos outros. Isso quem colocou na nossa mente foram os não indígenas. Desde que os políticos entraram na comunidade, a maneira do indígena pensar mudou porque eles vêm fazer uma política diferente, com intenção de colocar um contra o outro. Antes não acontecia isso, e foi muito difícil reverter. Fui a primeira professora indígena formada na comunidade Yvykuarusu/Takuaraty e, com minha irmã mais velha, Abigail Vera, aos poucos isso foi mudando, mas ela era professora e morava na comunidade vizinha, Arroyo Corá, então eu acabava carregando essa responsabilidade na nossa aldeia.

Foi uma conquista vagarosa, que vinha com muitos desafios a serem enfrentados, tanto na comunidade, como com os que já trabalhavam na educação e com os “patrões” também (os coordenadores da pauta de educação no município). Sabia que as mudanças tinham que acontecer, mas sabia que seria um trabalho árduo, de muita paciência. Primeiro, diagnostiquei o lugar, o ambiente, para ver por onde começar e o que fazer, porque eu era sozinha como mulher. Tinha minha tia, professora Analisa, que atuava na escola, mas ela tem uma visão diferente como não indígena na aldeia. Então acontecia aquela resistência de ambas as partes, mas o trabalho continuou: iniciamos com o ensino diferenciado na escola com as nossas crianças e, aos poucos, com a liderança.

A comunidade, em geral, resistia um pouco. Minha indicação para trabalhar na escola foi feita por um líder homem, por saber que eu levava a questão com muita seriedade e responsabilidade. E, também, não parei, fui procurar aperfeiçoar meu conhecimento para repassar o que aprendi para outras mulheres e homens também. Em uma reunião, que me marcou muito, uns jovens que hoje são colegas de trabalho, que passaram pela mesma formação que eu, me questionaram se eu recebia salário sentada à toa. Fiquei só olhando e não falei nada.

Com o tempo, percorreram o mesmo caminho que eu. De alguma maneira, eu as inspirei, e hoje veem e sentem que não é sentada que ganham pelo trabalho. A formação é uma porta que se abre para trabalhar na comunidade. Em outro momento, também em uma reunião, fui questionada sobre como eu estaria trabalhando com os filhos delas, como

saberia cuidar e educar os filhos delas, já que eu não tinha noção de como cuidar e educar uma criança – como eu saberia?

Minhas cinco irmãs tiveram um papel fundamental na educação que recebi e em quem sou hoje. São elas: a mais velha(*iguãiguivea*), Abigail Vera, tem 39 anos e mãe de duas meninas (*mitã kuña*) - Chamilly de 11 anos e Jady de 5 anos – é casada com Derlis Jara, e formada na Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu – FAIND/UFGD, na área de matemática, mora ao lado da casa da nossa mãe e nosso pai, trabalha na escola dando aulas de matemática para a turma do 6º ao 9º anos.

Depois dela vem eu, Jacy (*mokõiha*) e depois a Dyna Vanessa, casada com Ricardo Machado Figueredo, com 31 anos, mãe do Lucas Vera Figueredo, de 14 anos. É formada na Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu, na área de Ciências Humanas, também mora do outro lado da casa dos nossos pais. Ela também trabalha na escola, dando aulas para os alunos do 5º ano e de 6º ao 9º anos, na sua área. Então, a *irundyha* (quarta), Kelly Duarte Vera, de 29 anos, mãe de um lindo “anjo” que estaria fazendo 5 anos. É casada com Cleberson Ferreira, moram em Dourados, na aldeia Bororo. Ela é formada no Teko Arandu, Licenciatura Intercultural Indígena, na área de Ciências Humanas e também trabalha na escola ,(*kuña ipahague mokoïha*).

A última menina é Jaine Duarte Vera, de 27 anos, também mãe de “anjinhos”, casada com Silvio Colman, com quem mora no município de Aral Moreira; na cidade eles têm uma pizzeria. O sexto filho (*poteïha*) - *ore kyvy peteïete* – é nosso único irmão, Tarçon Vera, de 21 anos, pai da Zoe Fernandes Vera, de 1 ano, e casado com Josiane Fernandes. Terminou o Ensino Médio e trabalha numa fazenda próxima a nossa *tekoha*. Estes são meus irmãos - *che pehengue kuera*.

Aprendi um pouco de tudo neste percurso de conhecimentos, durante minha caminhada (*che aguata*) entre e com as mulheres da aldeia, em diversos momentos. Muitas mulheres que eu conheci desejavam, principalmente, que eu fosse independente e livre, para não ter dependência de “alguém”. Entendi que elas se referiam ao lado financeiro, mas também a liberdade de não precisar ficar me justificando para o esposo por tudo o que devo fazer ou não fazer. Senti que estavam felizes, mas lhes faltava a independência a que se referiam. Algumas não tiveram oportunidade de estudar porque casaram muito cedo, com alguém que os pais arrumavam. Então meus pais também desejavam o que eles queriam para mim ou para as outras irmãs mais jovens. Eu, entretanto, falava que não queria me casar nem ter filhos, que isso não era bom. Por outro

lado, eu falava para mim mesmo que sempre desejei ser mãe, como falei no início deste texto, pois achava lindas as barrigas das gestantes.

Minha mãe não gostava dessas minhas atitudes. Mas, com o tempo, ela me falou que ter filhos era muito trabalho mesmo, que as mulheres sofrem demais para tê-los e, às vezes, não era certeza. Com o tempo, ela foi mudando. Falou isso porque, algumas vezes, as mulheres procuram parteiras para realizarem seus partos, mas não seguem os passos de como deve ser, os cuidados para que não sofram tanto na hora de ter seu bebê e, às vezes, pode acontecer de a criança e a mãe não resistirem, ou um dos dois, e isso é muito triste. Assim, entendi porque muitas mulheres falavam contra a maternidade,

Eu observava muitas coisas na minha vivência entre elas e levava muito a sério todos os rituais e remédios feitos, seguia tudo à risca quando indicavam e mostravam como fazer, onde achar, os cuidados com as crianças, como cuidar delas. Tudo me interessava muito, e eu aprendi muitas coisas nessa minha caminhada, durante esse tempo, porque tudo foi e é muito importante para minha gravidez (*che kyra, che ryeguasupe*), parto, dieta, para cuidar do meu filho com muitos remédios caseiros para crescer saudável, para que não fique doente por qualquer coisa. Para ser uma pessoa inteligente, por exemplo, tinha que dar banho com chá de *ka'i akangue* (cabeça de macaco), para que a criança não tenha dor de cabeça e também porque o macaco, na nossa cultura, é um animal muito inteligente, então a criança cresce com essa sabedoria. Também, pode dar banho até alguns meses, com folhas, como *maino ka'a, yvoty karaí, mitã ika'avo aguã*, para que todos os que o veem fiquem felizes, para chamar atenção para si, por onde for. Portanto, tive muitos conhecimentos e aprendizados com essas mulheres donas de sabedoria.

2.3. *Kuña reko* – o jeito de ser mulher

Em conversa com a *ñandesy* Celeste, que morou muito tempo em minha aldeia, mas hoje vive na aldeia Limão Verde, em Amambai/MS, ela contou que a *kuña reko* ou *hekorã* começa desde muito cedo em casa, com aprendizados e preparação. Ela relatou como foi o processo quando ela viveu esse período e que aconteceu, como acontecia antigamente. Segundo dona Celeste, as meninas, antigamente, levantavam cedo para fazer chimarrão para seus pais, terminando, já iam cozinhar milho e colocar no *hy'akua*, depois

já lavavam roupa para a mãe. Assim a menina era ensinada pela sua mãe, antigamente - *mba'éicha guarãpa*, que chamamos de *kuña katupyry*.

A mulher que cumpre os rituais do *kuñatai*, torna-se uma mulher forte sem qualquer doença, que por onde passa é notada pela sua educação, seu posicionamento, uma pessoa que tem seus objetivos com os pés no chão.

Aprender a ser uma mulher guarani é *Jeikorã* - viver de acordo com os ensinamentos, ser obediente porque ela é *katupyry*, uma pessoa que pode ensinar a partir dela, obedecer e passar por todos os rituais, como manda sua cultura. Assim, ela carregaria a sabedoria e o conhecimento de muitas situações que vê de uma maneira diferente e já saberia o que deve ser respeitado nela.

A importância do fogo no ambiente de casa é de não deixá-lo se apagar, e a responsável por isso é a mulher. Esta seria a sua importância dentro de uma casa, dentro de uma família, a responsável pela sua casa, educação de seus filhos, porque os homens saem para buscar sustento para sua casa e ela fica com todos os afazeres e com seus pequenos.

Ñandesy Celeste explicou que, se o homem sair de casa para buscar sustento para sua casa, todos na comunidade compreendem, porque na casa fica a mulher, a casa, as crianças, a roça e seus animais, todos ficam seguros (*opyta porãta*). Mas se a mulher sair de casa, não tem condições de ir buscar sustento para sua família, então, tudo desanda (*opytaparei*), porque o homem não tem *katupyry* suficiente para fazer tudo o que elas fazem, como cuidar de tudo ao mesmo tempo. Elas têm uma força e podem fazer tudo, o que o homem não tem.

Celeste falou que, antigamente, o respeito era mais pelas mulheres (*oñemomba'e guasu*) mais velhas. Quando alguém gostaria de ouvir um conselho ou aprender algo, poderia chegar e pedir, porque ela tem *katupyry* - sabedoria. Quando alguém pergunta, ela estaria falando o que é verdade, o que é o certo, o correto, são conselheiras, e até os *ñanderu* perguntavam de novo por alguma decisão para a sua esposa. E os homens não devem deixar as esposas *pochy* - bravas, chateadas, pois, saindo assim de casa, pode acontecer alguma coisa com o homem e, quando volta e conta o que aconteceu, ela fala "*ehachapa hina*" - viu o que aconteceu? Ela tem o papel principal da sociedade guarani.

Celeste falou que todos sabem que somos *ñaña*. Em sua pesquisa, Lauriene também conversou com Celeste que apontou para a mesma questão. Ela explica a expressão *ñaña*:

Circula entre os Kaiowa e Guaraní da *Yvykuarusu/Takuaraty*, o adjetivo, declaradamente feminino, *ñaña*, que significa mulher brava, briguenta. *Ñaña* advém de *Aña*, o *Jaguarete* inimigo do ser humano (CHAMORRO, 2008, p.133). Pode-se pensar em *Aña* como uma categoria que representa o excesso de alteridade e, desta maneira, um ser de excessos é o criador da mulher, outro ser com excesso de diferenças. (SERAGUZA, 2013).

“*Kuña kuéra iñaña ha iñakã’atã*” - as mulheres são briguentas e cabeça dura. Celeste falou que, por não quererem compreendê-las, os homens as chamam de cabeça dura; não querem aceitar que 90% das vezes elas sempre estão corretas nas falas sábias que usam. Antigamente elas só ouviam quando lhe perguntavam algo e o que ela falava, então, era sempre correto. Hoje, há mulheres que querem falar sem ouvir e não estão sabendo mais usar seu *ndojepuru katuveira katupyry ymaguareicha* - não se usa mais a sabedoria dos rituais, como antigamente - então acaba isso e elas têm sede de falar e, muitas vezes, agora elas querem gritar para mostrar que devem ser ouvidas.

Ficam *ipochy rei* e, sem serem ouvidas, as mulheres têm muito o que ensinar aos homens, e eles nunca vão aprender, pois *ñanderu guasu ome’ẽ va’ekue pytũ kuñame*; é devido a isso que elas têm esse *katupyry*. Seraguza, em seu texto, narra um trecho do *Ypy* (início, criação), importante para essa reflexão:

Foi então que Pa’i Kuara criou o homem e Aña criou a mulher, mas esta com chifres, asas e rabo, marcando a desigualdade ontológica da criação de homens e mulheres humanos. Pa’i Kuara assoprou a última criação de Anã e retirou dela os três atributos vinculados ao universo animal e a fez humana, eliminando dela o excesso de alteridade. (SERAGUZA, 2013).

Ñaña é uma expressão que se refere a uma mulher que é briguenta, briga por algo, que todos respeitam porque ninguém gostaria de ter uma desanveça com essa pessoa, em diversas vezes ela usa isso para manter seu respeito na sociedade como uma mulher sábia, mas também pode ser interpretado como outra forma *ñaña*, referente a aqueles que não aceitavam conselhos dessa pessoa e então a colocavam de uma forma diferente. *Pochy* é brava, também usava no lugar de *ñaña* muitas vezes, mas não é a mesma coisa, por ela ter uma fala de autoridade, falas fortes, falas de sinceridade quando

se expressa. Todos têm receio de ouvir ela na roda de reunião, quando tem algo acontecendo de errado, todos sabem que se ela falar vem “bomba” que pode ser agradável ou também não pode ser no ouvido de alguns.

E isso acontece ainda com as *ñandesy*, nossas xamãs, são mulheres muito respeitadas ainda pelas pessoas que praticam o *ñandereko*, são poucas, mas ainda tem famílias tradicionais, e são pessoa diferentes na sociedade atualmente.

Durante minha escrita vim contando sobre os processos da vida de menina entre o meu povo, por exemplo, tem um pássaro que a menina quando o pai caça, não pode comer que é (*jeruti*) se comer, quando acontecer o *kuñatãi*, lá na frente ou mais breve, descerá muito sangue que não poderá ser controlado, então é uma consequência que ela pode sofrer. Quando a menina está prestes a se tornar moça *kuñatai*, quando as mamas estão se formando, se essa menina vir a se tornar preguiçosa, é muito provável que aconteça o *jepota*, porque já está mostrando a desobediência por ali mesmo e que a mãe tem que tomar algumas atitudes em relação a essas posturas da menina.

Uma das consequências sobre essa situação são os jovens que hoje andam sem rumo, saem de casa, se revoltam, não obedecem mais seus pais, também batem em seus pais, são jovens que não passaram pelo processo de *ñemongaraí*, *kuñatai*, pela educação tradicional de nossa cultura, não se resguardou quando estava se tornando *kuñatai*, não fez o ritual. Para os meninos que não seguiram os protocolos para quando ocorrer a mudança de voz, quando fica mais grossa, hoje nem sabem mais cumprimentar os mais velhos, ou ter considerações pelos seus parentes, padrinhos, madrinhas e pelos seus próprios pais. Antigamente os meninos homens tinham que ter roça, para mostrar que servem para casar, para conquistar seus futuros sogros, mostrando que tem condições de casar e que é um bom rapaz. Hoje poucos são assim.

Entre nós, Guarani e Kaiowa, antigamente isso acontecia com muita rigidez por que as famílias eram cobradas pelos atos de seus filhos, porque a responsabilidade era de seus pais, a rigidez funcionava mesmo, porque nenhuma família estava disposta a ouvir a respeito de algum ato ruim que seu filho cometeu. Todos zelavam muito pela educação, saúde e ritual.

Capítulo III

Trajétoérias entre mulheres de uma pesquisadora mulher Guarani e Kaiowa

Neste capítulo trago narrativas sobre meus avós, *che ypykuera*, junto com seus filhos que são meus pais, contados por eles mesmo. Meus avós lembram que viveram um tempo muito difícil, tinham muitos filhos, era um processo de adaptação com os *mbairy*, andavam muito com os pais e meus avós com seus pais que são meus bisavós, não tinham parada certa. Às vezes faziam diárias nas fazendas, em troca de açúcar que na época desejavam bastante e só os *karai* tinham, minha vó Cantalícia conta que só depois que eles se casaram, ficaram morando em Pirajui, porque já tinham filhos. Então o certo era ficar já em um lugar apenas, tinham roças, às vezes o homem saía pra trabalhar em fazendas para comprar arroz que era muito caro e difícil na época, assim como o pão, sal e açúcar.

Meus parentes ficavam uma semana na fazenda em que trabalhavam e uma outra em casa para cuidar da roça, da plantação de mandioca, batata, *kumanda* e também para caçar e buscar carne em casa, ou pescar para trazer peixe, tinha muita fartura nessa época, mas, segundo os mais velhos, conservar não tinha como porque energia não tinha, o que se conseguia era para comer só no dia. Minha avó materna Cantalicia Benites conta que a minha mãe é a filha primogênita dela e que na família ela foi muito mimada por todos, avós, tios, tudo era para ela, traziam brinquedos, pano para fazer roupa pois, na época as roupas eram feitas a mão. Tudo era muito difícil, minha avó materna Cantalicia conta que quando ela casou com o avô Feliciano Duarte, a outra avó Cândida Morales já estava grávida do meu pai, ela era casada com o meu avô Mario Vera e minha avó Cantalicia alega que meu pai é mais velho que minha mãe, porque no papel dos *karai* minha mãe e meu pai tem a mesma idade.

Minha avó conta que minha mãe também passou por um processo de resguardo na sua primeira menstruação, na época era mais restritivo ainda porque acontecia *jepota* mesmo, cada história real que contam sobre isso e depois do processo de cuidados ela trabalhava na roça com sua mãe, com o pai, arrancava o mato, aprendia a buscar e cozinhar batata, porque logo depois dela já veio outros irmãos e ela não era mais sozinha,

então, tinha que se virar. O dela pai saía para trabalhar na fazenda em véspera das datas especiais para comprarem arroz, o que na época dava para comprar pouco porque era muito caro e vinha com a casca, tinha que descascar no pilão, (*agu'a ha avatisoca*), mas depois comiam gostoso.

Minha mãe e seus irmãos tinham roça de batata doce em que eles eram os responsáveis para limpar e cuidar, e não faltava batata doce cozida (*jety mimoi*)! Conta que tinham um tipo de armário, lá ficava a carne cozida (*so'o mimoi*) de caça, não usavam o sal. Comiam quando tinham fome ou seja, só se alimentavam quando tinham fome, não era como hoje, tomar café, meio dia almoço e de noite janta, não existia isso. Quando acabava carne o seu pai já saía para pescar, contou minha mãe, diz que não tinham nem roupas, nem calçados, usavam um tecido como vestido, as meninas e os meninos, andavam descalços, o que era muito sofrido na época de frio. Ainda tinha um outro ritual a ser seguido na época: na primeira geada todos os animais deveriam ser levados para tomar banho no rio, na segunda geada iriam as crianças e todas as pessoas, todos tem que ir tomar banho para se renovar, para que sejam espertos e não preguiçosos. Na volta tinham que trazer água ainda no Porongo (*hy'akua*) e se acontecer de tropeçar, cair e quebrar o Porongo eles eram repreendidos pela mãe ou pai. Isso tinha que acontecer rapidamente.

E o fogo, durante o frio, nem de noite nem de dia poderia apagar. Quando sentiam muito frio, minha mãe conta que levantavam a noite para acender mais o fogo e quando esquentava voltavam a dormir, o colchão eram as folhas do coqueiro *pindó*. Quando cresceram, meus pais começaram ainda pequenos a frequentar igrejas da missão evangélica Unidas que se localiza ao lado da aldeia em que moravam. Unidas é uma missão alemã que veio para evangelizar os indígenas, com a ideia de “civilizar”. Faziam cultos, traziam roupas da Alemanha para os indígenas, remédios, tinha enfermeira, e muitos outros “recursos”, como já explicado anteriormente. Nesse processo, meus pais já jovens entenderam como uma oportunidade de irem para Anastácio e Campo Grande morar para estudar na escola bíblica, através da relação com a missão.

Meu avô materno dizia que mandou minha mãe para a escola bíblica porque nessa época era a única oportunidade de estudar e saber falar o português que tinha, e que os missionários ajudavam com valores pequenos que enviavam para as famílias. Minha mãe conta que nunca recebeu nada quando estava nesse lugar e que ela precisou muito para comprar as coisas dela, mas nunca aconteceu. Depois de um tempo ela foi embora,

não quis voltar porque era muito difícil. Ali só frequentavam os filhos de quem tinha dinheiro e a nossa família não tinha nada de dinheiro. Meu pai também frequentou por pouco tempo porque em uma partida de futebol ele se desentendeu com seu colega e então ele foi expulso do instituto bíblico. Foi lá que se conheceram e aos 25 anos se casaram na igreja da missão mesmo, sem se formar como pastores, mas obrigatoriamente aprenderam o português, isso ajudou muito eles até o dia de hoje e no processo de retomada de Takuaraty.

3.1. Memórias e história do fazer mulheres

Minha avó materna, Cantalícia Benites, teve 4 filhas mulheres e 3 filhos homens e uma criança que nasceu sem vida. Ela conta que na época que minha mãe nasceu tudo era muito difícil: viviam de caça, de trocas nas fazendas próximas, levavam mandioca para trocar por pão, açúcar ou misturas, mas principalmente por açúcar, que eles, assim como as crianças, gostavam bastante, os pais compravam tecidos para as mães fazerem roupas para as crianças, os chinelos eram feitos de pneu velho, chamados *prantilhas* em castelhano. Cheguei a ver isso no meu avô, eu lembro que era pequena ainda, e, com o tempo, compravam chinelos de qualquer tamanho para as crianças, mesmo que ficassem grandes.

A minha avó materna, mãe de minha mãe, Aquemi Duarte, conta como conheceu o avô, esposo dela, Feliciano Duarte. A avó, com sua família, vivia nas fazendas, não parava em um lugar só, pois o pai da avó trabalhava em vários lugares, nesse caminhar, chegaram no lugar chamado Triunfo/Ypo'i. A avó contou para a minha mãe que, quando chegaram lá, ela, Candida Morales, já estava grávida do meu pai, Otavio Vera, mas a avó Cantalícia, mãe da minha mãe, nem era casada ainda. Depois disso, minha avó casou com meu avô e resolveram ficar morando em Pirajui, porque já tinham seus filhos.

Minha avó materna tinha uma roça de batata e minha mãe trabalhava lá com meus irmãos, limpando o *ñana mbu'y* que saía na roça, um tipo de mato, enquanto minha avó tirava a batata (*ojo'ojety*). Minha mãe se recorda que na casa dela sempre tinha *jety mimõi*, batata cozida, também tinha carne da caça, *so'ojety mimõi*. Em todos os alimentos não se usava sal.



Figura 11 takuaraty ñande sy carmelita me mostrando a roça dela e ainda me deu melancia.

Quando se aproximava a data da semana santa, meu avô saía para trabalhar e quando voltava, ele comprava *galheta*, sardinha, macarrão e arroz, que na época era muito raro de se comprar, igual o arroz. A *galheta* é um pão feito pelos paraguaios que é muito gostoso. E o arroz era comprado com casca, não em pacote como hoje. A minha avó tinha ainda que descascar para comer, usando *angu'a ha avati soka*, que é uma espécie de cocho vertical feito de madeira - pilão - e o socador, também de madeira. Estes alimentos não eram todos que podiam comprar para comemorar a semana santa. Mas meu avô não deixava faltar nada de alimento para os filhos, e quando estava prestes a acabar a carne da caça, ele já saía para caçar novamente.

Ele trabalhava um pouco na fazenda, na roça e caçava. Mais adiante, decidi plantar arroz na roça, onde os filhos, mesmo pequenos, ajudavam a espantar os pássaros (*chopin*) que gostam de comer este grão. Não passaram fome; a comida de todos os dias era mandioca assada (*pirekai*), carne de caça e batata doce (*jety*). Tiveram muitas dificuldades, mas fome não passaram. Não tínhamos calçados; nos tempos de frio era muito sofrido, pois andavam uns 2 km até um riacho, para tomar o banho da segunda geadada. Na volta do banho, ainda tinham que trazer água, e descalços, os pés doíam muito andando nos caminhos da mata e, a cada tropeçada, choravam de tanta dor. Como não tinha calçado, o pai de minha mãe media meu pé em um pedaço de madeira e levava para comprar um chinelo no tamanho certo. Às vezes, ele perdia a medida pelo caminho, então

comprava qualquer um, mesmo de numeração grande. Não havia calçado fechado naquela época.

Das caçadas (*kure'i, tatu, jaicha*), o pai de minha mãe vendia a pele da queixada e comprava pano para minha avó fazer roupa para minha mãe - calça, saia, camiseta – e ela ficava muito feliz. Também não tinham cobertor, nem colchão, nem cama. Para deitar no chão, usavam o *pindo rogue* - folha de pindo - e, para esquentar, dormiam com os pés voltados para o fogo. Durante a noite o pai de minha mãe não deixava apagar o fogo e acordava para reascendê-lo, para não deixar os filhos passarem frio.

De manhã, minha avó materna esquentava mandioca assada, carne da caça cozida, para os filhos, antes de ir para a roça com o pai. Assim que o tempo esquentava com o sol mais alto, saíam da roça. Quando tinha colheita de arroz, minha avó juntava os feixes de arroz cortados, para o meu avô bater e soltar os grãos. Se o arroz não amadurecesse rápido - as crianças queriam muito comer – tiravam alguns feixes e trazia para casa para torrar (*omo aimbe*) e comer com *kumanda* (feijão), ou caldo de *kumanda* e mandioca. Quando chegavam da roça, ainda tinha que torrar e socar o arroz, descascar o *kumanda* e cozinhar. Não tinham hora para comer, podia ser de tardezinha ou estar prontos para a hora do jantar e logo depois se recolhiam para dormir.

Em Pirajui, minha mãe conta que quando morava lá, tinha uma liderança muito ruim, chamada de Francisco. Nas reuniões, todos tinham que ficar calados e não podiam responder, só ele podia falar. Também perseguia o pessoal que frequentava a Missão Evangélica Unidas. Lembrou de uma vez que ele fez reunião só para os frequentadores da Missão e o pai de minha mãe e os seus quatro irmãos falaram que iriam continuar frequentando o lugar. Por isso levaram todos eles presos, os trancaram em uma casa muito pequena, por três dias. Minha mãe levava comida para eles lá. Foi bem triste, pois sofreram bastante. O Capitão chamava todos os que frequentavam as igrejas e fazia ajoelhar no sol quente, por 3 horas, como castigo.

O chefe do posto da Funai, na época, se chamava Emanuel e ajudava a fazer isso: Mas por que vocês vão para a igreja? Qual futuro acham que daria para vocês indo para a igreja? O que o seu pai e sua mãe falam sobre isso para vocês? As mulheres e moças não podiam conversar com os meninos ou homens que já faziam se casar ou os castigavam. Os castigos para as mulheres era raspar os cabelos (*oñapi perõ*), para que ficassem com vergonha (*otĩ haguã*), para que todos pudessem ver, para servir para os outros olharem e não fazer para não acontecer com ninguém mais.

Esse tipo de castigo era para que a comunidade visse quem errou. O castigo para os homens que erraram era amarrar suas mãos. Minha mãe conta, e eu me lembro agora, que, até recentemente, ninguém podia fazer o gesto de “beleza”, com o polegar levantado, que já interpretavam que estavam namorando, e quem não quisesse casar, cortavam-lhe os cabelos. Nem cumprimentar podia; minha mãe mesmo foi ameaçada de casar ou iriam cortar seu cabelo, numa situação desta. Este foi um período muito tenso, até que um dia conseguiram tirar essa liderança do poder.

Então colocaram como líder o Sr. Mario Vera, meu avô. Foi um período em que chegou mais recursos para trabalhar, construíram escola e posto de saúde. Tudo estava melhorando. Então minha mãe foi estudar fora, na escola bíblica, por 1 ano. Quando voltou já não era ele o líder. Começaram também a perseguir-lo, porque ele resolvia os problemas com diálogo, mas algumas famílias não aceitavam isso. Então ele entregou o cargo para outra pessoa.

3.2. Fazer corpo – *kuña kuéra rete*

Minha mãe cuidava muito de mim. Aprendi com ela que, quando eu estivesse prestes a menstruar (*kuñatai*), teria que contar à ela, porque quando o sangue descesse e caso você não contasse, os bichos iriam vir (*jepotata nderehe*) atrás da menina. Pode ser qualquer bicho, como sapo, *jaguaretê*, cachorro, ou mesmo um tronco de árvore. Estes seres podem se mostrar como homem de camisa xadrez, listrada, bonito, e a moça começa a gostar dele e pode levá-la embora. Tem os que assobiam de noite (*pyharegua*) quando cheiram a menstruação das moças (*kuñatai*).

Então, quando minha mãe menstruou pela primeira vez, ela se tornou (*kuñatai*) e minha avó a fechou dentro de uma casinha feita especialmente para ela (*kotype*). Lá, ela não podia nem dormir; quando dava sono, sua mãe a acordava e dava folhas de pindo (*pindo rogue*) para trançar e fazer cesto (*ajaka'i*). Na outra noite, ela dava agulha para costurar alguma coisa e para não pegar no sono; se dormisse, poderia vir qualquer bicho, até um rato ou barata, que poderia querer “mamar” nela (*okambuta ne kama rehe*), não podia dormir demais (*reke guasurõ*), nem olhar para fora escondido, nem responder a alguém que falasse com ela; só podia se comunicar com a sua mãe, só ela tinha acesso e comunicação com a iniciada, nem com o pai ela podia falar, então era ela que levava comida.

E passava urucum em todo seu corpo (*che mbojegua urukúme*), para que os bichos não conseguissem sentir o cheiro de minha mãe em seu momento de fragilidade, para espantá-los (*pono vicho vai oñemboja che rehe*), porque, com isso, nada se aproxima dela, porque ela está protegida. Quem não segue as regras, fica doente, deprimido, tem às vezes desmaio do nada, pois os corpos e os espíritos não foram tratados de acordo o ritual.

No terceiro dia, minha mãe conta que saía para tomar banho, ia correndo; muitas vezes nem banho tomava. Eram três meses consecutivos de cuidados. Minha mãe conta que sua mãe cortou seu cabelo, e falou muitas coisas com ela sobre o cuidados do futuro, sobre como tratar suas filhas, pois, assim, um dia, quando ela também tivesse filha, saberia cuidar dela, para que, quando a menina virar moça (*kuñatai*), os bichos não consigam sentir o cheiro delas. Também ensinou a não falar grosso ou gritar com seus colegas. Minha mãe conta que saiu da clausura depois de três dias, mas tinha que viver bem quietinha, sem nenhum movimento ousado, como correr ou pular porque tinha que sarar direito, e ser muito obediente aos seus pais.

Hoje em dia poucos realizam estas práticas. Influência das igrejas Deus amor, e os pais mesmos são os culpados e devido as tecnologias também. A minha mãe conta sobre a primeira menstruação dela: “Durante esses três dias da primeira menstruação (*kuñatai*), não comi nenhum tipo de comida, era só batata assada e mandioca assada”. Durante o período de reclusão, ela não recebia nada de carne, nem comida, fazia *mbaipy avati morotĩgui*, um tipo de polenta de milho banco, puro, sem nada, sem gordura e sem sal, do milho natural mesmo.

Ela também podia comer um guisado de mandioca com cebolinha (*mandi'o visao*); durante esses três dias, minha mãe tomou muito remédio caseiro, para não dar (ataque) epilepsia, para não dar dor de cabeça (*akãrasy*) e também para não ter cólica (*hye oñandu*). Também não podia comer doce, embora, na época, não tinha mesmo; o doce era (*eira ha jate'i rukue*) mel, e quando o pai ia trabalhar, comprava açúcar, que comiam de colher. Depois que eu aprendi que o açúcar faz mal para os nossos corpos, eu evito um pouco o consumo do meu filho, não para, mas evito e cuido para não exagerar.

Quando terminou a reclusão, minha mãe saiu depois dos três dias, e continuou na base de remédio para lavar a cabeça, com *pirakana ha tipi ha yvyra rapo guasu, ypegua tambetáry*, que tem um cheiro muito fedido, usado para espantar os bichos que a assediavam mesmo. Quando era para comer carne de caça, minha avó colocava todo remédio na carne e tinha que comer na frente dela, para não jogar remédio fora. Isso tudo

era para evitar que os bichos se aproximassem e também para evitar algumas doenças futuras na sua vida de mulher e para quando fosse mãe.

Minha mãe se recorda que, os meus avós paternos eram rezadores, também seus irmãos eram e seus pais também eram. Depois veio um missionário chamado Reinaldo, que juntou todos e começou a falar de Deus, que eles tinham que se converter. Então começaram a frequentar a igreja e deixaram de ser rezadores. Antes disso viviam nas rezas dos avós.

Minha mãe Aquemi foi crescendo e chegou um missionário falando que alguém tinha que se formar como missionário, tinha que estudar. Os pais aceitaram e falaram que, se for bom, eles deixariam a filha ir. Assim, Aquemi foi estudar em Araçatuba. Lá passou muita dificuldade, devido à língua portuguesa que não sabia e também dificuldade financeira. Os colegas que estudavam lá eram de famílias com melhores condições financeiras, tinham muitas coisas e seus pais não tinham condições de ajudar, e Aquemi teve que procurar uns padrinhos para aceitá-la e ajudá-la. “Passei muita dificuldade, então eu vim embora. Lá estudávamos bíblia, mas eu não entendia nada”, disse minha mãe.

Quando Aquemi foi embora, o missionário que morava na Pirajui falou que era para ela voltar, que ele ia ajudá-la; então ela foi, mas não deu certo, voltou porque era muito difícil. Então ela voltou de vez para Pirajui e continuou estudando. Estava no quarto ano das séries iniciais. Os pais de minha mãe sonhavam que ela fosse missionária porque, na época, eram muito incentivados para isto.

A oportunidade econômica que havia, naquele tempo, era a igreja e ser missionária, era uma boa profissão pelo respeito que inspirava. Também acredito que foi por isso que seus avós sonhavam em ver a filha pregando, todos a respeitando. Mas não foi assim. Então voltou para a aldeia, e casou com Otávio, meu pai.

A igreja tentou mandar Aquemi e meu pai de volta para a escola bíblica. Foram por pouco tempo e voltaram, porque aonde foram “era mais chique ainda, sem condições para viver lá com aquelas pessoas da sociedade de classe alta”. Mas também Aquemi sabia que seus pais tinham que fazer um investimento alto, todo mês, em dinheiro, para mantê-la nessa escola, e ela sabia da situação financeira dos pais, então resolveu voltar para a aldeia.



Figura 12 minha mãe Aquemi e vó Cantalicia tirando remédio.



Figura 13 minha vó paterno cândida Morales tirando remédio para meu pai tomar na no chimarrão.

Em conversa com minha avó Cantalicia, percebi que ela se encontra em muita tristeza (*ñemyrō*), por tantas coisas que aconteceram no seu caminho (*oguata*) na *tekoha* Pirajui. Para distraí-la, saí com ela para procurar remédios. Ela também é uma mulher muito inteligente, sábia, tem conhecimentos incríveis, memórias fantásticas. Sandra Benites (2018) fala que não precisamos morrer para que um *ñemyrō* aconteça na vida de qualquer mulher, independente da idade.

Depois que alguém fica *nhemyrō*, o seu espírito já está morto. As mulheres não precisam morrer fisicamente para estarem mortas nessa vida. Esse estado de impaciência da mulher *poxy* é sentido por seus filhos. O que você está sentindo, seu filho também sente. Isso tem a ver com a caminhada de Nhandesy na terra, está ligado à origem do desejo, *djuei*, à história de Kuaray e Djasy (Sol e Lua). *Djuei* são os pedidos dos gêmeos Sol e Lua feitos à sua mãe durante a caminhada. Para os Guarani, as dificuldades da mãe aumentam a tendência dos filhos terem problemas de saúde, por exemplo, a criança pode ficar *pirracenta*, chorar à toa, *piary*, crianças *guapy kuaa he'ÿ wa'e*, que não conseguem se sentar, inquietas, assustadas. Essa mesma criança quando adulta pode ser impaciente com as coisas, com as pessoas, ser um adulto revoltado, *surtado*, *py'a tarowa*. O susto que a criança leva também interfere na vida adulta. (BENITES, 2018 p. 10 e 11)

Todas as mulheres precisam conhecer ou dar ouvidos ao seu espírito, assim saberão o que te chama, o conhecimento já sabemos desde o nosso nascimento (*ãnde kunã ko mba'ekuaa ha meme voi jepe, ointeko ndoikuaa katu kuaai, ndoiporu kuaai ikuaapy*) (*karaï ko he'i chupe*). Para os não indígenas, elas são bruxas, feiticeiras, etc. Todas as mulheres têm, pelo menos, um pouco de conhecimento de rezas de encanto (*ombovy'a haguã ijehe*): reza para amenizar a situação ou mesmo para levantar atrito (*omoïngo vai haguã*), sabe qual remédio do mato tomar, para quê, a que horas tomar, como fazer a quantidade certa, quem pode receitar, quem pode e quem não pode. Então, todas somos sabedoras das coisas que precisamos para viver bem.

A menina precisa conviver mais com a mãe, porque ela tem que aprender muitas coisas que é de mulher, a responsabilidade de ensinar é da mãe, que deve orientar. É um processo para preparar sua filha para se tornar moça (*kuñatai*), e a mãe, com a ajuda da avó ou das pessoas mais velhas da comunidade e da esposa do rezador (*opuraheiva irũ*). A mãe já vai pegando orientação, passo por passo, como alimentação que pode ser prejudicial para o futuro dela, para a saúde quando ficar *kuñatai*, o que deve saber fazer em casa, como ajudar a mãe com os deveres de casa, deve ajudar a cuidar de seus irmãos menores, tem horário para brincar, e orienta as filhas a fazer os deveres rápido e bem

feito. A mãe também ensina a respeitar a todos, os parentes, as pessoas da comunidade, ensina a cumprimentar, a ter responsabilidade e ser obediente.

Quando chega a uns 8 anos, a mãe já cuida mais (*ikamasema*), e quando as mamas da menina vão se formando aos poucos, todos já falam “olha, já vai ser mocinha”. Lembro que eu não gostava que as pessoas ficassem falando sobre isso, mas minha mãe cuidava muito de nós. Nesse período, ela foi muito mais rígida, já éramos maiores, então apanhávamos por qualquer desobediência ou por brigas entre as irmãs e também se quebrássemos o (*hy'akua*) que usávamos para buscar água da mina, e também pela demora de voltar da mina de água. Então, quando chegava nesta idade, já não podia mais brincar com qualquer pessoa, nem os meninos podiam ficar pulando, não podia escorregar de qualquer jeito ou cair, não podia subir nas árvores, nem pular de cima de alguma coisa, porque isso pode adiantar a *kuñatai* e, sem querer, pode fazer descer o sangue menstrual, e isso não pode acontecer porque, de qualquer maneira, tem que vir no tempo certo.

Durante a *kuñatai*, cujo processo já foi descrito neste texto, a ligação entre mãe e filha é ainda mais próxima, pois ela é seu único contato e é a responsável pelo resguardo da moça, pela sua alimentação, pelos ensinamentos necessários para a vida adulta. Vai passando, de geração em geração, os ensinamentos dos mais velhos (*itujaviagui*), dos nossos avós (*jari kueragui*), dos rezadores (*opuraheivagui*), das parteiras (*mitã omboikovadi*), das mães (*sy*) e de todos os que sempre estão dispostos a aprender e também a ensinar

Em uma tarde, pedi para avisar que visitaria dona Juliana Duarte em sua casa. Depois de alguns desencontros, consegui falar com ela. É moradora antiga da *Yvykuarusu*. Lembro dela com seus filhos, quando eu era pequena, tinha uns 4 anos. Ela era casada com o senhor Orides, depois ele também se casou com a irmã mais nova dela, e os três viviam juntos. Depois de algum tempo, dona Juliana não aceitou mais viver assim e deixou o marido viver só com a irmã Angela Duarte e, desde então, nunca mais se casou; hoje ela está com ela que é uma pessoa muito simpática, alegre, é parteira conhecedora de muitos remédios para mulheres. Ela me recebeu sorrindo e dizendo que estava me esperando. Ela já começou falando da filha que estava com problema no casamento, estavam se separando. A sogra deu uma força para separá-los: colocou um ninho de passarinho debaixo da cama dela, para que ela abandonasse a casa dela.

Ela me disse para desconfiar se acaso sentir o desejo de ir embora: “Alguém pode ter feito isso na casa, colocado ninho de passarinho, porque o passarinho faz o ninho

e, quando sai, nunca mais volta para o mesmo ninho. Mesmo que volte, ele faz outro ninho novo.” Devido à saúde desta sua filha caçula, que casou muito cedo e voltou para casa muito doente, dona Juliana começou a tratar dela. O marido já estava de caso com outra, devido à doença da esposa, que não estava descendo a menstruação dela, só descia algo preto. Ela contou que, então, começou a dar remédio para limpá-la por dentro, pois ela não se cuidou depois do parto, não sarou direito, e não tomou remédio para fazer a limpeza por dentro. “Quando tem criança dentro da gente, machuca tudo, se mexe, chuta, e então nosso corpo precisa se recuperar.”

Isso é um processo chamado *hyepy okuera porã va'era*, que, na língua não indígena chama-se dieta pós-parto. Tem remédio que parece raiz de mandioca, com nome de *mandi'oja*, que precisa tomar depois do parto, por um bom tempo. Juliana contou: “Chamei ela para vir em minha casa depois do parto dela, para cuidar dela, mas não veio, achou que a sogra ia cuidar dela, mas a sogra não cuidou.” A parteira disse que “hoje em dia não é que não sabem, já não fazem mais porque o tempo mudou. Mas não é bem assim, as mães de antigamente ainda cuidam, fazem os rituais, dão conselho, mas ninguém mais ouve”.

Dona Juliana contou que a filha demorou muito para procurá-la, por isso ela já estava magrinha; “então preparei remédio e levei para um rezador para benzer (*ñembo'e rãe pya' eve haguã*) para o efeito ser mais rápido”. Ela disse que “esse remédio tem aqui perto, para nós mulheres”. E a filha, realmente melhorou bastante. E continuou: “Eu cuido minhas netas, aquelas que me obedecem, cuido delas depois e durante os partos”.

Neste ponto da conversa, senti que deveria falar sobre minha pesquisa de mestrado e ela logo lembrou da Lauriene Seraguza e perguntou como ela está. Respondi que estava bem, que em breve iria vê-la. Ela ficou feliz quando falei que ela nunca esqueceu dela, que sempre pergunta por ela. Continuei falando sobre meu projeto, que estou escrevendo sobre mulheres, saúde, a caminhada, a sabedoria, o conhecimento e o poder que a mulher tem na sociedade antiga e atualmente.

Dona Juliana, então, me contou como era a educação das mulheres, antigamente, conversamos em guarani, o que abaixo traduzo um pouco de seus ensinamentos:

As mulheres antigamente eram guardadas (*ikama sema jave*), os cuidados eram maiores quando na menina estão saindo as mamas, tinha que cuidar mais porque se começa a liberdade por aí, já começa gostar e então os pais já não tem mais domínio, fica olhando, desejando, não respeita mais. Quando chegava alguém em casa, se era homem, o

homem da casa tinha que atender, se era mulher que chega é a mulher de casa que tem que sair para atender. E a menina, a mãe já mandava para dentro. Eu corria e subia na cama, que era feita de madeira fina (*tarimba*) e já colocava pano tipo coberta na minha cabeça para não ver nada nem ninguém, não podia ser curioso, nem escondido pode olhar. Durante [a menstruação] tem os cuidados, tem que tomar banho de ervas, como erva de beija flor (*chirino ka'ape*), lavar a cabeça e tem uma batata do campo que tem uma flor roxa, com aquela que devemos nos pintar (*oñembojagua ra'erã jety poty chagua*) para não ter ataque (*pono hesapituca*). (JULIANA DUARTE, 2023).

Dona Juliana continuou contando como era no tempo em que era moça:

A batata serve para dor de cabeça para os meninos e também para as meninas. Mesmo quando tinha *guachire* em casa, eu não saía. Vendo o pessoal chegar para a festa do *guachire*, eu já me escondia. Hoje em dia as meninas (*ikũmatai mbarei*) não contam mais para sua mãe, a mãe mesmo não tem mais diálogo com seus filhos, já não é mais ensinado nada ao seu filho (*heko rãre*), são mal educados, fica rindo para todos, não ouve mais seus pais, porque seu pais mesmo não acreditam mais em nada do que os mais velhos contam, não se repete mais os rituais, só tem filho, mas não está criando seus filhos, porque ter, todos têm, agora criar era o certo. Antigamente, nós pais juntávamos nossos filhos na beira do fogo e começávamos a falar com eles, eu com as minhas filhas e meu marido com seus filhos homens, falávamos sobre como respeitar os outros, ser obedientes, que assim saberíamos viver em uma sociedade ou comunidade (*tekoha*) e assim também ficaremos velhos saudáveis. Tá, tem um colega provocando (*nde rekarõ*), sai fora, vai para sua casa, mas nada de querer enfrentar; agora indo atrás de você, você tem que se defender. (JULIANA DUARTE, 2023).

Dona Juliana comparou esse momento com uma escola. “Se as meninas te provocam, respeite seja lá quem for, tem que respeitar, falei pro meu filho escutar (*rehendupa che memby*); não pode colocar essas provocações em sua cabeça, tanto da parte dos homens quanto das mulheres”. Ela disse que se acontecer esse desrespeito, a mãe ou o pai já vem estragar o *guachire*, que é uma grande festa, fazendo confusão, mas isso não seria nada bom. Juliana explicou que, quando um rapaz quer namorar, ou vice versa, tem que falar com os pais, mas é a mulher que dá sua posição, usa as palavras, primeiro; depois de dar sua opinião, a esposa passa a palavra para o esposo dizer o que ele acha.

Também antes de o marido falar com sua filha, me explicou Dona Juliana, precisa perguntar se ela vai querer casar. Assim que aceitar, tem que conviver (*rehecha era va'erã porãpa ou ilaja vaípa*), o homem tem que ver como é a moça, se dá para ser esposa, se é trabalhadora (*iguapapa*), se não é assanhada (*saraki*), se não é preguiçosa

(*iñate'y*). Isso os pais observam durante o convívio. Mesma coisa a família da moça observa se o homem tem roça, se ajuda o pai na roça, se sabe fazer casa, se não é um homem mal falado na comunidade, se não diz palavrão (*ñe'ẽmbareí*), se ri à toa para todos (*opukapareí*). Tem que olhar bem a maneira de ser da pessoa (*ohesa reko va'erã hese*). Assim era antigamente.

Dona Juliana contou que, um dia, veio sua nora em sua casa e falou que estava muito chateada com a filha dela (*kuñatai mbaramo*), que já anda mandando “cartinha” para um menino. Ela falou, então, para sua nora, que os próprios pais erraram quando ela se tornou moça, sem orientação. E explicou que deveria ser como antigamente:

Porque como que era antigamente? Quando a moça está com primeira menstruação o pai já prepara uma casinha separada para que quando precisar já tem, ela fica lá resguardando, sem contato com ninguém, somente a mãe que tem acesso, comida era nesse *período mbeju, pirekai, jety mbichy*. Nem os talheres e panelas não podem ser compartilhados com a moça que está *kuñatai*, tem que ser cozinhado só para ela (*ndo'ui va'erã hapicha juru peguare*), senão acontece que a moça come *hai kyryi, oikyty ojehe oke jave*) começa a fazer barulho com os dentes de noite mexendo o maxilar, dente com dente. (JULIANA DUARTE, 2023).

Ela também falou que quando estão saindo as mamas da menina (*ikamasemava*), já não pode mais comer qualquer coisa de carne de vaca, de tatu, nem carne de caça, só pode comer *ynambu ha pira mbaipy, rora (hu'i)* feito de milho branco. Tatu não pode comer, pois dá *hesapituka rei reime* (ataque). Tem que ficar até 5 dias, no máximo, até que pare de descer seu sangue. Na casa que foi preparada para ela, a moça tem que treinar (*oha'ã*) as atividades que deve aprender: limpar, varrer, arrumar, fazer alguma coisa ali onde está ficando; ao sair, ela tem que cozinhar mandioca, descascar tudo, fazer muito rápido e bem feito (*pea ha'e uguapa haguã*), para ser uma moça caprichosa.

Hoje em dia, continua dona Juliana, “as meninas escondem quando vem sua primeira menstruação, não contam mais para sua mãe”:

Ainda tiram sarro quando falamos alguma coisa, eles alegam que isso é coisa de antigamente (*ymaguare*), que hoje já são modernas e ninguém mais acredita nisso. Então eu também não conto mais para ninguém. Tem gente que procura, mas não acreditam mais nas coisas que a gente fala, nem nos remédios, muitas vezes querem sarar das doenças, mas não acreditam, e também, quando levam, não fazem para tomar ou só toma uma vez. Eu chego ficar triste com isso, os jovens de hoje crescem à toa, sem rumo, sem noção, sem juízo, porque seus pais não educam mais como antigamente. (JULIANA DUARTE, 2023).

Ela também se queixa que os jovens não acreditam mais em *ñemongarai*. É um processo que começa antes, com o *jehero* da criança, que é para ancorá-la em nosso mundo até que aconteça o *ñemomgarai*, que é o definitivo, para que a criança receba o nome (*héra ka'guy*). E aproveita para aconselhar:

Os pais são responsáveis pela educação de seus filhos para que esses jovens adolescentes quando um dia ficam velhos saudáveis, cheios de sabedorias. Para isso os pais tem que fala “meu filho tem que respeitar, saber viver, ser educado com todos independente de que seja mais velho, jovem e criança, tem que respeitar, não fazer nada escondido, contar sempre as coisas, não procurar briga, se alguém procurar briga com você, corre”. “Meus filhos o caminhar de vocês é longo e o meu já é curto, por isso me escutem para um dia vocês também aconselharem seus filhos” (*pee ipukuta pene renondera hina, ha che atu mbykyma*). Isso os pais tinham que falar para seus filhos desde muito pequenos, todos os dias pela manhã, antes de começar o dia na beira do fogo, que é o lugar aconchegante, tranquilo, no chimarrão, comendo mandioca assada, batata assada. Isso é o papel dos pais na educação em casa, é uma escola aonde eles têm que aprender, antes de sair por ai. (JULIANA DUARTE, 2023).

Aí, diz ela, “quando vai para a escola vai focado, é uma pessoa educada que a nossa sociedade (*tekoha*) admira a maneira e o jeito de ser dessa pessoa, que todos veem com bons olhos”. Uma pessoa assim, segundo dona Juliana, “os pais querem para um casamento sério, as famílias querem pessoas assim, mas hoje as coisas estão tudo largadas. Se quiser casar a moça tem que contar para a mãe quando vem a menstruação.” Durante a menstruação, o pai tem que caçar *akuti*, *jaicha*, *kutia* e *paka*, porque a *kutia* é um animal não agressivo (*iguena mi*), quando mata, ela já morre na hora, por isso que a carne desses animais pode-se comer.

Quando Juliana moça saiu do resguardo, os pais ou avós dela tinham um *apyka ha hu'i* que fazia barulho alto quando batia. Então, quando batia esse tipo de instrumento, a moça tinha que sair correndo para ir buscar água para sua mãe e voltava correndo, sem olhar para os lados, sem demorar. Isso é para a moça ser *ikyre'ỹ haguã pono iñate'ỹ kuaa*, ou seja, ser uma mulher viva, decidida, que não fica com o corpo molenga, preguiçoso. Tem que ser tudo rápido, as coisas bem feitas e também precisa ser pontual e ter postura de uma pessoa educada que sabe fazer as coisas sem que alguém a mande fazer (*jehecha kaava'erã*) não ser uma pessoa (*saraki*). *Ñandesy Celeste* fala que *saraki* é uma pessoa que dá em cima de todos que não sabe tratar as pessoas, que ninguém leva a sério e por isso não são respeitadas.

Para os meninos, dona Juliana também tem ensinamentos: “Para o menino é quando muda o tom de voz, que fica mais grossa. Este é o momento que os pais tem que fazer ele trabalhar, achar alguma coisa para carpir rápido, colocar um limite do que tem que ser feito até certo dia e bem feito, buscar lenha para sua mãe”. Dona Juliana chama atenção para o fato de termos poucas pessoas idosas na aldeia, e que “um dia eu escutei os conselhos do meu pai (*che ñe'ëndune ne raka'e*) para hoje ser como sou, mas incomoda muito a juventude de hoje.”. Para mim, especificamente, dona Juliana também me aconselhou, já que o pai do meu filho já é falecido:

Você que tem seu filho, daqui mais uns tempos ele vai mudar de voz, vai ficar mais grossa (*ñe'ẽ guasu*), e as meninas (*kuñatai*) vão olhar para ele. Este é o momento que você, mãe, vai ter que ensinar esse menino a não ser preguiçoso, tem que ensinar ele o que é errado e o que é certo (*rehekombo'e va'erã chupe*). (JULIANA DUARTE, 2023).

Em seu texto, Sandra Benites confirma sobre a necessidade com os cuidados com os meninos e acrescenta que,

Os meninos, também, no período de engrossar a voz, tem que consumir pouca carne vermelha e fazer o mesmo ritual quando vai comer carne, mastigar e colocar no fogo, já que a carne malpassada não é apreciada pelos Guarani; segundos os mais velhos(as), isso pode gerar futuros problemas de saúde. (BENITES, 2018, p. 69).

Aqui, dona Juliana dá uma orientação todos, pois serve para meninas e meninos:

Na segunda geada do ano precisam ir tomar seu banho também para rejuvenescer e também para pegar saúde para sua vida, resistência, para, futuramente, não ser uma pessoa fraca ou que sinta dor de cabeça. De madrugada, quando o galo começar a cantar, os pais já avisam para levantar e ir, se jogar no rio, sair e vir embora antes de amanhecer; precisa ir e voltar antes de o sol sair, e já aproveita para trazer água para sua mãe. Isso tem que ser feito muito rápido, correndo. (JULIANA DUARTE, 2023).

As conversas com a dona Juliana foram dias de muitos aprendizados sobre coisas que pratico e que devo praticar em minha parentela, no meu dia a dia mesmo e também como mãe de um menino. Ela me ensinou sobre os cuidados que devo tomar com o meu filho, os processos que podem estar acontecendo, as mudanças que virão e me orientou a já começar a educação tradicional do meu filho, isso foi muito legal. Ela falou que poderia muito bem estar fazendo e escrevendo sobre como deve ser vida de menino e não de menina. Isso me fez refletir sobre, mas quem sabe no futuro?

Foi um aprendizado. Ela me contou coisas, sobre os meninos e as meninas, e eu aprendi e vou levar isso comigo. Quando ela falou que fica muito feliz com o fato de uma pessoa indígena registrar esses conhecimentos no papel, eu fiquei muito preocupada na responsabilidade que ela me deu e eu não esperava por isso. Destacou que quando se for, partir desta vida, “Vamos embora e tem que ficar a nossa história” - disse ela. Todos os cuidados que ela foi falando, eu fiquei até tremendo, foi uma coisa surpreendente. A confiança dela em mim foi enorme. Ela conhece a história da minha família desde que chegaram aqui, me conhece desde que eu nasci e ela acompanha minhas histórias na vida pessoal e também profissional, ela fala que acha muito interessante e se sente representada em minha caminhada como mulher independente e mãe solteira.

Eu perguntei como ela se sentia quando ela ficou solteira, que se separou do marido dela com seus filhos. Ela disse que preferiu assim. Contou que houve julgamento e que sempre haverá, mas que hoje está feliz, aposentada, independente, com seus filhos e netos crescidos, que ela educou e que hoje estão cada um cuidando de sua vida. Quando alguém a procura para falar de remédios, disse que ajuda do fundo do seu coração e que essa é a sua vida, mas que ela fica triste que nenhum dos seus filhos e filhas a procuram para saber conhecer ou aprender sobre esses conhecimentos. Se preocupa, pois precisa repassar para o próximo. Esse é o processo que deve ser seguido entre nós indígenas. Mas, também não é qualquer um que pode saber. Tem que ser alguém que vai fazer um bem para seu próximo e que quer ajudar o seu povo.

3.3. Falar como mulher guarani e kaiowa

A mulher tem um jeito, poderoso e perigoso, que os mais sábios reconhecem e têm receio, ainda mais quando está gestante. Em nenhum momento pode deixá-la chateada, ou o marido sair de casa deixando-a brava ou chateada. Quando chegamos na *Yvykuarusu/Takuaraty* foi em 1985, mas eu nasci em 1988. Em torno de 1992, ouvia muito dizer que se o marido foi caçar e acontecia de cair e se machucar, sem caçar nada, não teve sorte. Mas, outro já falava: mas a mulher dele não queria que ele fosse, mas ele foi, por isso não conseguiu nada.

Quer dizer que ele tem que ir com a permissão da mulher e do bebê que está em sua barriga, no caso das gestantes. Tem que falar, mesmo que esteja na barriga da mãe ainda, e ela também tem que deixar o marido ir, de maneira saudável, não desejando que

aconteça alguma coisa. Lauriene confirma, em seu texto (SERAGUZA, 2013, p. 60), sobre essa questão em um conversa que teve com a *ñandesy* Celeste: “A xamã explicou que a mulher “é um elemento quente, ela é alterada, quando abre a boca sai sempre uma verdade que pode ofender alguém”. É preciso tomar cuidado ao falar para não “machucar as pessoas, atingir, o que fala acontece, pois ela é *ñaña*.”

Concordo com esta pesquisadora e afirmo que isso não se refere só para as gestantes. A mulher tem um poder na fala, que acaba acontecendo (*juru vai*); se ela deseja uma coisa boa através de sua fala, vai acontecer, e se falar algo como ameaça ou desejando que aconteça algo não agradável, pode acontecer também. Sandra (BENITES, 2018, p. 8) também afirma que a “fala tem poder, pois uma narrativa bem-intencionada e direcionada domina e se reproduz com força.” Quando eu era menor, meu pai falava muito (*ha ijuru vai oĩ nde*), falava quando acontecia algo e eu só ouvia, hoje ele não fala mais. Segundo ele, *juru hatã* é o que sai com muita vontade da boca, que venha do *py’a* (coração) da mulher e costuma acontecer; se falar com muita maldade, *py’a hatã*, com alguém, independente do sexo, pode ser perigoso.

A pesquisadora Guarani, Sandra Benites, ainda fala em seu texto, que isso só existe na perspectiva dos homens, e que causa essa reação nas mulheres.

Portanto, os homens precisam ouvir e compreender para colocar na consciência que as mulheres sempre fizeram parte deles, porém são corpos diferentes. Eles devem sempre procurar saber a complexidade do corpo de uma mulher porque respeitar uma mulher significa respeitar seus princípios, pois a mulher é a base do ser humano. (BENITES, 2018, p.11).

Em conversa com a dona Usébia Romero, entendi que a mulher tem todos e tudo na mão. Usebia, a parteira, fala que nós somos mulheres com muitas funções dentro de casa e tudo pode ser feito em menos tempo porque *Ñanderu* deu *pytu* para ela viver e para que ela fosse a dona de tudo, viver uma gestação, sofrer para ter seu filho, amar seu filho, educar filho. *Pea ha’e mboriahu sy ha kuña oguerokova. Kuimba’e oiko kuñagui, kuimba’e ohendu va’erã kuña oñe’ẽrõ* - O homem tem que ouvir a mulher e ela sempre está certa porque tem o instinto - *oiporu kuaa iñarandu*. Tem que saber usar sua sabedoria.

Acredito muito que cada uma de nós mulheres, somos um *mba’e kuaaha* “mulher que sabe” Isso vem dos nossos antepassados e se faz muito presente em nós que, enquanto mulheres, temos pressentimentos, no olhar, na sua maneira de pensar, na sua sabedoria e conhecimento. Os não indígenas falam que “elas sempre têm razão”, e o poder

que o feminino da mulher tem entre nós indígenas é bem mais forte. Existe muito forte também entre nós, que a mulher, por ser mulher, é cheia de restrições, ou seja tem certas situações que guiam para a vida adulta, por exemplo, em que a pessoa que pretende ser mãe, precisa aprender a como cuidar da saúde, de sua alimentação, comportamento, afazeres domésticos e outros, depois do parto inicia-se um outro processo, quando a criança crescer outro processo e cada processo é diferente.

Neste capítulo trouxe os desafios de ser mulher, de tomar os cuidados de como vão falar com os seres, sem ofensas, sem que possam deixar ela chateada. No passado, *ñandesy* Celeste me contou que o que as mulheres falavam, acontecia, então tinha que pedir para fazer algo com o marido, se pode caçar ou pescar e ela, se desejar com bom coração ele tinha “sorte” na empreitada, então trazia caça ou pescava peixe. Também nas reuniões se tiver uma situação delicada, as mulheres são sempre consultadas, sempre a mais velha, mais idosa aconselha as mais jovens. Porque a mais idosa ela tem experiência de vida com todas as situações e também se mostra respeitada pela comunidade, “*imarangatuva, iñaranduva*” respeitada, sábia.

“A mulher ela é dona do poder todo”, como me ensinou a *ñandesy* Celeste, a mulher tem o dom de abençoar e também de amaldiçoar na sua fala, independente de quem seja. Dona Juliana falou que quando, por exemplo, a mulher no parto estiver ali sofrendo porque está separada, se deseja voltar com o marido é para pedir com toda força ou pode amaldiçoar para que ele nunca mais se case com ninguém. São falas fortes que podem fazer neste momento, é tipo um ritual ali que vai sair algo (*ipy'aitegui*) do fundo do coração.

As mulheres tem esses poderes, que tem que ser usados com sabedoria nos momentos certos pela pessoa que realmente sabe usá-los e também se for isso mesmo que deseja. Então, é uma situação que também não é muito fácil. Elas são realmente muitos inteligentes, a Dona Juliana me ensinou que todas as mulheres precisam sempre carregar um “*pajé*”, um encantamento junto, são coisas, momentos, mas que não podemos abusar ou passar dos limites com o *pajé*, que pode ser usado no tereré, chimarrão, ou chá, café hoje em dia. Antigamente era na *chicha*, e a erva utilizada para esses encantamentos não faz mal para ninguém se souber usar, e é passageira.

Considerações Finais

“Fazer se entre muitas: trajetórias entre mulheres de uma antropóloga guarani”. Iniciei minha pesquisa falando de mim como mulher guarani e que meus pais vieram morar na *tekoha Yvukuarusu* contra vontade de sua família, a convite do líder Pancho Romero com objetivo específico de contribuir na mediação da luta pelo território, já que ele falava e entendia o português. Então, eu nasci entre os kaiowá, cresci, convivo e trabalhei com eles ainda hoje. Minha admiração pelas mulheres veio desde muito cedo, de casa com minhas avós, mães e irmãos e quando fui me tornando mulher, passo admirá-las mais ainda pelo o que são, pelas suas histórias de vidas, cada uma tem a sua sabedoria e poder como mulher na sociedade indígena e não indígena. Lauriene Seraguza em seu trabalho destaca esse papel e a importância delas, assim como a Sandra Benites que também fala da trajetória de vida dela e dos obstáculos e as diferenças de educação que temos como mulheres indígenas e com os não indígenas, explica sobre o processo da formação do corpo da mulher em desenvolvimento, como dever ser o caminhar de mulher guarani.

O início de tudo é a formação sobre o corpo de mulher que começa lá quando ela nasce, o tratamento é diferente, as restrições na alimentação, como deve se comportar, de falar com as pessoas, como tem que ser em diversas ocasiões, tudo isso as pessoas percebem e aprendem para criar as meninas. Também estão atentas em como devem tratar as pessoas, servir, quando fizer algum trabalho doméstico que foi passado a ela tem que ser bem feito, se for ao contrário, as consequências veem na sua vida adulta onde pode ser bem sucedida nos seus trabalhos, ou não serviria para ser uma boa esposa ou dona de casa. As pessoas mais velhas da comunidade percebem como está o processo de educação da menina, isso também é observado na família.

Ñandesy Celeste e a dona Juliana, minha mãe *Aquemi* falaram muito bem durante a minha pesquisa, ensinaram que tem que cuidar no início, seguir os protocolos do processo a risca (*hekorã, heko marangaturã, heko porã aguanteke henondererãme, oikove puku hagua avei*), para ter uma vida de qualidade bem sucedida, de sucesso em todos os sentidos. Isso vem do processo de seus auto-cuidados, que foi o foco na

convivência entre as mulheres e com as mulheres, na família *che ypykuerareheve* e também nas parentelas de cada um.

A sociedade hoje vê a atuação e ocupação das mulheres em cargos de confiança, trabalhando estudando mesmo com muitas dificuldade e afazeres e ainda discrimina muito a mulher em si, hoje aos poucos vamos levantando, vamos ocupando espaço na sociedade guarani e kaiowa, a maior parte machista ainda, fruto do contato com os não indígenas e o jeito ruim que os brancos tem de cuidar de suas mulheres.

É muito importante dizer aqui que a pesquisa em si foi a fala de vidas de mulheres, da convivência entre as mulheres, das dificuldades enfrentadas atualmente e também como deve ser o *kuña rekope* e a educação e os desafios de vida de mulher desde muito antes de ser gerada pelos seus genitores. Muitas das vezes não desejam que venham outra mulher na sociedade para não enfrentar os desafios da vida aqui fora, não deseja que venha não por preconceito, mas para não sofrer por processos muito doloridos, e também com o julgamento da sociedade humana em geral.

Vejo que através da minha pesquisa posso me fortalecer mais ainda nessa caminhada da minha vida como mulher. A vida me fez ter mais vontade de continuar e mostrar a educação que recebi desde o início da minha mãe e que é fundamental para a minha vida “*teko*” como filha, como mulher, mãe, professora e estudante, isso me fez quem sou hoje. Realmente isso é comprovado, de que quem passa por esses “cuidados da cultura” se tornam pessoas e mulheres fortes, saudáveis e carregam sabedoria consigo, que é muito poderoso e que é para ser usado com muito carinho.

Na vida tudo tem sua hora. Já respeitava e admirava muito as mulheres, agora mais ainda, respeito elas com um olhar diferente, pois me confiaram suas histórias de vida e seus conhecimentos, hoje vejo o respeito além. Trouxe na bagagem como devo ser com meu filho e isso é fundamental também para mim, como mãe solteira, pois tem muitos rituais nossos que já sigo e pratico muito mais depois da pesquisa. Por mais que estejam diminuindo em relação a como eram praticados antigamente.

Esta pesquisa me fez ver tudo o que eu vivi desde a infância até a minha vida adulta, mas sabendo por outras mulheres, não somente pela palavra da minha mãe que me orientou até aqui. Isso foi um presente.

Bibliografia

BELAUNDE, L., DAINESE, G., SERAGUZA, L. *Sobre gêneros, arte, sexualidade e a falibilidade desses e de outros conceitos: Entrevista com Luisa Elvira Belaunde Olschewski*. Revista *Ñanduty*, v.5, p.286 - 308, 2016.

BENITES, Sandra. “*Viver na língua guarani: mulher falando*”. Dissertação de mestrado em antropologia, Museu Nacional, UFRJ, 2018.

BENITES, Tônico. “*Rojeroky hina ha roike jevy tekohape (Rezando e lutando): o movimento histórico dos Aty Guasu dos Ava Kaiowa e dos Ava Guarani pela recuperação de seus tekoha.*” Rio de Janeiro: Tese de doutorado, PPGAS/UFRJ/MN, 2014.

BRAND, Antonio Jacob. *O confinamento e o seu impacto sobre os Pãi-Kaiowá*. Dissertação de Mestrado. PUCRS, 1993.

CARIAGA, Diógenes Egídio. “*Relações e Diferenças: a ação política kaiowa e suas partes*”. Tese de doutorado em antropologia social. UFSC, 2019.

CHAMORRO, Cândida G. A. *Kurusu Ñe'ëngatu: palavras que la história no podría olvidar*. Assunción: Centro de Estudios Antropológicos/Instituto Ecuemênico de Posgrado/ COMIN, 1995.

CRESPE, Aline Castilho. *Acampamentos indígenas e ocupações: novas modalidades de organização e territorialização entre os Guarani e Kaiowá no município de Dourados – MS (1990 – 2009)*. Dissertação de mestrado em História. Dourados, UFGD, 2009.

PEREIRA, Levi Marques. *Imagens Kaiowá do Sistema Social e seu Entorno*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo/SP: USP, 2004a, 403p.

ROSSATO, Veronice Lovato. *Os resultados da escolarização entre os Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul: Será o 'letrão' ainda um dos nossos?*. Dissertação de Mestrado em Educação. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2002. 169p.

SANTOS, Maria Perpétuo do Socorro dos. *O Forte do Iguatemi: Atalaia do Império Colonial e Trincheira da Memória dos Índios Kaiowa da Paraguassu*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas/SP: UNICAMP, 2002. 159 p.

SANTOS, Vinicius J. F. *O Trabalho da memória entre os kaiowa da terra indígena Yvykuarusu/Takuaraty*, dissertação de mestrado em antropologia, UFF, 2014.

SEEGER, A., VIVEIROS de CASTRO, E. e DA MATTA. A Fabricação dos corpos nas sociedades indígenas no Brasil. In: *Boletim do Museu Nacional*, n. 32, Rio de Janeiro: Nova Série, 1979.

SERAGUZA, Lauriene. 2023. *As Donas do Fogo - política e parentesco nos mundos guarani*. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da USP.

SERAGUZA, Lauriene. *Cosmos, Corpos e Mulheres Kaiowa e Guarani – De Aña a Kuña*. Dissertação de mestrado em antropologia, Dourados: PPGAnt/UFGD, 2013, 196 p.

SERAGUZA, Lauriene. *Do fluxo do sangue aos cortes da vida em reserva: sangue, ritual e intervenção entre as mulheres Kaiowa e Guarani em MS*. Revista Tellus, Campo Grande, MS, ano 17, n. 33, p. 139-162, maio/ago. 2017.

THOMAZ DE ALMEIDA, Rubem - *Relatório de Identificação das terras do Yvykuarusu/Takuaraty*. Sobre a questão da terra, território, aldeia e comunidade entre os Guarani-Kaiowa do MS e Paraguai. Brasília: FUNAI, 1984. 60p. Mimeo.

VERA, Kelly Duarte. *Conhecimentos, práticas e rituais envolvidos na preparação das meninas guarani e kaiowa para o teko porã*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, MS, 2017.

VALIENTE, Celuniel Aquino. *MODOS DE PRODUÇÃO DE COLETIVOS KAIOWÁ NA SITUAÇÃO ATUAL DA RESERVA DE AMAMBAI, MS*. Dissertação de mestrado em antropologia, PPGANT, UFGD, Dourados/MS, 2019.

VERA, KESLEY BULL. *A história da retomada de Yvykuarusu/Takuaraty, Paranhos, Mato Grosso do Sul*. Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu, Linguagens – 2022.